

LUCIA MARIA PINHO DE VALHERY JOLKESKY

**LEGIBILIDADE DE DIÁLOGOS:
A COLOCAÇÃO DE PRONOMES NAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE
PINÓQUIO DE 2002**

Florianópolis

2007

LUCIA MARIA PINHO DE VALHERY JOLKESKY

**LEGIBILIDADE DE DIÁLOGOS:
A COLOCAÇÃO DE PRONOMES NAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE
*PINÓQUIO DE 2002***

Dissertação apresentada à Pós-
Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa Catarina
para obtenção do título de Mestre em
Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Andréia Guerini

Florianópolis

2007

À tia Helena, que me ensinou a ler e a amar os livros

Agradecimentos

À Prof. Dra. Andréia Guerini, orientadora desta dissertação

Ao meu marido, companheiro e amigo, pelo apoio e pela compreensão

Ao Roger Miguel Sulis pelas oportunas sugestões e pela colaboração na formatação

*A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. 'É uma
nutrição'.*

Cecília Meireles

RESUMO

Esta dissertação analisa a colocação dos pronomes pessoais e possessivos nos diálogos das traduções brasileiras de *Le Avventure di Pinocchio* de Carlo Collodi, um clássico italiano da literatura infantil, publicadas em 2002. Além disso, procura avaliar a influência sobre a legibilidade do texto por crianças e para crianças. Este trabalho se insere nos Estudos Descritivos da Tradução, que observam as traduções não somente em relação ao texto de partida, mas principalmente levando em consideração o seu papel no contexto cultural a que pertencem. O resultado deste estudo revelou que a colocação pronominal nos diálogos apresenta-se ora de acordo com o usual no português falado no Brasil, ora de acordo com a norma culta. Foram identificados dois tipos de situação que não favorecem a leitura fluente: as decorrentes do emprego dos pronomes em desacordo com a língua falada e as que prejudicam a compreensão e impedem a leitura fluente.

Palavras-chave: literatura infantil, literatura italiana traduzida, tradução de diálogos, colocação pronominal, legibilidade, teoria descritivista.

ABSTRACT

This dissertation analyses personal and possessive pronoun collocation in dialogues taken from Brazilian translations published in 2002 of the Italian children's book writer Carlo Collodi's classic *Le Avventure di Pinocchio*. This work is aligned with Descriptive Translation Studies and it therefore treats the translations not only in relation to the source text, but also in consideration of their role in the cultural context to which they belong. In addition to this it aims to evaluate the influence on the readability of the text by and for children.

KEYWORDS: children's literature, translated Italian literature, dialogue translation, pronoun collocation, readability, descriptive theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: <i>PINOCCHIO</i> : UM CLÁSSICO DA LITERATURA INFANTIL	14
1.1 <i>Le Avventure di Pinocchio</i> : o autor e a obra	14
1.2 <i>Pinocchio</i> na Itália e no Brasil	20
CAPÍTULO 2: A TEORIA DESCRITIVISTA NAS TRADUÇÕES DE LITERATURA INFANTIL	23
2.1 Estudos Descritivos da Tradução	23
2.2 A tradução de Literatura Infantil	30
CAPÍTULO 3: LEGIBILIDADE DE DIÁLOGOS: A COLOCAÇÃO DE PRONOMES NAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE <i>PINÓQUIO</i> DE 2002	37
3.1 Aspectos gerais das traduções	37
3.2 Análise dos pronomes nos diálogos	42
CONCLUSÃO	80
BIBLIOGRAFIA	86
ANEXOS	93
Anexo A – Publicações de <i>Le avventure di Pinocchio</i> na Itália	94
Anexo B – As traduções brasileiras de <i>Pinocchio</i>	95
Anexo C – Diálogos presentes nas traduções brasileiras de <i>Le Avventure di Pinocchio</i> publicadas em 2002	96
Anexo D – Estratos e diálogos selecionados para análise	97
Anexo E – Quadro sinóptico da colocação pronominal na tradução de Colasanti	98
Anexo F – Quadro sinóptico da colocação pronominal na tradução de Nasseti	101

Anexo G – Quadro sinóptico da colocação pronominal na tradução de Rinaldi	104
Anexo H – Quadro comparativo das opções de uso dos pronomes não favoráveis à legibilidade nas traduções analisadas	107
Anexo I – Biografia de Marina Colasanti	108
Anexo J – Biografia de Pietro Nasseti	110
Anexo K – Biografia de Gabriella Rinaldi	111

INTRODUÇÃO

Apesar da grande intensidade da tradução de literatura infantil, só há bem pouco esse gênero tem sido considerado um campo válido para os Estudos da Tradução. Durante muitos anos esse ramo não foi alvo de estudos científicos e, ainda hoje, poucos estudiosos da tradução têm se dedicado a pesquisá-lo¹. No entanto, é uma importante área de pesquisa que permite muitos estudos, porque envolve diversos sistemas relacionados à cultura, como o educacional, o social e o literário.

Com o intuito de contribuir com esse campo de pesquisa, apresento esta dissertação cujo objetivo é identificar a presença de normas² adotadas para o emprego dos pronomes pessoais e possessivos nos diálogos e a provável influência que exerçam na legibilidade em três traduções brasileiras integrais do clássico infantil *Le avventure di Pinocchio* de Carlo Collodi³ publicadas no ano 2002. Este tipo de investigação serve de instrumento para avaliar as técnicas adotadas nas traduções num determinado período histórico, o que, na ótica descritivista, é muito importante.

A hipótese inicial é de que a proximidade das línguas fonte e alvo, o italiano e o português brasileiro, pode ter interferido na sintaxe pronominal, no léxico e nas comparações que se apresentam no texto, dificultando a legibilidade por parte da criança brasileira.

Segundo Oittinen⁴, a legibilidade é indispensável para a compreensão de um texto e exige certas adaptações para aproximá-lo do leitor. A sintaxe pronominal nos diálogos, por sua vez, pode interferir na leitura, seja silenciosa ou em voz alta do texto.

¹ SHAVIT, Z.. *Poetics of Childrens' Literature*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1986, Preface. In: <www.tau.ac.il/~zshavit/>. Acesso em 21/06/05.

FERNANDES, Lincoln. *Brazilian Practices of translating Names in Children's Fantasy Literature: a corpus based study*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, p.17 e 18.

² As normas, sempre que mencionadas, são consideradas segundo a definição de Toury e que aparecem em TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 51-69. (em substituição à publicação *In Search of a Theory of Translation* (1980) , conforme informação no GIDEON TOURY'S SITE. In:< www.tau.ac.il/~tourney/works/dts.html >. Acesso em 13/09/06).

³ ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, p.32,33 inclui Collodi com a obra *Aventuras de Pinóquio* entre os “autores de maior percussão que contribuíram para a maioria” da literatura infantil.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002:119-121, inclui essa obra entre os clássicos.

⁴ OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 6, 19-21.

Isto é um problema para o tradutor e é também uma dificuldade que enfrentam escritores brasileiros quando escrevem para crianças. O dilema entre escrever de acordo com as regras gramaticais e, talvez, deixar o texto pedante, distante da criança ou escrever de forma coloquial, sem seguir as regras gramaticais, e tentar tornar o texto mais fluente, terá de ser enfrentado pelo tradutor.

Este tipo de análise se justifica porque devemos ter em mente a responsabilidade da literatura infantil na formação do hábito da leitura e o emprego do texto de literatura infantil para o ensino da língua portuguesa, além de permitir novas interpretações do mundo, propiciar o autoconhecimento e colaborar com o desenvolvimento da personalidade da criança através da relação entre o mundo estético e o mundo real, função primordial da literatura. Todas estas funções, para serem atingidas, dependem da compreensão do texto por parte do leitor, que está relacionada com a legibilidade.

É fato que, em primeiro lugar, a criança precisa dominar a ferramenta da leitura, mas a alfabetização de uma criança deve almejar mais do que simplesmente ensinar-lhe uma habilidade. É importante que se forme um leitor, isto é, que a leitura propicie momentos de lazer, seja fonte de informações, seja feita de um modo crítico, enfim, que aos poucos a criança vá reconhecendo na leitura uma companhia agradável, enriquecedora, portadora de mensagens que vão ao encontro de suas necessidades psíquicas.

A alfabetização pode se dar sem o livro infantil, mas o verdadeiro ato de ler implica numa percepção crítica, interpretação e releitura do mundo, é função da literatura, e não se estabelece sem o livro. Entretanto, a formação de um leitor não é algo natural, é preciso empenho e depende de dois grupos de fatores: os ligados ao despertar do interesse pela leitura e os relacionados à produção de material adequado, ou seja, livros que interessem à criança, escritos numa linguagem acessível, o que não significa facilitada.

O empenho e as técnicas para despertar o interesse pela leitura dependem dos pais, professores e bibliotecários. Aos pais cabe propiciar à criança o contato com os livros o mais cedo possível, ainda como um brinquedo, e também o exemplo da leitura. Aos professores cabe encontrar maneiras criativas de avaliar as leituras, evitando resumos e questionários padronizados, que tiram do aluno a possibilidade da crítica livre. Aos bibliotecários cabe a seleção e indicação de livros apropriados a cada fase do desenvolvimento das crianças.

A produção de material para leitura envolve autores e tradutores de obras para crianças. A leitura é um ato de comunicação, deve haver “um pacto entre autor e leitor” e “uma circunscrição de limites: em termos de vocabulário, organização e seleção, e até mesmo no diálogo com o leitor”⁵.

Entre os diversos tópicos que devem ser observados ao avaliarmos a adequação de uma obra para crianças estão os diálogos que devem ser naturais, escritos numa linguagem simples, clara e eficaz, próxima à realidade da criança. A necessidade da linguagem ser atual para cativar o pequeno leitor é um dos motivos para que se apresentem novas traduções de uma obra já traduzida.

A literatura infantil está intimamente ligada à educação, porque destina-se a crianças em fase de aprendizagem, por isso, alguns educadores vêm empregando textos de literatura infantil como uma forma de exposição à língua escrita com a finalidade de assimilar a gramática sem a necessidade do estudo a partir das regras gramaticais, que tornam o ensino árido, desinteressante e distante da realidade do aluno.

Uma grande parte do acervo da literatura infantil publicada no Brasil provém de obras traduzidas e a indicação de livros para leitura conforme a faixa etária da criança inclui traduções, fato que reforça a necessidade de um estudo dos textos traduzidos.

Por isso, o corpus examinado nesta pesquisa consta das traduções integrais da obra *Le avventure di Pinocchio* de Collodi posteriores a um período histórico no qual a questão, ainda polêmica, de empregar a linguagem coloquial em textos escritos já é uma realidade

Entre as traduções recentes estão as publicações de três traduções em 2002, da 15ª edição da tradução de Monteiro Lobato em 2004 e de duas novas traduções em 2005. Optei pela análise das três publicadas em 2002 porque, além de terem sido editadas pela primeira vez no mesmo ano, interromperam um longo período de dez anos sem novas traduções da obra. São elas:

- *As Aventuras de Pinóquio*. Carlo Collodi. Tradução de Marina Colasanti. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- *As Aventuras de Pinóquio*. Carlo Collodi. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- *As Aventuras de Pinóquio*. Carlo Collodi. Tradução de Gabriella Rinaldi. São Paulo: Iluminuras, 2002.

⁵ PONDÉ, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985, p. 79.

A metodologia adotada será a análise das falas de Pinóquio, a fim de ver o emprego dos pronomes pessoais e possessivos. Os diálogos analisados correspondem a uma amostra de todos os diálogos em que Pinóquio é um dos falantes, pois é o personagem principal.

Ademais, procuro identificar, dentro da diversidade, certos comportamentos comuns às traduções que permitam delinear as normas que norteiam as traduções para uma dada cultura num determinado período, e caso existam, verificar se favorecem a legibilidade. Seguindo a linha descritivista, as observações começarão nas traduções, por isso, somente após a discussão de cada caso será fornecido o trecho correspondente do original para comentários posteriores.

O procedimento seguirá o método proposto por Lambert & Van Gorp⁶. Este método propõe a observação dos dados preliminares, como a presença dos nomes do tradutor e do autor, de metatextos; a análise no nível macro, quando é feita uma confrontação do texto traduzido com o texto fonte para verificar semelhanças e diferenças que permitirão o levantamento de hipóteses sobre as escolhas dos tradutores; a micro-análise, quando são examinados excertos das traduções; e, finalmente, a comparação dentro do contexto sistêmico.

A avaliação da legibilidade está baseada na definição de Puurtinen⁷ que relaciona a legibilidade à fluência da leitura em voz alta. Como os diálogos representam uma expressão oral e, segundo Perini⁸, as variedades coloquiais são típicas da linguagem oral, pode-se considerar que o emprego desta variedade nos diálogos torna-os mais naturais favorecendo a fluência da leitura. Por isso, foi necessário um enfoque lingüístico para fundamentar as análises das falas em estudos sobre os usos do português brasileiro, tanto no uso coloquial como na norma culta. Isto é factível na linha de pesquisa adotada devido ao caráter interdisciplinar dos Estudos da Tradução

Visando uma seqüência coerente e clara para esta exposição, a dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo da dissertação apresenta a obra *Le avventure di Pinocchio* de Carlo Collodi. Contém informações sobre o autor, a obra, e a repercussão da obra na Itália e no Brasil.

⁶ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Hermans, T.(edit). New York: St. Martin Press, 1985, p. 42-53.

⁷ PUURTINEN, T. *Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature*. In: Meta XLIII, 4, 1998, p. 2.

⁸ PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995, p. 24.

O segundo capítulo trata do embasamento teórico. Inicialmente é feito um breve levantamento da tradução ao longo dos tempos. Em seguida, são apresentados os fundamentos da linha descritivista implantada por Toury⁹ e os passos do método prático escolhido para efetuar a análise: o método de Lambert & Van Gorp¹⁰. Finalmente é apresentada uma exposição sobre literatura infantil: o conceito, as funções, os pontos importantes a serem observados na tradução desse gênero de literatura, destacando-se a questão da legibilidade do texto.

O terceiro capítulo da dissertação corresponde à análise das traduções. O foco é o exame da colocação pronominal nos diálogos tendo em vista a legibilidade do texto. Isso será feito através da descrição da opção de cada tradutor e da comparação com o que foi constatado como usual no português brasileiro falado através de estudos lingüísticos e da frequência no Google de cada situação examinada. Concomitantemente é feito um cotejamento entre as escolhas dos tradutores visando identificar condutas comuns que possam ser consideradas normas do contexto sistêmico.

A conclusão encerra o trabalho com a análise dos dados observados dentro dos parâmetros estabelecidos.

⁹ TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 51-69.

¹⁰ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Hermans, T.(edit). New York: St. Martin Press, 1985, p. 42-53.

CAPÍTULO 1

PINOCCHIO: UM CLÁSSICO DA LITERATURA INFANTIL

1.1 *Le Avventure di Pinocchio* : o autor e a obra

Carlo Collodi é o pseudônimo de Carlo Lorenzini (1826-1890), nascido em Florença, adotou o nome Collodi, nome da região de origem de sua mãe, com o qual passou a assinar as obras dos anos 70 e 80¹¹. Collodi, primogênito de uma família de 10 filhos, passou por dificuldades econômicas na sua infância. Sua mãe pertencia a uma família modesta e seu pai era cozinheiro da casa do marquês Ginori. Foi o marquês que, a pedido do pai de Collodi, auxiliou Carlo e o irmão Paolo a estudarem. Carlo foi destinado à vida eclesiástica e foi estudar no Seminário di Colle Val d'Elsa, depois fez o curso de “Rettorica e filosofia” na escola de San Giovannino dos Padres Scolopi. Foi um autodidata. Aos vinte anos iniciou sua carreira fazendo resumos para o catálogo de uma livraria de Florença e em seguida para o jornal especializado *L'Italia Musicale*. Em pouco tempo tornou-se famoso como jornalista, fundou com o irmão Paolo o jornal *Il Lampione* (1848), um jornal popular, político, radical, que procurava mostrar ao povo os programas políticos. Esse jornal foi fechado em 1849, mudou então sua atividade para crítico teatral, musical e literário. Revelou-se anticlerical e um ferrenho republicano. Também foi panfletista e voluntário nas Guerras de Independência de 1848 e de 1860. No início da década de 1850, dirigiu *Scaramuccia*, jornal fundado em 1853 no qual publicou artigos sobre o melodrama, expressão artística muito popular na Itália da época, revelando-se um crítico competente. Collodi freqüentava o *Caffé Michelangiolo*, onde se reuniam os *macchiaioli*¹², e era ele próprio um *macchiaiolo*, no sentido toscano da palavra, que indica um temperamento de moleque sem juízo, provocador. Em 1868, Collodi foi convidado pelo ministro Emilio Broglio a participar da comissão para organizar o *Nuovo*

¹¹ Há controvérsias quanto à primeira obra assinada dessa forma.

¹² *Macchiaiolo*: pittore del movimento sorto a Firenze verso la meta del XIX sec., caratterizzato da una tecnica pittorica basata sulla giustapposizione di macchie di colore. (ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Edizione Terzo millennio. Bologna: Zanichelli, [2000], p. 585).

Nei giovani artisti (...), si avvertiva in forma singolare il disagio che identificava gli spiriti di ribellione sociale e politica. (UGULINI, Albertina. *I Macchiaioli*. In: <kidslink.scuole.bo.it/irrsaer/arte/annuario/macchi.html>. Acesso em 05/ 03/ 2007).

vocabolario della lingua italiana all'uso di Firenze propondo termos toscanos para substituir os francesismos. Tinha grande talento para escrever histórias breves e jocosas. Escreveu obras para adultos, como romances sobre a vida contemporânea, mas encontrou o verdadeiro sucesso quando se dedicou a escrever para crianças.

Iniciou sua produção literária para crianças em 1876 traduzindo para a editora Paggi contos de fadas franceses (Perrault, Mme. Leprince de Beaumont, Mme. d'Aulnoy) que foram reunidos na publicação *Racconti delle fate* (1875). Nessas traduções, Collodi fez várias adaptações não só no ambiente das histórias, toscanizando-as; como também na técnica narrativa, franca e irônica, nas opções lexicais sonoras; na intempestividade da língua toscana; e no estilo médio urbano. As fábulas passaram a ter um aspecto mais burguês, menos cerimonioso, e passaram a ser mais voltadas para a educação sentimental dos jovens leitores.

Por encomenda da editora Paggi, escreveu livros para a escola elementar, o que fazia com grande originalidade lingüística e estilística, onde unia a narração à divulgação de conhecimentos científicos e literários, tornando-se um benemérito da educação pública na Itália. Entre as obras escritas com essa finalidade estão: *Giannettino* (1877), uma reescritura do clássico *Giannetto* de Parravacini; *Minuzzolo* (1878); a série de *Giannettino* dedicado à educação (1879-1890), *Storie allegre* (1881), *Pipì o lo scimiettino color rosa* (1887). Em 1881 foi publicado no *Giornale per i bambini* o primeiro capítulo de *Storia di un burattino*, que deu origem ao livro *Le Avventure di Pinocchio*. Somam-se a essas diversas outras obras dedicadas aos adultos, entre elas: *Gli amici di casa*, drama em dois atos (1856); *Un romanzo in vapore. Da Firenze a Livorno* (1856); *I misteri di Firenze* (1857); *Il sig. Albèri ha ragione* (1860); *Occhi e nasi* (1881). Entre as obras póstumas estão: *Divagazioni critico-umoristiche e Note gaie*, reunidas e organizadas por *Giuseppe Rigutini* (1892); *Cronache dall'Ottocento*, reunião de artigos de Collodi publicados sob vários pseudônimos, organizado por Daniela Marcheschi (1990).

Collodi morreu repentinamente em 1890. Foi reconhecido como jornalista e escritor de textos escolares. O sucesso *Le avventure di Pinocchio* não se restringiu à Itália, e o valor literário dessa obra foi mundialmente admitido ¹³.

¹³ CARLO LORENZINI. In: <www.pinocchio.it>. Acesso em 08 / 04/ 2006.

KREYDER, Laura. Italy. In: *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. Ed.: HUNT, Peter & Ray, Sheyla. London/ New York: Routledge, 2002, p. 757-759.

MARCHESCHI, Daniela. *Collodi ritrovato*. Pisa: ETS, 1990, p. 11-36.

TRAVERSETTI, Bruno. *Introduzioni a COLLODI*. Bari: Laterza, 1993, p. 3-32, 80, 139, 140.

Le Avventure di Pinocchio, a obra prima de Collodi, é a história de um boneco de madeira feito por Gepeto, um homem velho e pobre. Porém, é feito de um tipo de madeira mágica que, depois de pronto, começa a se mexer e agir como um menino qualquer. Desobedece, não ouve os conselhos dos mais velhos, prefere divertir-se em vez de ir à escola, é ingênuo, mas tem um bom coração. Pinóquio tem uma característica: quando mente seu nariz cresce. Gepeto se afeiçoa a Pinóquio e o trata como um filho. Quando Pinóquio sai de casa para ir à escola, envolve-se em diversas aventuras e dificuldades. Finalmente, através de seu próprio esforço, e com o auxílio da Fada dos Cabelos Azuis, Pinóquio se transforma num menino de verdade.

Esta história foi escrita no período da Restauração da Itália, ou seja, do recém formado Reino da Itália, que congregava regiões que apresentavam diferenças profundas e históricas, diferenças essas de ordem política, administrativa, social, civil e lingüística. Com o intuito de minimizar essas diferenças, foi implantado um programa de educação, destinado a todos, e baseada nos moldes da burguesia. Tornava-se imperiosa a questão de estabelecer uma língua comum a toda a nação, a questão da língua deixou de ser um problema acadêmico e passou a ser político-administrativo. Entre os inúmeros dialetos falados na Itália¹⁴, foi escolhido, pelos adeptos de Manzoni¹⁵, o dialeto da Toscana como língua oficial, e que deveria ser ensinado nas escolas. Institui-se então a Lei Casati¹⁶, a educação deixou de ser domínio da Igreja, e portanto, elitista¹⁷; “la prima cosa da spiegare alle giovanissime generazioni italiane è, ora, proprio l’Italia”¹⁸. Havia uma preocupação de escritores da época em produzir livros para a infância dentro de modelos éticos que estivessem de acordo com os interesses da nova nação.

Collodi, porém, escreve para as crianças sem se ater às regras moralístico-religiosas da época. A infância é um tema central na obra de Collodi que se dedicou a dois ramos da literatura para crianças: os livros escolares e os livros de lazer. Distinguem-se em sua obra

¹⁴ “(...)I dialetti italiani differiscono fra loro (...) tanton che quelli che parlano dialetti diversi possono non essere in gradi di capirsi reciprocamente.” (LEPSCHY, L. & LEPSCHY, G.. *La lingua italiana: Storia, varietà dell’uso, grammatica*. Milano: Bompiani, 1994, p. 10).

¹⁵ Alessandro Manzoni (1785-1873) considerava o dialeto florentino adequado para ser adotado por todos os italianos, pois era falado do mesmo modo pelo povo, pela burguesia e pelos literatos. (LANUZZA, S., *Storia della lingua italiana*, Roma: Newton Compton, 1994, p. 62)

¹⁶ Lei que previa dois anos de ensino obrigatório gratuito às crianças, além de regulamentar até o ensino superior, mas que não previa mecanismos adequados a esse ensino, delegando às comunas essa obrigação, com o que ficaram prejudicadas as mais pobres. PARAVIA BRUNO MONDADORI EDITORI. *Un esempio: la scuola italiana dall’unità al fascismo*. In: <www.pbmstoria.it/unita/scuola/uneseempio.php>. Acesso em 21/ 06/ 2006.

¹⁷ A Igreja era do parecer que “non si può credere di poter portare a scuola, coi ‘giovinetti di civil condizione’, anche ‘gli zotici contadinelli, i garzonetti di bottega, i monelli di strada’”. (LANUZZA, S., *Storia della lingua italiana*, Roma: Newton Compton, 199, p. 66).

¹⁸ TRAVERSETTI, Bruno. *Introduzioni a COLLODI*. Bari: Laterza, 1993, p. 78.

duas interpretações da infância: a histórica, diferenciada por classes sociais e a simbólica. Na prática, pode-se dizer que são três visões da infância, pois a interpretação histórica examina a infância popular e a burguesa. A infância popular representada pelo “ragazzo di strada” [...] caratterizzata, socialmente, dalla miseria, dalla assenza della famiglia, dall'emarginazione e dalla opzione tra duro lavoro e delinquenza [...]dal binomio astuzia-straftenza, da una radicale autonomia”¹⁹; essa infância se faz presente em *Note Gaie*, por exemplo. Uma outra face da infância, a infância “dorée e gâtée” da burguesia é retratada em *Giannettino* e *Minuzzolo* entre outros; é a infância que vive o conforto, tem amigos, família, é orientada por pedagogos e está obrigada a cumprir uma série de normas e convenções sociais. Tanto uma como a outra alimentam uma revolta: na infância popular a revolta se manifesta pela desobediência, pela propensão a brigas e pela importunação dos “ragazzini perbene”; já na infância burguesa a revolta se manifesta pela necessidade de liberdade e independência que a sociedade sufoca, e então nasce o delinqüente.

A infância simbólica está presente em *Le avventure di Pinocchio*. O próprio nome escolhido para o protagonista é simbólico; “pinocchio”, em italiano, significa “seme comestibile dei pini”²⁰, portanto, ligado à madeira, material de que foi feito o boneco. Esse personagem resulta da fusão dos dois modelos de criança que se apresentaram até então nas outras obras de Collodi: é o menino de rua e a criança burguesa; é também o arquétipo da criança simbolizando a essência comum a essas duas infâncias opostas: “bisogno di libertà-indipendenza, insofferenza di legami e di controlli, volontà di autonomia di giudizio e di azione”, mas é também “l'itinerario dell'uomo, è insieme rivolta e conformazione”. Para Collodi, a infância deveria ser “il tempo dell'affermazione dell'io come forza intrinseca e insopprimibile e lo spazio di crescita di una consapevolezza biologico-psicologica di questa fondamentale tensione come momento centrale della propria identità”²¹. Apesar de ter vivido no contexto do século XIX, quando prevalecia uma ótica pedagógica moralista na literatura para crianças, Collodi acenou, principalmente em *Pinocchio*, para diversos enfoques da literatura infantil que só foram estudados no século XX, embora tenha feito isso de uma forma intuitiva²². Diferentemente de outros livros para crianças, que inicialmente tinham sido escritos para adultos e adaptados para adequar-se aos leitores mirins, *Pinocchio* foi escrito diretamente para crianças. A experiência de Collodi como escritor, jornalista e humorista; o

¹⁹ CAMBI, Franco. *Collodi, De amicis, Rodari: Tre immagine d'infanzia*. Bari: Dedalo, 1985, p. 37

²⁰ ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Edizione Terzo millennio. Bologna: Zanichelli, [2000], p. 787.

²¹ CAMBI, Franco, op. cit., p. 38, 48,

²² Id., p. 12, 37 - 49.

conhecimento do teatro cômico, do melodrama e das tramas do conto de aventura; enfim, características da fábula e dos contos de fadas reúnem-se harmoniosamente na sua obra-prima.

Inicialmente a história de *Pinocchio* foi publicada em 26 capítulos no *Giornale per i Bambini*, periódico criado por Ferdinando Martini, a convite do redator Guido Biagi, com o título *Storia di un burattino*, de julho de 1881 a janeiro de 1883, com algumas interrupções, o que justifica algumas faltas de lógica na narrativa. Collodi parece mostrar-se pouco interessado em escrever a história, pois numa carta a Guido Biaggi diz: “Ti mando questa bambinata, fanne quel che ti pare; ma se la stampi, pagamela bene per farmi venir voglia di seguirla”²³.

O sucesso foi imediato depois da publicação dos dois primeiros capítulos. Collodi havia considerado a história terminada com o capítulo em que Pinóquio foi enforcado, porém, por causa dos pedidos dos leitores e incentivado por Guido Biagi, retomou as publicações até o capítulo 26, publicado em janeiro de 1883, no qual Pinóquio se transforma num menino de verdade.

Carlo Collodi foi convidado a escrever os capítulos de uma história para crianças no citado jornal como um ‘expediente’ para conquistar leitores para esse novo gênero cultural que surgia na Itália, seguindo modelos americanos e ingleses. Como escrevia livros escolares e era jornalista conhecido, seria um aval para convencer os pais sobre a boa qualidade do novo produto cultural. Esse material foi compilado pela Fondazione Collodi, está catalogado e localizado na Biblioteca Collodiana; a partir de dezembro de 2002 encontra-se disponível para compra em edição fac-simile sob o título *Giornale per i bambini*²⁴.

A história foi publicada em livro em fevereiro de 1883 por Felice Paggi, com ilustrações de Enrico Mazzanti, com o título *Le avventure di Pinocchio*. Para isso, foram necessárias certas modificações como: uma nova divisão em capítulos, que passaram a ser 36; um sumário introdutório antes de cada capítulo, todos muito detalhados; algumas modificações no texto como no cap. XV do livro, que era o último da primeira versão quando Collodi deu por terminada a história, em que foi acrescentada a frase “balbettò quasi moribondo” para indicar que o boneco não morreu quando foi enforcado pelos assassinos.

Apesar de ter sido submetido a uma revisão por Collodi, o livro conserva o caráter folhetinesco, perceptível em pequenos esquecimentos e contradições no decorrer da história, como no capítulo VI, em que Pinóquio estende o chapéu para receber uma esmola de um velho, mas no capítulo VIII fica claro que o boneco ainda não tinha roupa nem chapéu para ir

²³ TRAVERSETTI, Bruno, *Introduzioni a COLLODI*. Bari: Laterza, 1993, p. 104.

²⁴ GIORNALE PER I BAMBINI. *Pinocchio*. Firenze: Pagliai Polistampa, 2002, presentazione.

à escola, e só então Gepeto providencia isso para ele; nem por isso ficou diminuído o fascínio dessa obra. O universo físico onde se desenrola a história de Pinóquio não apresenta características determinadas, mas a língua falada e as características dos habitantes conduzem à Toscana; apresenta qualidades do grão-ducado e também do fim de século e da Itália humbertina, como os carabineiros e as bicicletas²⁵.

Em 1891 *Pinóquio* foi publicado na Grã-Bretanha onde foi acolhido de forma entusiástica, fato de grande significado, pois este país valorizava muito a literatura para crianças. Em 1898 chega aos Estados Unidos, mas a primeira edição americana é de 1901; a tradução em inglês difundiu-se na Irlanda e nos países asiáticos. Na França foi publicado em 1902 e uma adaptação para o alemão saiu em 1905.

No período compreendido entre 1911 e a Segunda Guerra Mundial foram publicadas traduções de *Pinocchio* não só em línguas europeias, mas em diversas línguas da Ásia, da África e da Oceania²⁶. Entre as traduções para a língua portuguesa estão as de Leyguarda Ferreira, Emília de Souza e de José de Oliveira Cosme, publicadas em Lisboa²⁷, além de outras publicadas no Brasil, que fazem parte do tema do próximo subtítulo.

A primeira adaptação para o cinema foi realizada em 1911 pelo conde Giulio Cesare Antamoro, tratava-se de um filme mudo, colorido a mão, de cerca de trinta minutos de duração. Em 1932, uma versão com bonecos animados foi produzida no Japão, por Noburo Ofuji. Nos anos 30 foram produzidos na Itália vários desenhos animados em longa metragem baseados na história de *Pinocchio*. Em 1940 saiu a versão Disney, famosa até hoje. Também na Rússia, Aleksej N. Tolstoj produziu versões de *Pinocchio* em desenho animado e com bonecos. Registra-se um total de 17 adaptações cinematográficas da história do boneco, fora as mais recentes: *Pinóquio*, de Kashinoki Mokku (*The Adventures of Pinocchio*), desenho animado produzido em 1972, uma versão diferente da de Walt Disney; *AI- Inteligência Artificial* de Steven Spielberg, ano de lançamento 2001, que faz referências à história de Pinóquio; a de Roberto Benigni, que está muito próxima da história escrita por Collodi, e foi lançada na Itália em 2002; *Pinóquio 3000*, de Daniel Robicheaud, lançado na Espanha em 2004 e que representa uma visão futurista da história, em que Pinóquio é um robô e seu conselheiro é um pingüim. O filme *Hinokio* de Takahiko Akiyama que recebeu o prêmio de melhor filme infanto-juvenil no Festival do Rio de 2005 é baseado na história de Pinóquio²⁸.

²⁵ TRAVERSETTI, Bruno, *Introduzioni a COLLODI*. Bari:Laterza, 1993, p. 103 -123.

²⁶ LE AVVENTURE DI PINOCHIO. In: <www.pinocchio.it>. Acesso em 05 / 05 / 2004.

²⁷ SALEM, Nazira. *História da Literatura Infantil*. 2ª edição. São Paulo: Mestre Jou, 1970, p. 179.

²⁸ LE AVVENTURE DI PINOCHIO. In: <www.pinocchio.it>. Acesso em 05 / 05 / 2004.

1.2 *Pinocchio* na Itália e no Brasil

A crítica collodiana na Itália se instaura com o artigo *Elogio di Pinocchio* de Pietro Pancrazi publicado na revista “Secolo” de Milão em 1921. Porém, a admissão de Collodi entre os autores reconhecidos pela Academia Italiana concretizou-se em 1937 com a crítica de Benedetto Croce, primeiro no “La Critica” e a seguir no quinto volume da *Letteratura della nuova Italia*. Croce define *Pinocchio* como “il più bel libro della letteratura infantile italiana”²⁹.

A obra prima de Collodi, que a evolução da crítica coloca na posição de um clássico, continua valorizada na Itália de hoje. Não são apenas as novas reimpressões de *Le Avventure di Pinocchio* que atestam este fato. Em Collodi, a 5km de Pescia, está localizado o “Parco di Pinocchio”, idealizado por Rolando Anzillotti, prefeito de Pescia por ocasião do 70º aniversário da primeira publicação de *Le avventure di Pinocchio*. Esse parque foi construído entre 1956 e 1987 com a contribuição voluntária dos alunos das escolas fundamentais das cidades italianas instituída pelo Ministero della Pubblica Istruzione, do Commissariato per il Turismo e outros. Além dos jardins e edificações, muitas obras de arte colaboram com o embelezamento do parque, como esculturas e mosaicos. Percorrendo seus caminhos, o visitante pode presenciar as diversas cenas da história e ter a sensação de vivenciá-la³⁰.

Em 1962 foi criada na Itália a Fondazione Nazionale Carlo Collodi, considerada uma instituição sem fins lucrativos, reconhecida pelo Estado em 1962 (D.PR. n. 133/1962), e que tem as seguintes funções: difundir no mundo as obras de Collodi, principalmente *Le Avventure di Pinocchio*; reunir as edições italianas e estrangeiras das obras collodianas e tudo que interesse recordar do autor, material que faz parte do acervo da Biblioteca Collodiana; valorizar as obras de Collodi através de manifestações culturais, prêmios, congressos, conferências, mostras, publicações, concursos; incentivar os escritores a produzir obras para

FILMES - Pinóquio. In: < adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/pinoquio-2002/pinoquio-2002.asp>. Acesso em 31/ 07/ 2006.

PINÓQUIO 3000. In: < cincartaz.publico.clix.pt/filme.asp?id=123276> . Acesso em 31/ 7/ 2006.

FESTIVAL DO RIO 2005. In: < 2005.festivaldoriorio.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=367&sid=35>. Acesso em 31/ 07/ 2006.

DESENHOS 008 - Heidi / Marco / Pinóquio. In: < www.memorychips.com.br/desenhoshei.htm>. Acesso em 31/ 07/ 2006.

AI- INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. In: < www.universohq.com/cinema/rc18092001_01.cfm> . Acesso em 1/ 8/ 2006.

²⁹ TRAVERSETTI, Bruno, *Introduzioni a COLLODI*. Bari: Laterza, 1993, p. 131.

³⁰ FABRIS, Giuseppe. *La guida al parco di Pinocchio*. Firenze: Giunti, 2000, p. 2 - 44.

a infância; realizar no município de Collodi um centro de estudos sobre literatura infantil; cuidar do Parco Monumentale di Pinocchio e melhorá-lo. A fundação conta também com o Centro Internazionale di Studi per la Lettura e la Lettura Giovanile, fornece bolsas de estudo e colabora com instituições culturais nacionais e internacionais. Essa fundação publica, além dos atos dos congressos, várias críticas literárias sobre Collodi e sua obra.

O livro *Le Avventure di Pinocchio* vem sendo publicado na Itália desde 1883. Em 2002 foi publicada pela editora Giunti Junior de Firenze a 148ª edição do livro com ilustrações de Carlo Chiostrri; trata-se da 148ª reedição da 1ª edição realizada pela Libreria-editrice Paggi³¹. É interessante observar que as produções cinematográficas parecem ter influenciado as publicações, pois em 2001, ano em que foi lançado o filme *Inteligência Artificial* de Spielberg, registraram-se 13 publicações em primeira edição; e em 2002, quando foi lançado o filme *Pinocchio* de Benigni, registraram-se 18 publicações em primeira edição. Também em 2002 foi lançado o *Giornale per i Bambini* editado pelo processo fac-simile pela Polistampa de Firenze (Vide Anexo A).

Segundo Arroyo³², a obra de Collodi foi “tardamente apresentada no Brasil”. Refere-se a uma publicação constante do *Catálogo 1928 – Edições e Obras de Fundo*, Livraria Editora Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1928 com a indicação “*Pinocchio*, de C. Collodi”; não há informação sobre o tradutor nem sobre a editora, que provavelmente é estrangeira. Isso se explica, pois de acordo com Wyler³³, nessa época, embora o Brasil apresentasse um panorama mais propício à produção cultural devido à urbanização e à criação de mais escolas, uma exigência do desenvolvimento da classe média e do início da industrialização no país, a indústria livreira, ainda incipiente, enfrentava muitas dificuldades: as altas taxas de importação sobre o papel e a polpa; a concorrência com os livros importados de Portugal, isentos de impostos; o reduzido número de leitores devido às altas taxas de analfabetismo. Essa situação não favorecia o desenvolvimento desse tipo de indústria, e muitos livros brasileiros eram impressos em Portugal e na França. Somente após 1930, com a aprovação das leis trabalhistas, educacionais e eleitorais no governo de Getúlio Vargas surgiram condições mais favoráveis à produção de livros no Brasil. A difusão do “ideário estadonovista” dependia da alfabetização, o que incentivava a produção de livros. Porém, a

³¹ Fundada em 1841; em 1889 a propriedade foi cedida a Roberto Bemporad; em 1938 foi obrigada a mudar de nome por leis raciais passando a razão social a Marzocco; em 1990, junto com outras editoras, passa a fazer parte do Giunti Gruppo Editoriale. (GIUNTI. In: < www.giunti.it >. Acesso em 22 / 06/ 2006).

³² ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, p. 31, 94, 193.

³³ WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 10 -112.

censura do governo impedia a tradução de muitas obras. A tradução de livros infantis foi uma opção a que se dedicaram muitos escritores e editores. Monteiro Lobato, escritor, tradutor e industrial, proprietário da Cia Editora Nacional, realizou e publicou em 1933³⁴ a primeira tradução de *Le Avventure di Pinocchio* no Brasil. Após a pioneira tradução brasileira realizada por Lobato, outras se sucederam, mas somente a partir de 1945. Dentro do que foi possível compilar, apesar da incompletude das informações sobre as traduções publicadas no Brasil, pois faltam detalhes, datas e até mesmo o nome do tradutor de algumas edições, no período de 1933 a 2005, foram identificados treze tradutores que traduziram o texto integral de *Le avventure di Pinocchio*: Monteiro Lobato, Mário da Silva, Guimarães de Almeida, Raul Polillo, L. Bretano, Esdras do Nascimento, Edith Negraes, Liliana e Michele Iacocca, Marina Colasanti, G. Rinaldi, Pietro Nasseti, Carolina Cimenti e Áurea Marin Burocchi³⁵ (Vide Anexo B).

As críticas sobre *Pinóquio* publicadas no Brasil estão presentes em alguns livros dedicados à literatura infantil. Entre eles, Arroyo³⁶ considera Collodi um dos autores que muito contribuiu para o desenvolvimento desse gênero, e *Pinóquio*, um clássico da literatura infantil. Carvalho³⁷ inclui Collodi entre os autores que classifica como consagrados do século XIX, considera *Pinóquio* um “livro universal” devido à presença de “verdades eternas”, como o “sentimento de paternidade”, o “tema bíblico-pai e filho”, o “antagonismo entre o Bem e o Mal”. Identifica na história de Pinóquio temas bíblicos como o filho pródigo e o profeta Jonas engolido vivo por um tubarão; o personagem mitológico Jápeto, pai de Prometeu representado por Gepeto, pai de Pinóquio; e personagens da época romântica como a fada.

³⁴ ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, p. 31.

³⁵ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. In: <www.bn.br>. Acesso em 02/ 09/ 2006.

SALEM, Nazira, . *História da Literatura Infantil*. 2ª. edição. São Paulo: Mestre Jou, 1970, p. 179.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, p. 31, 94, 193.

³⁶ ARROYO, Leonardo, op. cit., p. 32, 33, 193.

³⁷ CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 4ª edição. São Paulo: Global, 1985, p. 112, 113.

CAPÍTULO 2

A TEORIA DESCRITIVISTA NA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL

2.1 Estudos Descritivos da Tradução

A tradução é uma atividade que tem acompanhado a humanidade devido à necessidade de comunicação entre os povos. O clássico problema teórico que pairou nas discussões sobre a tradução, a fidelidade ao “original” ou a tradução livre, já foi exposto por Cícero no século I a.C.. Desde então, num intervalo de tempo de mais de 2000 anos, muitas teorias se apresentaram. Distinguem-se no decorrer desse período diversas maneiras de abordar o problema, seja buscando a equivalência lingüística com o texto fonte ou, contestando essa necessidade, aceitando a possibilidade de recriar o texto a ser traduzido.

Podem-se identificar quatro abordagens diferentes da tradução no decorrer desse longo período, embora não estanques, conforme demarcou Steiner³⁸. De Cícero (106 a C – 43 a C) até Hölderlin em 1804, as observações sobre a tradução procediam de declarações dos próprios tradutores; a focalização empírica do tema caracterizava esse período. Com a publicação do *Essay on the Principles of Translation* de Alexander Tytler em 1792 e do ensaio *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* de Friedrich Schleiermacher em 1813, a problemática da tradução começou a ser enfocada de um ponto de vista teórico, através de uma linguagem própria e que levava em consideração a natureza da tradução. Havia a preocupação de definir “che cosa significhi ‘comprendere’ um brano di discorso orale o scritto”³⁹. A tentativa de diagnosticar tal processo começou com Schleiermacher e foi retomado por Schlegel e Humboldt, as abordagens assumiram então um aspecto filosófico. Surgiram na época muitas teorias às quais devemos muitas das relações mais significativas sobre a atividade do tradutor e sobre os relacionamentos entre as línguas. Nos fins dos anos 40, uma nova fase se inicia com os primeiros ensaios sobre tradução mecânica baseados nos formalistas russos e apoiados na estatística e na teoria lingüística. Hoje em dia, embora ainda continuem a existir estudos da tradução sob o prisma da lingüística e da lógica, a redescoberta do texto de Walter Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers*, publicado inicialmente em 1923,

³⁸ STEINER, George. *Dopo Babele*. Traduzione Ruggero Bianchi, Claude Béguin. Milano: Garzanti, 2004, p. 287 - 290.

³⁹ *Ibid.*, p. 288.

recolocou os Estudos da Tradução no campo da pesquisa hermenêutica. Atualmente diversas disciplinas contribuem para os Estudos da Tradução, como a etnolingüística e a sociolingüística; à perene necessidade de comunicação entre povos de diversas línguas veio somar-se o reconhecimento do fato da tradução envolver aspectos lingüísticos, literários e culturais .

As etapas que levaram a esse reconhecimento parecem concentrarem-se no século XX, depois dos anos 60, quando é possível identificar novos enfoques da tradução: o Seminário Americano de Tradução; a tentativa de sistematizar o estudo da tradução; a 1ª. fase dos Estudos da Tradução; a Teoria Polissistêmica, que surgiu em Israel; a 2ª fase dos Estudos da Tradução; e o Desconstrutivismo. O Seminário Americano de Tradução abriu espaço para discussão da tradução literária em nível acadêmico e deixou clara a impossibilidade de interpretação única de um texto, entretanto, não apresentou um método sistemático, característica da ciência, para o estudo das traduções. Visando sistematizar o estudo das traduções, surgiram teorias que pretendiam explicar os processos tradutivos através das leis da lingüística, ou dos universais da tradução; porém, a finalidade principal dessas teorias era a formação de tradutores; tinham, por isso, uma natureza prescritiva.

Posteriormente, surgiu nos Países Baixos a 1ª. fase dos Estudos da Tradução quando James Holmes, em 1972, cunhou o termo “Translation Studies” e propôs que, numa primeira instância, se aprendesse mais sobre o processo tradutivo ao invés de impor posições teóricas pré-determinadas. As principais características dessa nova corrente são: o caráter interdisciplinar atribuído à nova disciplina e a subordinação do aspecto teórico à observação dos dados empíricos. Também no início dos anos 70, Itamar Even-Zohar, professor da Universidade de Tel Aviv, introduziu o conceito de polissistema para explicar o relacionamento de diversos sistemas numa cultura, sejam literários ou de outra natureza, o que permite levar em consideração no estudo da literatura a influência de fatores sociais e econômicos. Esse método ficou conhecido como Teoria dos Polissistemas e serviu de base para Toury formular, em 1980, uma teoria da tradução que tem por objetivo descrever as traduções considerando-as fatos da cultura alvo. O “Translation Studies Colloquium” de 1976, no qual deu-se o contato dos estudiosos dos Países Baixos com os de Israel, inaugura a 2ª. fase dos Estudos da Tradução que passaram a ser conhecidos como “Estudos Descritivos da Tradução”. A tradução passa, então, a ser estudada como um fenômeno cultural, e não puramente lingüístico como vinha sendo feito. A literatura passa a ser considerada como um sistema complexo e dinâmico; admite-se a necessidade de um intercâmbio entre modelos teóricos e estudo prático de casos e de estudar as normas e limitações que governam a

produção de traduções. A inovação dos métodos descritivos de análise de traduções está na mudança do foco, isto é, no deslocamento deste do texto fonte para o texto traduzido; é “target-oriented because this is where its observations start”⁴⁰. Esta linha de análise visa a descrição do texto traduzido, não há necessidade de classificar a tradução de acordo com um critério pré-estabelecido, desvinculando-a assim da visão romântica que via na obra literária um produto ímpar, o que, conseqüentemente, desmerecia a tradução. Isto não isenta a análise de uma comparação da tradução com o texto fonte, mas a fidelidade a ele já não é vista como primordial.

Havia uma diferença entre as proposições dos pesquisadores dos Estudos da Tradução e os adeptos da Teoria Polissistêmica; enquanto os estudiosos dos Países Baixos acreditavam que o tradutor poderia produzir um texto equivalente ao texto fonte que influiria nas convenções literárias e culturais da cultura alvo, os estudiosos de Israel apostavam na existência de convenções literárias e culturais na cultura de chegada que influenciavam o modo de traduzir. A questão central para eles é estudar as normas dominantes e modelos que determinaram a seleção de estratégias por parte do tradutor ao elaborar a tradução⁴¹.

O conceito de norma em tradução foi introduzido por Toury⁴² em 1980. Por normas entende certos fatores condicionantes que, muitas vezes de forma tácita, norteiam a prática tradutória para uma cultura num dado período histórico e que dependem da posição que a tradução ocupa na cultura alvo. Entre elas, considera primordial a norma inicial que determina a escolha básica entre as exigências das duas culturas envolvidas: ou o tradutor se submete ao texto de partida e às normas presentes quando foi produzido, ou às normas atuantes na cultura alvo; praticamente uma retomada das idéias de Schleiermacher⁴³. O primeiro caso caracteriza a busca da tradução adequada e pode encontrar certas incompatibilidades com as normas da cultura alvo; o segundo caso, obriga a inevitáveis mudanças no texto fonte e o resultado é uma

⁴⁰ TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 36. (em substituição à publicação *In Search of a Theory of Translation* (1980), conforme informação no GIDEON TOURY'S SITE. In: < www.tau.ac.il/~tourney/works/dts.html >. Acesso em 13/09/06).

⁴¹ STEINER, G. op. cit., p. 287-289.

HERMANS, T. Translation Studies and a New Paradigm. In: *The Manipulation of Literature: studies in literary translation*. Edit.: Hermans, T. New York: St. Martin's Press, 1985, p. 10, 11.

GENTZLER, E. *Teorie della traduzione: Tendenze contemporanee*. Tradução de Maria Teresa Musacchio. Org.: Margherita Ulrych. Torino: UTET, 1998, p. 8, 12-25, 48-51, 85-89, 102-159.

⁴² TOURY, G., op., cit., p. 54.

⁴³ SCHLEIERMACHER, F. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução Margarete von Mühlen Poll. In: *Clássicos da Teoria da Tradução*. Org. Werner Heidermann. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001, p. 27-85.

maior aceitabilidade. Além da norma inicial, Toury⁴⁴ afirma que também influem na prática da tradução as normas preliminares, que se referem à política da tradução, isto é, aos fatores que governam a escolha dos tipos de texto e a aceitação ou não de tradução indireta; e as normas operacionais que direcionam as decisões tomadas durante a ação tradutória como seleção do material para organizar o texto alvo, segmentação textual, omissões, inclusões. Entretanto, alerta para as características de especificidade sócio-cultural e instabilidade das normas, e para a possibilidade de encontrarem-se paralelamente numa sociedade, num dado período histórico, diferentes correntes de normas, seja pertencentes a uma corrente conservadora, central, ou inovadora. Por isso considera que a tarefa de descrever um comportamento tradutório não pode restringir-se a listar fatos que ocorrem nas traduções, essas observações devem ser contextualizadas historicamente, o que é fundamental para estudos sincrônicos ou diacrônicos. Admite também a dificuldade em descrever essas normas devido à complexidade da realidade e a possibilidade de se encontrar um eventual “non-normative behaviour”⁴⁵. Um exemplo é o próprio comportamento do tradutor que não é padronizado e pode variar conforme a situação-problema.

A tentativa de identificação das normas pode se dar através de uma fonte textual, ou seja, dos próprios textos traduzidos; ou de fontes extra-textuais, como críticas das traduções, declarações dos tradutores ou editores, neste caso as informações devem ser tratadas com cautela, pois podem ser tendenciosas.

Entre os primeiros a elaborar um método para descrever as traduções de modo mais completo e sistemático em contrapartida aos métodos mais intuitivos da primeira fase dos Estudos da Tradução estão José Lambert e Raymond Van Gorp da Universidade de Leuven, que esboçaram um esquema hipotético para descrever traduções⁴⁶. Esse esquema é concorde às idéias de Toury, que considera a realização de uma análise significativa “no more than tentative; it may often have to undergo revision as the study proceeds (...) in a process of continuous negotiation”⁴⁷.

A análise baseia-se nas seguintes suposições: o sistema cultural do texto fonte, doravante sistema fonte, é formado por autores, textos e leitores; o sistema cultural do texto traduzido, doravante sistema alvo, é formado por tradutores, traduções e leitores; esses sistemas não são estritamente literários, uma vez que estes não podem ser isolados dos

⁴⁴ TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 51-69.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 64.

⁴⁶ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Edit.: Hermans, T. New York: St. Martin Press, 1985: 42-53.

⁴⁷ TOURY, G., *op. cit.*, p. 29.

sistemas social, religioso ou outros da cultura à qual pertencem. Todos os elementos dos dois sistemas são complexos e dinâmicos e existe uma ligação não previsível entre eles que depende das prioridades dadas pelo tradutor ao realizar a tradução que, por sua vez, dependem de certas normas próprias do sistema alvo. A aceitação da existência desse tipo de relacionamento entre os diversos elementos dos dois sistemas permite diversos tipos de estudos: relações entre o original e sua tradução; entre o autor e o tradutor; entre os leitores dos dois sistemas; entre as prováveis intenções do autor e do tradutor; entre a situação do autor e do tradutor ou do autor em relação a outros autores; e do tradutor em relação a outros tradutores. O relacionamento entre os sistemas também aponta para o estudo da pragmática e recepção nos sistemas fonte e alvo e sua correlação; para a relação do texto fonte com outros textos; ou para a relação da tradução com outras traduções dos respectivos sistemas. Além disso pode ser estudada a situação do leitor no seu sistema e, de um modo mais geral, as traduções numa dada literatura e as relações entre os sistemas fonte e alvo. Essas relações não podem ser definidas *a priori* e dependem do relacionamento entre os sistemas envolvidos, da posição que ocupa o tradutor no sistema de chegada, e da tolerância e consideração do meio. O modelo apresenta um caráter global e aberto; global porque procura examinar todas as relações entre os sistemas envolvidos na tradução; aberto porque ao invés de procurar provar teses, propõe questões que poderão ou não se verificar após o exame das traduções. Os dados sobre traduções são considerados históricos:

Leur examen devrait être rendu plus efficace grâce à des théories d'un type nouveau, qui son en fait des modèles descriptifs, destinés à faciliter l'analyse d'un objet historique⁴⁸.

São de fundamental importância para a perspectiva histórica questões como: o que se entende por traduzir; como se traduz; qual a função das traduções nas literaturas, principalmente no seu desenvolvimento; como explicar as crises e as revoluções em matéria de tradução.

Este esquema não é só teórico, é também hipotético, uma vez que compreende todos os aspectos funcionalmente relevantes para a ação tradutória, mostra quais relações podem influenciar na elaboração das traduções no seu contexto histórico, e que, conseqüentemente, devem ser levadas em consideração no estudo das mesmas. Isso inclui o processo de

⁴⁸ LAMBERT, J. La traduction. In: *Théorie Littéraire: Problèmes et perspectives*. Direction: Angenot, M., Bessière, J., Fokkema, D., Kushner, E. Paris: PUF, 1989, p. 152.

tradução; as características textuais; a recepção e aspectos sociológicos, como distribuição e crítica da tradução. Ademais, é um instrumento heurístico, pois supõe uma hipótese que será diretriz do trabalho. A grande amplitude do modelo exige para sua aplicação o estabelecimento de prioridades. Assim,

As every translation is the result of *particular* relations between the parameters mentioned in the scheme, it will be the scholar's task to establish *which* relations are the most important ones⁴⁹.

A tradução está sujeita a uma série de interferências oriundas do sistema alvo. Diante da quantidade de variáveis que podem interferir no processo de tradução, os autores acreditam que um modo de fazer um exame sistemático é evitar julgamentos *a priori* e convicções. Embora todas as relações entre o sistema fonte e o sistema alvo interfiram no processo, Lambert & Van Gorp⁵⁰ consideram aceitável o estudo de determinadas ligações separadamente, admitem que a comparação entre o texto fonte e o texto traduzido, apesar de ter sido muito criticada, fornece muitas informações, tanto sobre as relações entre os sistemas envolvidos, como sobre a posição do tradutor nos sistemas, além de ser matéria para estudo dos encontros e desencontros entre a teoria e a prática da tradução. A comparação entre esses textos deve ser feita com base numa estrutura de referência formada por uma combinação de categorias originárias do texto fonte e do texto alvo e incrementada por questões que surgem dos dois sistemas. Essa estrutura não representa um padrão normativo, trata-se de um padrão hipotético que permite caracterizar as estratégias textuais e de tradução. Baseados na sua própria pesquisa descritiva, os autores elaboraram um modelo prático para análise de textos, dividido em quatro etapas, cada uma com uma finalidade, mas relacionadas entre si.

A primeira etapa refere-se à observação de dados preliminares, como título, presença ou ausência do gênero, do nome do autor, do tradutor, de metatextos. Essas observações permitem que se formulem hipóteses que serão verificadas, ou não, nas etapas seguintes.

A segunda etapa, denominada macro-nível, refere-se à observação da divisão do texto em capítulos, atos ou cenas; à presença de títulos ou apresentações antes de cada divisão; à relação entre os tipos de narrativa do texto; à estrutura interna da narrativa; à presença de

⁴⁹ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Edit.: Hermans, T. New York: St. Martin Press, 1985, p. 44.

⁵⁰ Ibid., p. 42-53.

comentários do autor. Também os dados da macro-análise permitirão o levantamento de hipóteses que serão averiguadas nas etapas restantes.

A terceira etapa, ou micro-nível, detém-se num exame mais minucioso que analisa a seleção de palavras; os modelos gramaticais dominantes e estruturas literárias; as formas de reprodução da fala; a forma de narrativa incluindo a perspectiva e a expressão do ponto de vista; os níveis de linguagem empregados, como socioleto, arcaico, popular, dialeto, jargão, ou neologismos, por exemplo. As estratégias micro-estruturais confrontadas com as macro-estruturais conduzem à necessidade de considerá-las num contexto sistêmico amplo.

A quarta etapa refere-se ao contexto sistêmico; nessa etapa procura-se observar as relações intertextuais, ou seja, com outras traduções e produções textuais da cultura alvo; as relações entre os sistemas, como estruturas de gênero, códigos estilísticos; e também verificar se existem oposições entre os níveis macro e micro, ou entre o texto e normas e modelos observados. A idéia é de que as linhas de conduta observadas na macro-análise se observem na micro-análise:

Since translation is determined by selection mechanisms on various levels, we assume, as a working hypothesis, that a translated text which is more or less 'adequate' on the macro-structural level will generally also be more or less adequate on the micro-structural level [...]⁵¹.

A impossibilidade de uma análise total do texto que abranja todas as questões remete a uma análise de fragmentos, observando-os do ponto de vista de uma determinada característica textual que identifique uma estratégia de tradução. Identificada a estratégia, também é possível formular hipóteses sobre sua origem. Uma das vantagens do método é a flexibilidade que permite uma percepção das regras do texto, das regras da tradução, a verificação do emprego dessas regras no texto, e também permite que se levantem vários questionamentos sobre o seu emprego. A descrição de textos traduzidos particulares tem dupla finalidade: tanto pode apontar para uma pesquisa em larga escala formulando hipóteses que a orientem; como podem servir de teste para estudos descritivos gerais.

Este breve histórico da tradução teve por objetivo localizar a teoria descritivista em meio ao panorama das teorias da tradução e, apresentar a teoria de Gideon Toury,

⁵¹ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Edit.:Hermans, T. New York: St. Martin Press, 1985, p. 48-49.

fundamento desta linha de pesquisa, e o método de Lambert & Van Gorp, em especial, que serve de base para as minhas análises das traduções de *Le avventure di Pinocchio* de Collodi.

Devido ao gênero da obra analisada nesta dissertação, uma obra de literatura infantil, torna-se necessário um embasamento teórico específico para fundamentar a análise da tradução desse gênero literário, que é o argumento da próxima parte.

2.2 A tradução de Literatura Infantil

Inicialmente é importante que se defina o que se entende por literatura infantil, mas, conceituar literatura infantil pode não ser tão simples assim. Em geral, as definições estão ligadas às funções que se atribui a esse tipo de literatura que, durante muito tempo esteve vinculada à função moralizante e pedagógica. Adotarei a definição:

Literatura Infantil é linguagem carregada de significados até o máximo grau possível e dirigida ou não a crianças, mas que responda às exigências que lhe são próprias⁵².

Essa definição atende aos requisitos essenciais dessa literatura: sendo linguagem carregada de significados, permite sempre releituras, neste caso o termo linguagem não se limita à verbal; a não obrigatoriedade de ter sido dirigida à crianças abrange todas as obras adotadas pelo sistema infantil; e o fato de atender as exigências que lhe são próprias identifica “a necessidade de correspondência do livro infantil e o processo de desenvolvimento das crianças”⁵³.

É preciso não confundir literatura infantil com livro infantil. A literatura tem origem nos mitos e na oralidade, existia independentemente dos livros. Até o século XVII não existia uma literatura voltada para a criança, havia sim, contos populares pertencentes à cultura oral que foram coletados, escritos e agrupados em livros, e foi através da tradução do *Pantcha-Tantra* (cinco partes), muito antes da invenção da imprensa, no século VI que o ocidente pôde ter acesso à vasta produção de contos árabes, persas e hindus que deram origem ao *Hitopadexa* (instrução saudável, na tradução) legado que se perpetuou e ficou conhecido como *Calila e Dimna*. Somente no século XIX começaram a surgir as primeiras obras escritas especialmente para o público infantil. Influenciaram o surgimento dessas obras a

⁵² GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984, p. 15, 16.

⁵³ *Ibid.*, p. 16.

mudança do conceito de infância, de família, a Revolução Industrial, o estabelecimento da classe burguesa e a demanda de um sistema educacional. Meireles⁵⁴ afirma que a verdadeira literatura infantil é constituída pelo acervo dos livros que foram descobertos pelas crianças e vêm sendo preferidos por elas e incorporados ao seu mundo através dos tempos. Baseada na origem das obras, destaca quatro categorias da literatura infantil, às quais se refere como ‘casos’: o primeiro é o da redação escrita das tradições orais, como os contos populares coletados por Charles Perrault (1677), por Mme. d’ Aulnoy (1698) e pelos irmãos Grimm (1812); o segundo é o dos livros que foram escritos para uma única criança e passaram para uso geral, como as *Fábulas* de La Fontaine (1668-1679)⁵⁵ e *As aventuras de Telêmaco* de Fénelon (1699)⁵⁶, escritas para dois delfins da França; o terceiro é o dos livros que não foram escritos para crianças, mas foram adaptados ou reduzidos para elas, como *As aventuras de Robinson Crusoe* de Daniel Defoe (1719) e *As aventuras de Gulliver* de Jonathan Swift (1726); o quarto caso é o dos livros escritos diretamente para elas como *Pinocchio* de Carlo Collodi (1861/63) e *Peter Pan* de James Barrie (1911).

A tradução se faz presente na transmissão desse legado cultural; entre os primeiros livros editados na Espanha, “que tem a glória de ter sido dos primeiros países no mundo a cuidar da imprensa infantil”⁵⁷ está um livro traduzido para o castelhano das fábulas de Esopo, dirigido para adultos e crianças, leitura obrigatória na época; trata-se do famoso *Isopete Historiado*, impresso pelo alemão Juan Hurus em Zaragoza, 1498. Apresenta gravações em madeira e no frontispício está escrito:

Esta es la vida del Isopet con sus fábulas hystoriadas ..., (sic)
las quales en outro tiempo Rómolo de Athenas, sacadas de
griego en latin, embió a su fijo Tiberino⁵⁸.

A tradução de livros para crianças deve atender às peculiaridades do público infantil, mas também atender aos interesses do adulto, pois é ele quem escreve, traduz, publica e compra o livro para a criança. Por isso, no caso das obras escritas para adultos que foram transferidas para o sistema infantil, houve a necessidade de adaptação às limitações impostas

⁵⁴ MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3ª. edição. São Paulo: Summus; [Brasília]: INL, 1979, p. 69 – 79.

⁵⁵ Dedicadas ao filho de Luís XIV. (MUSÉE JEAN DE LA FONTAINE. In: <www.la-fontaine-ch-thierry.net/fables.htm>. Acesso em 23/6/06).

⁵⁶ Escrito, entre outros, para orientar a educação do duque de Borgonha (neto de Luís XIV). (SALEM, Nazira. *História da Literatura Infantil*. 2ª edição. São Paulo: Mestre Jou, 1970, p. 26).

⁵⁷ ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, p.132.

⁵⁸ GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984, p. 51.

pelo mesmo; essas limitações derivavam da necessidade de afiliação do texto a modelos já existentes, pois há uma tendência da literatura infantil em aceitar só o convencional e o bem conhecido; do grau de complexidade e sofisticação do texto, que deve ser adequado ao nível de compreensão da criança; do ajustamento do texto a finalidades ideológicas e didáticas da cultura alvo; e do estilo do texto, que deve seguir o princípio guia “high literary style whenever possible” o que na literatura infantil significa “connected with a didact concept and the attempt to enrich the child’s vocabulary”⁵⁹.

São considerados fatores determinantes dessas adaptações as normas de moral ou de ordem educacional aceitas e exigidas pela cultura alvo com relação a obras endereçadas a crianças, o presumível nível de compreensão da criança, a sensibilidade do tradutor em relação a esse nível, a eliminação de elementos satíricos ou a diminuição ou substituição de sua função pois a comparação bidimensional é difícil para a criança e questões ideológicas. Essa situação verifica-se tanto na transferência de obras do sistema adulto para o infantil de uma mesma língua, como na transferência de textos já integrados ao sistema infantil para uma outra língua, ou seja, uma nova cultura. Como a posição que esse tipo de literatura ocupa no polissistema literário é considerada periférica, o tradutor tem maior liberdade ao traduzi-la e pode efetuar as adaptações necessárias exigidas pela cultura alvo. A tradução de livros infantis deve agir como uma comunicação intercultural, como reescritura, não como semelhança; é uma atividade de natureza dialógica que envolve outros elementos, como gravuras, e deve beneficiar os futuros leitores dos textos. Para que isso ocorra, é preciso considerar que “understanding is not decoding a message, but rather the merging of various horizons, those of the different readers and those of the different writers”⁶⁰; por isso, a sensibilidade do tradutor em relação ao nível da compreensão da criança é visto como um dos fatores que influem nas adaptações necessárias à compreensão.

É oportuno lembrar que “a criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não ‘infantil’”⁶¹. A compreensão é uma atividade intelectual que implica na interpretação, na possibilidade de conexões e na dedução, está associada a diversos fatores que podem interferir na recepção da leitura, como a motivação, a verbalização, a simbologia e a legibilidade. A motivação está relacionada com a apreciação da leitura, significa “that

⁵⁹ SHAVIT, Z.. *Poetics of Childrens’ Literature*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1986, p. 128. In: <www.tau.ac.il/~zshavit/>. Acesso em 21/06/05.

⁶⁰ BAKHTIN, M. apud OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 19.

⁶¹ BENJAMIN, W. *Reflexões: A criança o brinquedo a educação*. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo; Summus, 1984, p. 50.

she/he wants to understand and lets something be said”⁶², depende de vários fatores que favoreçam o “comprometimento emocional do leitor com o livro”⁶³. A verbalização está relacionada à característica dos livros infantis de serem lidos em voz alta para crianças; “the text must flow while being read (spoken, sung)”⁶⁴. A simbologia está ligada à forma de leitura da criança, ou seja, num nível emocional, sensitivo. Já a legibilidade é um conceito difícil de definir, pois não é uma qualidade inerente ao texto, uma vez que depende da capacidade do leitor e do contexto em que este está inserido e parece se confundir com o próprio conceito de compreensibilidade. A dificuldade de legibilidade de um texto compromete diretamente a motivação, a verbalização e a interpretação da simbologia contida. Apesar do caráter abstrato da legibilidade, podemos, todavia, estabelecer parâmetros que sirvam de base para avaliar essa importante característica dos textos dirigidos a crianças aceitando como definição de legibilidade:

Readability, or ease of reading determined by linguistic difficulty is one aspect of comprehensibility [...] also understood to cover speakability [...], i.e. the suitability of a text to be read aloud. fluently [...]⁶⁵

A legibilidade deve levar em conta a criança para quem se traduz; a criança tem que ser considerada um leitor. Para facilitar a compreensão o tradutor tem que fazer adaptações pensando nos futuros leitores. A adaptação de uma tradução não deve ser encarada, como muitas vezes o é “how it deviates from the original”; são modificações que procuram aproximar os leitores ao texto; pois “all translation involves adaptation, and the very act of translation involves change and domestication”⁶⁶.

A domesticação é uma modificação que faz parte do processo de tradução para crianças; a forma como é feita depende do projeto de tradução, da situação da tradução e da imagem que o tradutor tem da infância. É importante que haja o encontro do leitor com o tradutor, o autor e o ilustrador. A necessidade de adaptação à cultura alvo é uma opinião compartilhada por Puurtinen, que afirma:

When children’s books are translated, it may be necessary to make various adjustments [...] as well as what is considered the suitable level of difficulty in a given target culture⁶⁷.

⁶² OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 19.

⁶³ GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984, p. 27.

⁶⁴ OITTINEN, Riitta., op. cit., p. 111.

⁶⁵ PUURTINEN, T. Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature. In: *Meta* XLIII, 4, 1998, p. 3.

⁶⁶ OITTINEN, Riitta, op. cit., p. 6.

⁶⁷ PUURTINEN, T., op. cit., p. 2.

No caso da tradução para crianças, a visibilidade do tradutor está ligada à sua capacidade de adequar o texto ao nível de compreensão de seus leitores, dessa forma é leal ao autor e ao leitor. Essa adequação engloba a pontuação, a familiaridade das palavras e a adaptação às normas lingüísticas da cultura alvo. A familiaridade das palavras empregadas é um fator essencial devido ao efeito emocional das mesmas, estrangeirismos comprometem a legibilidade do texto. Incluem-se neste caso os nomes próprios estrangeiros com seqüências fonéticas não usuais que criam barreiras para a criança. Por este motivo, os nomes quando escritos de acordo com as convenções fonológicas e ortográficas da cultura alvo permitem uma leitura mais fluente. Além disso, uma tradução que não se adequa às normas lingüísticas da cultura alvo pode ter conseqüências desastrosas, desinteressando as crianças; têm efeito semelhante, as frases com estruturas complexas, que também não favorecem a legibilidade e a leitura em voz alta. Afora a questão da domesticação, existe um comprometimento da literatura infantil com a aprendizagem. O seu objetivo primordial pode não ser o de ensinar, mas dirige-se a uma faixa etária “que é a da aprendizagem e mais especialmente aprendizagem lingüística”⁶⁸. Por isso, a função pedagógica não pode ser desvinculada da literatura infantil, principalmente o seu papel fundamental como auxiliar na formação dos hábitos da linguagem. O domínio da língua é uma conquista que se faz ao longo de um processo de formação de hábitos que decorrem do uso da mesma. Expressar as idéias de uma maneira clara e objetiva é um recurso ao qual toda a criança tem direito; é um dever de quem educa propiciar condições para a aquisição desse recurso, fator de inserção social, independência e defesa dos próprios direitos de cidadão.

Existem algumas divergências quanto à necessidade de se apresentarem à criança somente textos escritos no padrão culto da língua. Carvalho⁶⁹ acredita que habituar a criança a expressar-se com clareza não implica no ensino da Gramática; mas faz distinção entre linguagem “correta” e “adulterada” acredita que a “boa” linguagem é um hábito que se forma pouco a pouco à medida que se propicia à criança o contato com a linguagem simples e “correta”, seja na forma oral ou através de textos literários. É da opinião que a linguagem se “aprende” e se automatiza e, uma vez incorporada uma variante, esta não será substituída por outra, embora se identifiquem diferenças. Possenti⁷⁰ também é contrário ao ensino da gramática da forma tradicional, porém, mostra-se menos radical quanto à aceitação de textos

⁶⁸ SORIANO apud COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 6ª. edição. São Paulo: Ática, 1993, p. 27.

⁶⁹ CARVALHO, Barbara Vasconcelos *deA literatura infantil: visão histórica e crítica*. 4ª. edição. São Paulo: Global, 1985, p. 211-213.

⁷⁰ POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 5ª reimpressão. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 / 2000, p. 84.

escritos numa variante mais informal, e afirma que oferecer à criança o máximo de oportunidades de vivenciar “experiências lingüísticas na variedade padrão” propicia o domínio progressivo dessa variedade que poderá substituir formas inadequadas do uso da língua. Perini⁷¹ pondera que as variedades coloquiais, embora sejam típicas da linguagem oral, podem estar presentes nos diálogos das obras escritas para aparentar mais realidade.

Cunha⁷² afirma que o domínio da língua por parte do falante se dá de dois modos: o ativo, formado pelas palavras e construções que usamos para nos comunicar; e o passivo, formado por “construções e expressões que compreendemos, mas não usamos”. Há, então, a necessidade de fornecer à criança tanto livros que estejam à altura de seu adiantamento como aqueles mais avançados para desenvolver suas habilidades; isso exclui tanto a linguagem empolada como a puerilidade lingüística com a escusa de tornar a obra simples, pois a verdadeira simplicidade do texto é resultado de muito trabalho do autor; uma simplicidade forçada torna-se artificial e desinteressa o pequeno leitor.

Além da questão da língua refere-se a outros aspectos que interferem na conquista da criança como leitor, alguns se referem a qualidades que dizem respeito à obra, sendo da alçada do autor, por isso, destaco apenas os que podem ser observados também nas traduções. São eles: cuidados com a ilustração que deve ser bem feita e sugestiva e sem representar completamente o texto ao qual corresponde para dar oportunidade à fantasia, paginação, diagramação, tipo de papel, tamanho de letra⁷³. Meireles⁷⁴ também é de opinião de que as ilustrações, para agradar a criança, devem ser bem feitas, dada a “curiosidade pelas minudências de um mundo que recentemente começou a conhecer”.

Ao traduzir uma obra para crianças o tradutor tem que levar em consideração as expectativas e habilidades da audiência, por isso, “the translator’s child image”⁷⁵ é um fator muito importante para as escolhas e adaptações que fará no decorrer da tradução. Com relação à linguagem, tanto pode optar pelo modelo padrão como por uma forma mais próxima do coloquial, prendendo-se em maior ou menor grau ao papel da literatura infantil de formadora do hábito da boa linguagem. Não é a forma coloquial que garante a legibilidade de um texto; é um aspecto que pode interferir e deve ser observado. Da mesma forma, as características citadas anteriormente devem ser levadas em consideração pelo tradutor para

⁷¹ PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995, p.24.

⁷² CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 4ª. Edição. São Paulo: Ática, 1985, p. 58.

⁷³ Ibid. , p. 61.

⁷⁴ MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Summus; [Brasília]: INL, p. 1979, p. 112.

⁷⁵ OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 69.

dar condições de uma leitura fluente e da compreensão da obra, dada a peculiaridade do leitor ao qual se destina.

Acredito que as palavras de Graciliano Ramos, de forma sutil, retratam uma crítica ao livro infantil que se coaduna com o exposto:

Principiei a leitura de má vontade. E logo emperrei na história de um menino vadio que, dirigindo-se à escola, se retardava a conversar com os passarinhos e recebia deles opiniões sisudas e bons conselhos.

– Passarinho, queres tu brincar comigo?

Forma de perguntar esquisita, pensei. E o animalejo, atarefado na construção de um ninho, exprimia-se de maneira ainda mais confusa[...]. O passarinho, no galho, respondia com um preceito moral. E a mosca usava adjetivos colhidos no dicionário. A figura do barão manchava o frontispício do livro – e a gente percebia que era dele o pedantismo atribuído à mosca e ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações.⁷⁶

Após estas considerações sobre o método de Lambert & Van Gorp e sobre as peculiaridades da Literatura Infantil, passo à análise das traduções, tema do próximo capítulo.

⁷⁶ RAMOS, Graciliano. O Barão de Macaúbas. In: *Infância*. 11a. edição. Rio / São Paulo: Record, Martins, 1976, p. 123-125.

CAPÍTULO 3

LEGIBILIDADE DE DIÁLOGOS: A COLOCAÇÃO DE PRONOMES NAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE *PINÓQUIO* DE 2002

Ao discorrer sobre tradução, Lambert & Van Gorp⁷⁷ alegam ser imprescindível na análise de um texto traduzido considerar que texto fonte e texto traduzido pertencem a sistemas culturais distintos que não são estritamente literários. Por isso, o tradutor poderá dar prioridade a determinadas normas do sistema alvo ao realizar a tradução. Propõem, então, um método hipotético que, a partir de observações gerais da tradução, procura formular hipóteses sobre o trabalho do tradutor. Essas hipóteses podem se confirmar, ou não, numa análise mais aprofundada. Em vista disso, a observação dos aspectos gerais das traduções é o ponto de partida para a análise minuciosa.

No caso desta dissertação, que tem por objetivo analisar a colocação pronominal nos diálogos, mais especificamente nas falas de Pinóquio, nas traduções brasileiras de *Le Avventure di Pinocchio* publicadas em 2002, a análise está dividida em duas partes: aspectos gerais das traduções e análise dos pronomes nos diálogos.

3.1 Aspectos gerais das traduções

Tradução de Marina Colasanti

Trata-se de uma edição em brochura, com capa colorida apresentando uma cena da história. Na capa constam: o título, *As aventuras de Pinóquio*; o nome do autor, Carlo Collodi; o da tradutora, Marina Colasanti; o do ilustrador, Odilon Moraes e o da editora, Companhia das Letrinhas. Na folha de rosto estão: os nomes da preparadora, Cely Arena; os nomes dos revisores, Cláudia Cantarin e Isabel Jorge Cury e a ficha de catalogação, que inclui a classificação como Literatura infanto-juvenil. A diagramação das páginas e o tipo de papel de tonalidade levemente amarelada e sem brilho favorecem a leitura, pois evitam o cansaço visual.

⁷⁷ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Edit.: Hermans, T. New York: St. Martin Press, 1985: 42-53.

Cunha⁷⁸ destaca esses aspectos como importantes para conquistar a criança como leitor, além das ilustrações que devem ser bem feitas e sugestivas, o que não é observável nos 12 desenhos em preto e branco que ilustram a edição. Observa-se a presença de metatextos nas orelhas, na contracapa e em notas de rodapé.

Nas orelhas estão: um comentário sobre o tema da história apresentando alguns dos personagens, a informação de que se trata da versão original da história com algumas comparações com a adaptação de Walt Disney, informações sobre a origem do livro, o título original em italiano, algumas informações sobre o autor, e um comentário sobre o tema da história apresentando alguns dos personagens. Na capa de trás está um pequeno trecho da história.

As notas de rodapé são: 1) p. 81 *Galateo*: “Tratado de boas maneiras escrito por Giovanni Della Casa e publicado em 1558, ainda utilizado como parâmetro de decoro”. 2) p.117 *Minuzzolli* [...]Thouar[...]Baccini: “O autor cita, com evidente intuito crítico, livros de autores infantis em moda na época”. O conteúdo das notas de rodapé não parece estar dirigido propriamente ao leitor mirim, mas sim a um adulto, devido ao emprego de termos não usuais na linguagem infantil como “parâmetro de decoro” e “evidente intuito crítico”. Segundo Oittinen⁷⁹, entre as adequações que se fazem necessárias na tradução de literatura infantil, está o emprego de palavras familiares, que não parece ter ocorridos nessas notas de rodapé.

Tradução de Pietro Nasseti

Trata-se também de uma edição em brochura com a capa colorida apresentando os principais personagens da história. A capa contém: o título, *As aventuras de Pinóquio*, o nome do autor, Carlo Collodi; a informação de que se trata do texto integral; o nome da coleção, ‘A obra prima de cada autor’; e o nome da editora, Martin Claret. É na folha de rosto que está o nome do tradutor: Pietro Nasseti. No verso de uma segunda folha de rosto, igual à capa, porém em preto e branco é que se encontram os nomes do ilustrador da capa: Cláudio Gianfardoni; dos revisores: Luciano Meira, Eliana de Fátima Rodrigues e Saulo Krieger; do autor do projeto gráfico e diretor de arte José Duarte T. de Castro; da digitadora: Conceição A. Gatti Leonardo. Constam também outras informações como tipo de papel, responsáveis pela editoração eletrônica, pelos fotolitos da capa, pela impressão e acabamento, data da

⁷⁸ CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 4ª. Edição. São Paulo: Ática, 1985, p. 61.

⁷⁹ OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 33.

publicação: primavera de 2002. Curiosamente não há uma indicação clara se o ilustrador da capa é o mesmo que fez as ilustrações do interior do livro.

O papel branco empregado e a diagramação das páginas com tipos pequenos e linhas próximas não favorecem a leitura, cuidado ressaltado por Cunha ⁸⁰ como merecedor de atenção para atender às necessidades do público infantil.

As ilustrações, que também devem atender aos anseios das crianças, são em número de 18, em preto e branco. Algumas estão de acordo com o texto; outras não representam nenhuma passagem da história, pois mostram apenas o boneco; e outras estão em desacordo com o texto. Entre estas últimas estão a da página 22, em que aparece Pinóquio vestido, porém, nessa altura da história, Gepeto ainda não tinha feito uma roupa para ele; e a da página 94, que mostra Pinóquio ligado a cordões como um fantoche, o que não ocorre e a da página 108, em que Pinóquio aparece na janela do último andar de uma casa, o que não ocorre também. Esses detalhes não passam despercebidos pelas crianças.

Metatextos estão presentes no prefácio, composto pelo tema: A história do livro e a coleção ‘A Obra-Prima de Cada autor’; nas páginas finais, pelo texto de Alice-Leone Moats, O homem que escreveu *Pinóquio*, e por um questionário intitulado Complemento de Leitura; nas orelhas, onde os editores discorrem sobre a importância de sua atuação, através do texto Livro: Instrumento de Liberdade e Poder; e na capa de trás, que apresenta uma definição de literatura infantil, palavras sobre a obra e a informação sobre o tradutor: Pietro Nassetti, um italiano radicado no Brasil.

Tradução de Gabriella Rinaldi

É uma edição em brochura, com capa colorida apresentando um desenho em creiom de uma cena da história. Constam da capa: o título *As aventuras de Pinóquio*, o nome do autor Carlo Collodi; o nome da tradutora e ilustradora Gabriella Rinaldi; e o da editora, Iluminuras. Na folha de rosto estão: o título original *Le avventure di Pinocchio*; o nome da produtora da capa; o nome da revisora, Maria Estela de Alcântara; o número de inscrição no ISBN e endereços da editora. A diagramação das páginas bem como o papel amarelado empregado propiciam uma leitura agradável, fator relevante devido às necessidades do provável leitor. Contém 34 ilustrações detalhadas, em preto e branco, provavelmente a creiom, muito

⁸⁰ CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 4ª. Edição. São Paulo: Ática, 1985, p. 61.

representativas da história. Estes fatores, segundo Cunha⁸¹, predisõem a criança favoravelmente para a leitura e, segundo Meireles⁸² a riqueza de detalhes atende à natural curiosidade das crianças.

Metatextos estão presentes na capa de trás, nas orelhas e nas páginas finais do livro: na contracapa, com continuação nas orelhas, está um texto de Sílvia Orbeg sobre a história, além do título de outra obra de Collodi, *Histórias Alegres*. Nas páginas finais, um outro texto de Sílvia Oberg fornece dados biobibliográficos do autor além de informar outros títulos da editora.

Estas observações permitiram formular hipóteses a respeito do trabalho dos tradutores.

A tradução de Marina Colasanti parece demonstrar respeito à obra de Collodi, devido ao conteúdo dos metatextos e das orelhas. Nota-se a tentativa de conduzir o leitor à cultura de origem devido ao conteúdo das notas de rodapé; estas observações me levaram a supor que possa ter havido alguma interferência da língua italiana nas falas dos diálogos, talvez para caracterizar um determinado personagem.

Já a tradução de Pietro Nassetti pode estar marcada por estruturas de frases e modos de dizer próprios da língua italiana, dada a origem italiana do tradutor. Por outro lado, parece haver interesse da editora em cativar o leitor devido à função didática do livro destacada nos metatextos, o que leva a crer que o texto traduzido seja bem elaborado e adequado à criança brasileira. Esta contradição pode estar refletida nos diálogos que podem, ora estar de acordo com as normas da gramática, e ora apresentar influência da língua italiana, independentemente do personagem.

A tradução de Gabriella Rinaldi deixa transparecer respeito á obra de Collodi devido às informações sobre o autor e sobre a obra *Pinocchio*. Estas observações permitem supor que os diálogos reflitam um modo de falar claro, próximo ao coloquial para respeitar também o leitor.

Após a descrição das características de cada uma das traduções, apresento os aspectos comuns às traduções analisadas. Nas três traduções a distribuição dos capítulos, que se

⁸¹ CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 4ª. Edição. São Paulo: Ática, 1985, p. 61.

⁸² MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Summus; [Brasília]: INL, p. 1979, p. 112.

apresentam com um título, bem como a estrutura narrativa, mostra-se exatamente como na edição italiana examinada⁸³: uma descrição prévia dos acontecimentos, trechos de narração, diálogos, falas isoladas, e descrições, refletindo o estilo do autor. Nenhuma das traduções em questão faz referência à edição italiana utilizada para realizá-la. Uma única diferença se nota entre elas, é a presença do índice, constante na edição italiana, e que só se faz presente na tradução de Nasseti.

Constata-se que dos 36 capítulos da obra, apenas 4 não apresentam diálogos, somente falas isoladas. Pinóquio é um dos interlocutores em 60 dos 67 diálogos da história, e entre os seus interlocutores, alguns são humanos e outros são animais. É possível verificar também que certas duplas de interlocutores estão presentes em diversos capítulos (Vide Anexo C). Dada a alta frequência dos diálogos em que Pinóquio é um dos falantes, e presumindo que o personagem tenha uma característica de linguagem constante, limitarei a análise às falas de Pinóquio. Uma hipótese que também pode ser testada é se as traduções apresentam alguma variação na forma de tratamento, conforme o interlocutor seja humano ou animal.

Para testar as hipóteses formuladas anteriormente, sem relegar a segundo plano o foco principal, que é a colocação pronominal e a legibilidade, esses diálogos foram divididos em dois estratos: diálogos em que Pinóquio é um dos falantes e o interlocutor é humano; e diálogos em que Pinóquio é um dos falantes e o interlocutor é um animal. Serão analisados 20 diálogos que correspondem a uma amostra extraída por um processo que pode ser classificado como amostra estratificada-intencional⁸⁴. É uma amostra estratificada porque os diálogos, antes de serem selecionados foram classificados por estratos conforme os interlocutores de Pinóquio neles envolvidos sejam humanos ou animais; é intencional porque, de cada estrato, foram selecionados os diálogos em que se observassem mais diferenças no modo de emprego dos pronomes entre as traduções. Com isso procuro identificar a presença de uma norma comum a todas as traduções que se manifeste apesar das diferenças. Os excertos examinados foram extraídos de cerca de 33% dos diálogos respeitando aproximadamente a proporcionalidade de cada estrato em relação ao total: na obra, em 65 % dos diálogos o interlocutor de Pinóquio é humano; nos diálogos analisados, em 70%. As duplas de interlocutores selecionadas presentes em mais de dois capítulos também estão representadas mais de uma vez na amostra analisada. Entretanto esta não é uma regra fixa, prevalecendo a

⁸³ COLLODI, Carlo. *Le avventure di Pinocchio: storia di un burattino*. Firenze: Giunti, 2000. (Foi escolhida porque é a 148ª edição da primeira publicação da obra).

⁸⁴ FONSECA, J. S. & MARTINS, G. A. *Curso de Estatística*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1993, p. 175 - 181.

da maior diversidade entre as opções dos tradutores quanto à colocação pronominal (Vide Anexo D).

3.2 Análise dos pronomes nos diálogos

Oittinen⁸⁵, Puurtinen⁸⁶ e Shavit⁸⁷ são de parecer unânime quanto à necessidade de adaptações nas traduções para crianças. Essas adaptações não se restringem àquelas de ordem moral ou educacional, mas se estendem à elaboração do próprio texto traduzido que deve adequar-se ao nível de compreensão da criança. A tradução desse gênero deve ser encarada como reescritura, o que acarreta modificações para aproximar os leitores ao texto, permitindo a leitura fluente em voz alta, pois os livros infantis são lidos por crianças, mas também para crianças. No caso dos diálogos, a facilidade da leitura em voz alta está relacionada ao emprego de uma linguagem mais próxima da coloquial, ou seja, mais próxima da criança. A colocação pronominal é um traço diferencial entre a linguagem falada e a escrita⁸⁸ e foco desta análise. Para tanto, baseei a análise dos diálogos em gramáticas tradicionais e descritivas do português brasileiro⁸⁹, doravante PB; em estudos sobre o PB falado⁹⁰; e no *corpus* do

⁸⁵ OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 6, 19, 111.

⁸⁶ PUURTINEN, T. Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature. In: *Meta* XLIII, 4, 1998, p. 2, 3.

⁸⁷ SHAVIT, Z.. *Poetics of Childrens's Literature*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1986, p. 128. In: <www.tau.ac.il/~zshavit/>. Acesso em 21 /06/ 05.

⁸⁸ POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 5ª reimpressão. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996/2000, p. 65 e 66.

⁸⁹ CUNHA, C. & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. edição. 41ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 268 - 357.

PERINI, Mário A., *Gramática descritiva do português*. 3ª. edição. São Paulo: Ática, 1995, p. 23 - 34, 212 - 217.

⁹⁰ ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p.73 - 157. NEGRÃO, V. & MÜLLER, A.L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?. In: *D.E.L.T.A*, Vol. 12. Nº 1. Resp.: Mary Aizawa Kato. São Paulo: PUC, 1996, p. 125 - 151.

NEVES, Maria Helena de M. Possessivos. In: *Gramática do Português Falado*. Volume 3: As abordagens. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 1993, p. 149 - 211.

GALVES, C. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 17. Org.: Charlotte C. Galves. Campinas: Unicamp; IEL, 1989, p. 65 - 89.

GALVES, C. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 7. Campinas: UNICAMP: IEL, 1984, p. 107 - 135.

GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 267 - 304.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987, p. 11 - 147.

PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 67 - 87, 93 - 95.

POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 5ª reimpressão. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 / 2000, p. 66, 67.

Google⁹¹ que, embora não seja um representante do PB falado, é um indicador do uso da língua no Brasil.

Apresento primeiro a descrição do emprego dos pronomes pelos tradutores nas falas de Pinóquio selecionadas, a avaliação da consonância com o uso no PB, e a comparação entre as opções dos tradutores. Optei por apresentar a análise concomitante de cada situação-problema nas três traduções, o que permite a comparação entre as opções de cada tradutor. Para facilitar esse procedimento, no primeiro quadro estão as opções dos tradutores, cujas traduções estão representadas pelos respectivos sobrenomes, e no quadro a seguir, o texto italiano.

Os dois primeiros excertos foram extraídos dos diálogos de **Pinóquio e Gepeto** (indicados por P e G respectivamente)

Excerto 1

Colasanti p. 28	Nassetti p. 29	Rinaldi p. 29
P: – Pai, [e] ⁹² não posso (...)	P: – Meu pai, [e] não posso (...)	P: – Meu pai, [e] não posso (...)
G: – Por que não pode?	G: – Por que não pode?	G: – Por que não pode?
P: – Porque [e] comeram meus pés.	P: – Porque [e] comeram meus pés.	P: – Porque [e] comeram os meus pés.

Collodi p.31
P: – Babbo mio, non posso (...)
G: – Perché non puoi?
P: – Perché mi hanno mangiato i piedi.

A opção de Colasanti para a forma vocativa *pai*, parece favorecer a legibilidade, pois é um modo comum usado pelas crianças para chamar o pai⁹³, o que não ocorre com a opção *meu pai* de Nassetti e Rinaldi. Outro fator que, segundo Neves (1993, p. 175), parece ser mais freqüente, é o uso do artigo definido antes do pronome possessivo seguido de nome, que foi a escolha de Rinaldi com a expressão *os meus pés*. Entretanto, uma pesquisa no Google⁹⁴ revelou uma preferência pela ausência do artigo: 72 ocorrências para *comeram meus* contra 18 para *comeram os meus*. Convém observar que os resultados apresentados por Neves (1993, p. 175) referem-se à língua falada. Todos os tradutores optaram pela 3ª. pessoa do plural,

⁹¹ Todas as pesquisas neste site e que se referem ao uso do PB foram efetuadas somente nas páginas do Brasil.

⁹² [e] representa um pronome não expresso, ou seja, não lexical.

⁹³ *Papai, pai, papá* (HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001).

⁹⁴ Acesso em 16/ 11/ 2006.

categoria vazia, para indicar a indeterminação do sujeito, prática freqüente na língua falada, segundo Ilari et al.(2002, p. 99). O não preenchimento do sujeito da 1ª pessoa do singular numa frase negativa também foi opção de todos os tradutores. Esta, também segundo Ilari et al. (2002, p. 103), parece ser a opção preferida, fato que se confirma pela pesquisa no Google⁹⁵ que apresentou 1270 000 ocorrências para *não posso* contra 405 000 para *eu não posso*. Pode-se concluir que, neste caso, os três tradutores optaram pela forma preferencial da língua falada.

A observação do texto de Collodi mostra que na 1ª fala de Pinóquio, Nasseti e Rinaldi realizaram uma tradução muito próxima do texto fonte mantendo o emprego do pronome possessivo.

Excerto 2

Colasanti p. 174	Nasseti p. 147	Rinaldi p. 142
<p>P: – Oh, meu paizinho! Até que enfim [e] o encontrei! Agora [e] não vou deixá-lo nunca, nunca mais!</p> <p>G: – Então os olhos estão me dizendo a verdade?(...) Então você é mesmo o meu querido Pinóquio?</p> <p>P: – Sim, sou eu, eu mesmo! E o senhor já me perdoou, não é mesmo? (...)</p>	<p>P: – Oh! Paizinho meu! Finalmente [e] o encontrei! Agora [e] não o deixarei nunca mais! Nunca mais!</p> <p>G: – Meus olhos então não estão me traindo? (...) Então você é mesmo o meu querido Pinóquio?</p> <p>P: – Sim, sim, sou eu mesmo! E você já me perdoou, não é mesmo? (...)</p>	<p>P: – Oh Papai! Finalmente [e] encontrei o senhor! Agora [e] não vou deixá-lo nunca mais, nunca mais!</p> <p>G: – Será que meus olhos estão dizendo a verdade? (...) Então você é mesmo o meu querido Pinóquio?</p> <p>P: – Sim, sim, sou eu, sou eu mesmo! E o senhor já me perdoou, não é verdade?</p>

Collodi p.227 e 228

P: – Oh! Babbino mio! Finalmente **vi** ho ritrovato! Ora non vi lascio più, mai più, mai più!
 G: – Dunque li occhi mi dicono il vero? (...) Dunque tu se' proprio il mi'caro Pinocchio?
 P: – Sì, sì, sono io, proprio io! E **voi** mi avete digià perdonado, non è vero? (...)

Colasanti e Nasseti, na forma vocativa de Pinóquio se dirigir a Gepeto, empregam o possessivo *meu* junto ao substantivo *paizinho*, porém em disposições diferentes: Colasanti antepõe o pronome ao substantivo e Nasseti o pospõe. Segundo Neves (1993, p. 182 e 183), o possessivo posposto ao nome não é determinante e a função sintática de vocativo não comporta determinantes, de modo que o pronome *meu* parece supérfluo e afasta-se do uso habitual. Rinaldi preferiu para vocativo simplesmente *papai*⁹⁶. Apesar da impossibilidade de

⁹⁵ Acesso em 16/ 11/ 2006.

⁹⁶ Forma de tratamento que as crianças usam para chamar o pai (HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001).; “quando usada(s) sem

selecionar a forma vocativa das expressões, uma pesquisa no Google⁹⁷ confirma essa preferência. Os resultados foram os seguintes: *papai*, 1 140 000 ocorrências; *meu paizinho*, 1490 ocorrências; e *paizinho meu*, 52 ocorrências, sendo que, neste caso, a maioria dos resultados consta dessas palavras separadas por vírgulas. Outro fator que se observa na tradução de Rinaldi é a presença do pronome lexical *o senhor* como uma das posições de objeto direto na 1ª fala. Os demais tradutores optaram pelo pronome oblíquo expresso duas vezes referindo-se a Gepeto, opção que, embora de acordo com as normas da língua escrita, deixa o diálogo artificial, distante da língua falada, principalmente tratando-se de um personagem “criança”. Nas três traduções verifica-se a não ocorrência do pronome *eu* em duas frases consecutivas, uma afirmativa e outra negativa. Segundo Ilari et al. (2000, p. 103), parece haver uma preferência em manter o pronome *eu* nas frases afirmativas e não retê-lo nas negativas, mas também pode haver uma influência do verbo. Por isso, o auxílio do Google⁹⁸ foi imprescindível para averiguar se as formas usadas pelos tradutores são as de maior frequência. Os números de ocorrências obtidos foram: 9 para *eu não vou deixá-lo*, 167 para *não vou deixá-lo*, 96 para *não o deixarei*, 32 para *eu não o deixarei*, 29 163 para *o encontrei*, 711 para *eu o encontrei*, 35 para *encontrei o senhor*.

Verifica-se que, tanto para a frase negativa como para a afirmativa, há uma preferência maior pelo sujeito *eu* não expresso. Quanto ao modo de indicar o futuro, a preferência recai pela locução verbal formada pelo verbo *ir* no presente, seguido do infinitivo do verbo que exprime ação. Colasanti e Rinaldi optaram por essa locução verbal e pela ênclise que, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 294), é a prática da língua falada para a colocação do pronome *o/a* em locuções verbais com infinitivo, embora de uso marginal. Nasseti, neste caso, empregou o verbo no futuro e usou a próclise, de acordo com as normas da gramática tradicional, devido a presença do advérbio *não*. Parece que, neste caso, nenhum dos tradutores fez uma opção muito próxima do coloquial. Na 2ª. fala de Pinóquio é possível observar diferenças nas traduções quanto ao modo de tratamento de Pinóquio para Gepeto: Colasanti e Rinaldi preferiram *senhor*, enquanto Nasseti optou por *você*. Todos expressaram o sujeito *eu* junto ao verbo *sou*, o que é usual no PB em situações como esta em que “haveria, mesmo,

determinante(s), remete(m) à primeira pessoa (papai=meu pai” (ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 107).

⁹⁷ Acesso em 16/ 11/ 2006.

⁹⁸ Acesso em 29/ 11/ 2006. Sempre que necessário, os dados serão obtidos por diferença. No caso de frase afirmativa: valor registrado de ocorrências sem o pronome = ocorrências sem o pronome – ocorrências precedidas do pronome *eu* – ocorrências precedidas de *não*, *nunca*, *jamaiz*; no caso de frase negativa: valor registrado de ocorrências = ocorrências sem o pronome – ocorrências precedidas do pronome *eu*.

acento no pronome sujeito”⁹⁹. A pesquisa no Google¹⁰⁰ confirma esta preferência: 1 540 000 ocorrências de *sou eu*. Não houve diferença na colocação do pronome átono *me*, todos optaram pela próclise, que, segundo Cunha & Cintra (1985, p. 303), é a tendência da língua portuguesa.

O cotejamento com o texto de Collodi permite que se façam algumas comparações de interesse. A forma de tratamento de Pinóquio para Gepeto no texto de Collodi é de cortesia, fato verificável pelo emprego do pronome de 2^a. pessoa do plural *voi / vi* para uma única pessoa¹⁰¹. Essa forma de tratamento só foi adotada por Rinaldi com o uso de *senhor* para 2^a. pessoa. Verifica-se também na fala de Pinóquio a colocação do possessivo após o substantivo, *Babbino mio*, disposição adotada por Nassetti.

O terceiro excerto é um trecho do diálogo entre **Pinóquio** e **Tragafogo** (indicados por P e T respectivamente no texto em português e P e M no texto italiano).

Excerto 3

Colasanti p. 45	Nassetti p. 42	Rinaldi p. 41
<p>P: – [e] Peço [e] o perdão para o pobre Arlequim.</p> <p>T: – Aqui não há perdão possível. (...)</p> <p>P: – Nesse caso, (...) nesse caso [e] sei qual é o meu dever. Venham, senhores gendarmes! Amarrem-me e joguem-me lá entre aquelas chamas. Não, não é justo que o pobre Arlequim, meu verdadeiro amigo, tenha que morrer por mim!...</p>	<p>P: – [e] Peço [e] clemência para o pobre do Arlequim.</p> <p>T: – Aqui não tem mercê que possa. (...)</p> <p>P: – Neste caso, (...) neste caso [e] sei qual é o meu dever. Adiante pois, guardas. Amarrem-me e joguem-me lá no meio do fogo. Não é justo que meu verdadeiro amigo Arlequim deva morrer em meu lugar!</p>	<p>P: – [e] Peço [e] clemência para o pobre Arlequim!</p> <p>T: – Aqui não tem misericórdia que valha. (...).</p> <p>P: – Sendo assim, (...) sendo assim, eu sei qual é a minha obrigação. Vão em frente, senhores guardas! Amarrem-me e joguem-me lá no meio daquelas chamas. Não, não é justo que o pobre Arlequim, meu verdadeiro amigo, tenha que morrer no meu lugar!...</p>

Collodi p. 51, e 52

P: – **Vi** domando grazia per il povero Arlecchino!
M¹⁰²: – Qui non c’è grazia che tenga. (...)
P: – In questo caso, (...) conosco qual è il mio dovere. Avanti, signori giandarmi! **Legatemi e gettatemi** là fra quelle fiamme. No, non è giusta che il povero Arlecchino, **il vero amico mio**, debba morire per me!...

Na 1^a. fala de Pinóquio todos os tradutores optaram pelo sujeito *eu* não expresso, que de acordo com o Google¹⁰³ é a forma mais usada: cerca de um milhão de ocorrências contra

⁹⁹ ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 103.

¹⁰⁰ Acesso em 17/ 02/ 2007.

¹⁰¹ “il *voi* come pronome allocutivo di cortesia (...) molto frequente nel passato (...)” (SENSINI, Marcello. *La grammatica della lingua italiana*. Milano: Mondadori, 1997, p. 209).

¹⁰² O nome deste personagem no texto italiano é Mangiafoco, por isso é representado por M.

120 000 de *eu peço*. Entretanto há uma diferença que interfere no ritmo da leitura, é a presença do artigo *o* precedendo *perdão* na tradução de Colasanti. Segundo Galves & Abaurre (2002, p. 303), a estrutura rítmica do PB é de base binária trocaica; talvez por isso o maior número de ocorrências seja da forma *peço perdão*, 32 300 ocorrências, contra 29 de *peço o perdão* que foge ao ritmo natural da língua.

Na 2ª. fala de Pinóquio Colasanti e Nasseti optaram por não expressar o sujeito de 1ª. pessoa do singular do verbo *saber* e Rinaldi por expressá-lo, neste caso, a preferência revelada pela pesquisa no Google¹⁰⁴ foi *sei qual*, com 231 000 ocorrências, contra *eu sei qual*, com 53 000. Segundo Ilari et al. (2002, p. 103), parece que o uso do pronome *eu* está vinculado ao acento sobre o mesmo, entretanto a leitura em voz alta desta frase leva a acentuar o verbo *sei*. Por isso, a opção de Rinaldi afasta-se do modo mais usado da expressão. Quanto às formas imperativas *amarrem-me* e *joguem-me*, adotadas pelos três tradutores, a opção pela ênclise contraria a tendência do PB à próclise, especialmente com a forma *me*. Esta preferência, indicada por Cunha & Cintra (1985, p. 303 e 307), é corroborada por pesquisas no PB falado que atestam que “a próclise se mantém com o imperativo”¹⁰⁵. A pesquisa no Google¹⁰⁶ confirma esta preferência: 1 750 ocorrências de *me joguem* contra 193 de *joguem-me* e 587 ocorrências de *me amarrem* contra 101 de *amarrem-me*. Nesta fala de Pinóquio, os três tradutores colocaram o pronome de forma não usual no PB, gerando uma linguagem artificial. Quanto às expressões *morrer por mim*, *morrer em meu lugar* e *morrer no meu lugar* adotadas respectivamente por Colasanti, Nasseti e Rinaldi a que mais aparece no Google¹⁰⁷ é *morrer por mim* com 184 ocorrências contra 27 e 28 para as demais, respectivamente.

Embora não seja o foco desta análise, não pode deixar de ser observado na tradução de Colasanti, o emprego do vocábulo *gendarmes*, indicando que não houve domesticação, pois esta não é a forma empregada no Brasil para referir-se a guardas ou policiais.

No texto italiano, a fala de Pinóquio revela um tratamento de cortesia pelo uso do pronome *vi*; porém, este tipo de tratamento não ficou evidente nas traduções, pois nenhum dos tradutores preencheu a posição de objeto indireto correspondente ao pronome *vi*, não evidenciando o tratamento respeitoso de Pinóquio. Este fato não interfere na questão da

¹⁰³ Acesso em 18/ 11/ 2006.

¹⁰⁴ Acesso em 18/ 11/ 2006.

¹⁰⁵ GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 287.

¹⁰⁶ Acesso em 19/ 11/ 2006.

¹⁰⁷ Acesso em 29/ 11/ 2006.

legibilidade mas é um detalhe que ficou perdido nas traduções. Parece ter havido influência da língua italiana na sintaxe pronominal com relação aos verbos *amarrar* e *jogar*, pois no texto em língua italiana os pronomes são colocados após os verbos, e também deve ter influenciado Colasanti na escolha de *gendarmes*, a palavra italiana *gendarmi*. Já com relação à ordem do possessivo no grupo nominal os três tradutores utilizaram a mais habitual no PB, não se deixando influenciar pela ordem na expressão italiana *il vero amico mio*. Entretanto ficou perdida nas traduções a força ilocucionária do apostro, que qualifica Arlequim. Nas traduções de Colasanti e Rinaldi isso ocorreu porque o possessivo *meu* não foi determinado pelo artigo *o*, como no texto de Collodi, embora essa seja a prática mais usual no PB, segundo Neves (1993, p. 175); e na tradução de Nasseti porque este tradutor não fez uso do apostro.

Os cinco próximos excertos são dos diálogos de **Pinóquio** com a **Fada** (indicados por P e F, respectivamente). A Fada é a personagem com quem Pinóquio mais dialoga ao longo da história. Esta personagem, embora não seja de natureza humana, se apresenta nos capítulos 15, 17 e 18 como menina, e nos capítulos 24, 25, 26, 29, 30 e 36 como mulher, por isso foi arrolada entre os personagens humanos (Vide Anexo 3). Os excertos selecionados privilegiam as duas situações, porém não na mesma proporção. Foram analisados excertos dos 3 capítulos em que a Fada se apresenta como menina e 2 em que se apresenta como mulher porque havia a intenção de selecionar aqueles que apresentassem mais diferenças nas opções dos tradutores.

Excerto 4

Colasanti p. 68	Nasseti p. 65	Rinaldi p. 61
P: – Mas eu não gosto de coisa amarga. F: – Beba, e quando tiver bebido lhe darei uma bolinha de açúcar para melhorar a boca. P: – Cadê a bolinha de açúcar?	P: – [e] Não gosto de sabor amargo. F: – Tome; depois de tomá-lo, dar-lhe-ei um torrão de açúcar para adoçar a boca. P: – Cadê o torrão de açúcar?	P: – Eu não gosto do amargo. F: – Beba e, quando você tiver bebido, vou dar-lhe uma bolinha de açúcar para concertar o gosto da boca. P: – Onde está a bolinha de açúcar?

Collodi p. 83

P: – A me l'amaro non mi piace.
 F: – Bevila: e quando l'avrai bevuta, ti darò una pallina di zucchero, per rifarti la bocca.
 P: – Dov'è la pallina di zucchero?

O preenchimento do sujeito de 1ª. pessoa se dá nas traduções de Colasanti e Rinaldi. Nasseti optou pela categoria vazia. O pronome *eu* expresso nas frases negativas não parece ser a forma mais empregada segundo Ilari et al. (2002, p. 103), como confirmam os resultados no Google¹⁰⁸: 495 000 ocorrências *não gosto* e 198 000 *eu não gosto*. Essa preferência se mantém mesmo com a conjunção *mas*, apresentando o resultado de 28 800 para *mas não gosto* e 11 100 para *mas eu não gosto*. Além da questão pronominal, observa-se nas traduções de Colasanti e Nasseti a opção pelo regionalismo "cadê"¹⁰⁹, 10 800 000 ocorrências, para substituir "onde está", 1 350 000 que foi a escolha de Rinaldi. Nitidamente a opção de Colasanti e Nasseti para esta frase é mais natural, portanto mais adequada à realidade infantil.

Comparando com o texto de Collodi é possível verificar que, neste diálogo, os três tradutores não se prenderam ao texto italiano e optaram por expressões familiares à criança brasileira.

O próximo diálogo também é entre Pinóquio e a Fada ainda menina, pois as escolhas dos tradutores apresentam aspectos de interesse para a avaliação da legibilidade

Excerto 5

Colasanti p. 72	Nasseti p. 68	Rinaldi p. 64
F: – E agora, onde botou as quatro moedas? P: – [e]Perdi [e]! (...) F: – E onde você as perdeu? P: – Ah! Agora [e] estou me lembrando direito (...) eu não perdi as quatro moedas , mas sem [e] perceber, [e] as engoli enquanto [e] tomava o seu remédio.	F: – E agora, onde colocou as quatro moedas? P: – [e]Perdi [e]! F: – E onde [e] as perdeu? P: – Ah! Agora [e] me lembro bem (...) as quatro moedas , eu não as perdi, mas [e] engoli [e] sem [e] querer quando [e] tomei seu remédio.	F: –E então, onde você colocou as quatro moedas de ouro? P: – Eu as perdi! F: – E onde você as perdeu? P: –Ah! Agora [e] me lembro (...) [e] não perdi as quatro moedas , mas sem [e] perceber eu as engoli enquanto [e] bebia o seu remédio.

Collodi p. 88 e 89
F: – E ora le quattro monete dove le hai messe? (...) P: – Le ho perdute! (...) F: – E dove le hai perdute? F: – Se le hai perdute nel bosco vicino (...) le cercheremo e le ritroveremo: perché tutto quello che si perde nel vicino bosco, si ritrova sempre. P: – Ah! Ora che mi rammento bene (...) le quattro monete non le ho perdute , ma senza avvedermene le ho inghiottite mentre bevevo la vostra medicina.

¹⁰⁸ Acesso em 28/ 11/ 2006.

¹⁰⁹ HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionario Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001, verbete *cadê*.

Na 1ª. fala de Pinóquio, Colasanti e Nasseti optaram pelo sujeito de 1ª. pessoa do singular não expresso. Quanto ao objeto direto, Colasanti e Nasseti optaram por não expressá-lo, o que, segundo Galves (1984, p. 107), é usual no PB; Rinaldi usou o clítico *as*, considerado de uso marginal no PB, conforme Galves & Abaurre (2002, p. 293) e Possenti (1996, p. 67). A pesquisa no Google¹¹⁰ revelou cerca de 920 000 ocorrências para *perdi* e 20 ocorrências para *eu as perdi*. Por essa maciça preferência, conclui-se que a opção de Rinaldi está muito distante do normalmente usado.

A 2ª. fala de Pinóquio é um período formado por 5 orações, 4 com o verbo na 1ª. pessoa do singular e uma com o verbo no infinitivo, mas referindo-se à 1ª. pessoa do singular. Os três tradutores optaram por expressar o sujeito só numa das frases, o que parece ser usual em PB, segundo Ilari et al. (2002, p. 104). Entre as expressões *agora estou me lembrando*, opção de Colasanti, e *agora me lembro*, escolha de Nasseti e Rinaldi, a preferência maior revelada no Google¹¹¹ é pela segunda opção: 459 ocorrências contra 37, embora, neste caso, a diferença esteja no tempo verbal. Quanto aos verbos *perceber* e *querer*, parece que estão entre aqueles que não solicitam a explicitação da 1ª. pessoa do singular, ou talvez estejam entre as “expressões quase fixas”¹¹². A preferência pelas formas sem o sujeito explícito é evidente na pesquisa no Google¹¹³, atingindo a proporção de 5000/1 no caso de *sem querer / sem eu querer* e 600/1 no caso de *sem perceber / sem eu perceber*. Neste pormenor os tradutores fizeram escolhas de uso comum no PB. Nesta fala aparece outra frase com o verbo *perder* na 1ª. pessoa do singular, porém numa construção negativa, situação em que a preferência do PB, segundo por Ilari et al. (2002, p. 103) é pelo sujeito *eu* não expresso. A busca no Google¹¹⁴ apresentou cerca de 48 000 ocorrências de *não perdi* e 872 para *eu não perdi*. Assim sendo, Colasanti e Nasseti se afastaram do modo mais usado; Colasanti empregou o pronome de 1ª. pessoa na frase negativa e Nasseti também, além de usar um tipo de construção topicalizada de uso mais raro, em que o pronome se refere ao objeto direto¹¹⁵. Realmente, esta opção de Nasseti afasta-se do PB, pois a pesquisa no Google¹¹⁶ para *não as perdi* acusa apenas 6

¹¹⁰ Acesso em 29/ 11/ 2006.

¹¹¹ Acesso em 18/ 11/ 2006.

¹¹² ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p.102, 103.

¹¹³ Acesso em 18/ 11/ 2006.

¹¹⁴ Acesso em 18/ 11/ 2006.

¹¹⁵ “Quando o tópico é idêntico ao sujeito da S comentário, a ocorrência desse pronome é bem maior do que nos casos em que o tópico é co-referente a outros elementos da sentença comentário”. (PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987, p. 26).

¹¹⁶ Acesso em 18/ 11/ 2006.

ocorrências. Rinaldi, neste período, optou por expressar o sujeito *eu* na frase afirmativa com o verbo *engolir*. Os dados do Google não confirmam esta preferência, são cerca de 35 500 ocorrências para *engoli*¹¹⁷ contra 1360 para *eu engoli*. Porém, como os verbos examinados pertencem a um único período, certamente o sujeito deve vir expresso junto a um dos verbos, e a opção de Rinaldi parece estar mais de acordo com a preferência do PB falado que é expressar o sujeito *eu* numa frase afirmativa e não na negativa, conforme Ilari et al. (2002, p. 103). O que não está de acordo com o uso informal de um diálogo na tradução desta tradutora, é o emprego do pronome oblíquo *as* na expressão *eu as engoli*. Colasanti e Nasseti também fizeram uso desse pronome como objeto direto, porém, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 293) e Possenti (1996, p. 67), este pronome é de uso marginal na língua falada, e o seu emprego distancia a expressão do coloquial. Os três tradutores optaram para o pronome *seu* como referência possessiva para 2ª. pessoa, o que parece ser o mais usual na língua falada, segundo Neves (1993, p.164). No entanto, examinando o contexto, o pronome parece supérfluo na expressão *seu remédio* para indicar a que remédio Pinóquio se referia, pois já havia sido citado no texto, podendo gerar confusão quanto a quem se destinava o mesmo, que também poderia ser a Fada. Pode-se dizer que seu uso alongou a frase sem necessidade, uma vez que podem ocorrer possíveis confusões devido ao fato da forma possessiva de 3ª. pessoa *seu, sua, seus, suas* concordar “unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído”¹¹⁸.

O exame do texto italiano permite verificar que Pinóquio dirige-se à Fada de um modo gentil e respeitoso, fato indicado pelo uso do pronome de 2ª. pessoa do plural *vostra* para uma única pessoa. Em nenhuma das traduções estudadas esse tipo de tratamento ficou configurado no excerto analisado, pois os tradutores adotaram o pronome de 3ª. pessoa singular *sua* que, no português brasileiro, não permite distinguir se o tratamento é respeitoso ou não. Observa-se também que a tradução de Nasseti, na 2ª. fala de Pinóquio, apresenta uma frase com a mesma sintaxe do texto italiano: *le quattro monete non le ho perdute*, cuja tradução literal é *as quatro moedas não as perdi*, o que gerou uma construção pouco usada em PB.

¹¹⁷ Acesso em 14/ 01/ 2007.

¹¹⁸ CUNHA, C. & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. edição. 41ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 312.

A seguir, o último diálogo selecionado em que a Fada ainda não aparece como mulher.

Excerto 6

Colasanti p.74,75	Nassetti p. 69	Rinaldi p. 66
F: – Pensei em tudo. Seu pai já foi avisado, e antes que a noite chegue estará aqui. P: – Verdade? (...) Então, Fadinha querida , se estiver bem para a senhora , [e] quero ir ao encontro dele! (...)	F: – Pensei em tudo. Seu pai já foi avisado, e antes do anoitecer estará aqui. P: – Verdade! (...) E então, Fada minha , se for possível [e] gostaria de ir ao seu encontro! (...)	F: – Eu providenciei tudo. O seu pai já foi avisado, e antes do anoitecer estará aqui. P: – Verdade! (...) Então minha Fadinha , se a senhora concordar, eu gostaria de ir ao seu encontro! (...)

Collodi p. 92
F: – Ho pensato a tutto. Il tuo babbo è stato digià avvertito: e prima che faccia notte, sarà qui. P: –Davvero? (...) Allora, Fatina mia , se vi contentate, vorrei andargli incontro! (...)

Cada tradutor usou um modo diferente para Pinóquio dirigir-se à Fada: Colasanti não empregou pronome, Nassetti e Rinaldi usaram o pronome possessivo em ordens diferentes: Nassetti o pospôs ao nome e Rinaldi, o antepôs. Segundo Cunha & Cintra (1985, 312 e 314), o pronome pode ser posposto ao nome quando há ênfase, como é o caso da tradução de Nassetti, mas, quando anteposto, também pode expressar valor afetivo, como na tradução de Rinaldi; porém, no caso da língua falada, Neves (1993, p.184) afirma que, em cerca de 96% dos casos pesquisados, a opção é pela anteposição. Colasanti e Rinaldi deixam evidente que Pinóquio trata a Fada por *senhora*, o que não acontece na tradução de Nassetti. Para expressar o desejo de Pinóquio, Colasanti usou a locução verbal *quero ir* sem o pronome lexical. Nassetti e Rinaldi usaram a locução verbal *gostaria de ir*, com a diferença de que só Rinaldi usou o pronome de 1ª. pessoa expresso. Neste caso, apesar da desinência de número ser comum à 1ª. e à 3ª. pessoas, o contexto não deixa dúvidas quanto ao sujeito. Os resultados obtidos no Google¹¹⁹ indicam uma preferência pelo sujeito *eu* não expresso para as duas locuções verbais: no caso de *quero ir*, 128 100 ocorrências sem o pronome e 43 000 com o pronome; e no caso de *gostaria de ir*, 27 447 ocorrências sem o pronome e 505 com o pronome. Na mesma frase, a escolha entre *dele* ou *seu* para pronome de 3ª. pessoa do singular pode causar dificuldades devido a uso de *seu* tanto para referir-se a um possuidor de 2ª. pessoa como de 3ª. pessoa. A opção de Colasanti, *dele*, se mostra mais clara quanto ao

¹¹⁹ Acesso em 16/ 03/ 2007.

sintagma que retoma, o que não acontece com *seu*, opção de Nasseti e Rinaldi, principalmente porque o nome retomado, *pai*, se encontra na fala da Fada. Segundo Negrão & Müller (1996, p. 142), no caso da retomada de um sintagma nominal específico, como é este, a preferência pelo uso do pronome *dele* é muito superior ao uso de *seu*. Sem dúvida, a tradução de Colasanti mostra-se mais clara que as demais.

O texto de Collodi permite identificar pelo uso do pronome *vi* de 2ª pessoa do plural um tratamento gentil e respeitoso por parte de Pinóquio, reforçado pelo verbo *vorrei* no modo condicional. Esse tipo de tratamento ficou mais evidente na tradução de Rinaldi pelo uso do pronome de tratamento *senhora* e do tempo verbal correspondente em português, *gostaria*. Colasanti também empregou o pronome *senhora*, mas usou a locução verbal *quero ir*, no presente, o que diminuiu o aspecto de gentileza. Verifica-se que Nasseti empregou a mesma ordem do texto italiano para a forma de chamar a Fada, porém não empregou o diminutivo que dá à expressão uma conotação de afeto, que os outros tradutores conservaram, embora sem se ater à ordem nome+pronome como no texto italiano.

A interlocutor de Pinóquio nos próximos dois excertos ainda é a Fada, que já se apresenta como mulher.

Excerto 7

Colasanti p. 107	Nasseti p. 95	Rinaldi p. 95
<p>F: — (...) Como percebeu que era eu?</p> <p>P: — Quem me contou foi o bem enorme que eu lhe quero.</p> <p>F: — Está lembrado? Você me deixou menina e agora me reencontra mulher, tão mulher, que eu poderia ser sua mãe.</p> <p>P: — (...) Mas como [e] fez para crescer tão depressa?</p> <p>F: — É um segredo.</p> <p>P: — Me ensine [e]. (...).</p>	<p>F: — (...) Como percebeu que era eu?</p> <p>P: — Foi o grande bem que [e] te quero que me disse.</p> <p>F: — Lembra? Deixou-me ainda menina e agora me reencontra como mulher; tanto que poderia lhe servir de mãe.</p> <p>P: — Mas como [e] pôde crescer tão depressa?</p> <p>F: — É segredo.</p> <p>P: — Ensina-o para mim. (...).</p>	<p>F: — (...) Como percebeu que era eu?</p> <p>P: — É o grande carinho que [e] tenho pela senhora que me disse.</p> <p>F: — Você se lembra? Você me deixou ainda criança e agora me encontra uma mulher; tão mulher, que quase poderia fazer-me de mãe para você.</p> <p>P: — Mas como a senhora foi crescer tão depressa?</p> <p>F: — É um segredo.</p> <p>P: — Ensine-me [e], (...).</p>

Collodi p. 136
<p>F: — (...) Come mai ti sei accorto che ero io?</p> <p>P: —Gli è il gran bene che vi voglio quello che me l'ha detto.</p> <p>F: — Ti ricordi? Mi lasciasti bambina e ora mi ritrovi donna; tanto donna che potrei quasi farti da mamma.</p> <p>P: — (...) Ma come avete fatto a crescere così presto?</p> <p>F: — È um segredo.</p> <p>P: — Insegnatemelo (...)</p>

Nota-se, de pronto, uma diferença na organização do período da 1ª. fala de Pinóquio. Colasanti o iniciou com a oração subjetiva e não com a principal, como os demais. Isso permitiu à tradutora empregar o pronome *quem* para se referir a *bem*, um substantivo abstrato, o que parece ter dado uma certa graça à fala, pois está de acordo com o sentido do verbo *contar*, do qual é sujeito. Voltando ao foco desta análise, verifica-se que, nesta fala, Colasanti optou pelo pronome lexical para sujeito de 1ª. pessoa do singular, e Nasseti e Rinaldi pela categoria vazia. Segundo Ilari et al. (2002, p. 103), o preenchimento do sujeito de 1ª. pessoa parece estar vinculado a certas classes de verbos. Quanto à forma de Pinóquio se referir à Fada, as opções dos tradutores diferem: Colasanti usou o pronome oblíquo *lhe* com relação à 2ª. pessoa como objeto indireto, o que não permite diferenciar entre tratamento formal ou informal, pois segundo Ilari et al. (2002, p. 79 e 85), *tu*, *você*, *a senhora* se referem à 2ª. pessoa, assim como *lhe*. Nasseti empregou o pronome oblíquo *te* que, segundo Ilari et al. (2002, p. 88) pode referir-se a *tu* e a *você*, mas exclui o tratamento respeitoso e, segundo Possenti (1996, p. 66 e 67) é de uso corrente¹²⁰. Rinaldi preferiu o pronome de tratamento *a senhora*, e deixou clara a forma de tratamento. Uma pesquisa no Google¹²¹ com as expressões resultantes dessas escolhas apresentou os seguintes resultados: *que eu lhe quero*, 48 ocorrências; *que te quero*, 84 000; e *que tenho pela senhora*, apenas uma. Se a pesquisa desta última expressão não for tão refinada, e a busca for pela expressão *que tenho pela*, o número de ocorrências é 841. Para efeito de comparação, a pesquisa das mesmas expressões com a opção contrária com relação ao sujeito forneceu os seguintes resultados: *que lhe quero*, 278 ; *que eu te quero*, 9 400; *que eu tenho pela senhora*, 4; e *que eu tenho pela*, 148. Estes valores mostram que, a escolha de Nasseti, *que te quero*, parece ser a mais usual. O pronome oblíquo *me*, com a função de objeto indireto, foi empregado em próclise pelos três tradutores em conformidade com a tendência do PB registrada por Cunha & Cintra (1985, p. 303), e confirmada pelo Google¹²²: 136 000 ocorrências de *me contou* contra 29 900 de *contou-me*; e 743 000 ocorrências de *me disse* contra 137 000 de *disse-me*.

Na 2ª fala do boneco, todos os tradutores usaram o verbo com desinência número-pessoal de 3ª pessoa do singular para referir-se à 2ª. pessoa e, somente Rinaldi, optou pelo sujeito exposto, o que dá mais clareza ao diálogo.

Na última fala de Pinóquio está o verbo *ensinar* no modo imperativo. Como neste tempo o sujeito é sempre oculto, pois se dirige ao interlocutor, fica mais difícil para a criança

¹²⁰ Contrariamente, Galves & Abaurre (2002, p. 280 e 281) registraram baixa frequência do pronome *te*.

¹²¹ Acesso em 17/ 02/ 2007.

¹²² Acesso em 16/ 03/ 2007.

aperceber-se de qualquer incongruência com outras formas de tratamento já empregadas, porém, a concordância se faz necessária. A tradução de Nasseti revela uma falta de preparação do texto, pois ora opta pelo tratamento *você* para a Fada, evidente na 2ª. fala, ora *tu*, desta última. Além disso, este tradutor empregou o pronome oblíquo *o*, que é de uso marginal no PB, segundo Galves e Abaurre (2002, p. 293). As traduções de Colasanti e Rinaldi não apresentaram este tipo de problema neste excerto. Entre as opções dos tradutores para a forma imperativa, a que apresentou um número de ocorrências no Google¹²³ bem superior às demais foi a de Colasanti, *me ensine*, 18400 contra 1320 para *ensine-me*, e 5 para *ensina para mim*¹²⁴, resultado esperado, pois no PB há a possibilidade de se iniciarem frases com pronome *me*, segundo Cunha & Cintra (1985, p. 307) e, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 287), é o uso habitual para o imperativo.

O foco desta análise é a colocação pronominal, mas chamou atenção um equívoco na tradução de Rinaldi: a clivagem presente na 1ª.fala de Pinóquio não segue a norma para esse tipo de construção¹²⁵. Assim sendo, a frase deveria ser *foi o grande carinho que tenho pela senhora que me disse*, e não, *é o grande carinho que tenho pela senhora que me disse*. A intenção desta observação não é prescrever normas, mas destacar um aspecto que mereceria um estudo específico, uma vez que, o emprego dos verbos de forma adequada tem grande interferência na legibilidade, pois estão diretamente relacionados à lógica do texto.

Observando o texto de Collodi verifica-se mais uma vez o tratamento gentil de Pinóquio para com a Fada, patente pelo emprego do pronome *vi* e pelas desinências verbais, e que só ficou evidente na tradução de Rinaldi. A última fala de Pinóquio apresenta o pronome objeto direto *lo* e o pronome objeto indireto *me*, talvez esta construção, própria da língua italiana, tenha interferido na tradução de Nasseti que empregou os dois tipos de pronome, embora, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 293), o pronome *o* esteja em desuso no PB coloquial.

O próximo diálogo entre Pinóquio e a Fada encerra a análise da fala de Pinóquio com a personagem mais presente em todo o texto, depois de Pinóquio.

¹²³ Acesso em 29/ 11/ 2006.

¹²⁴ Não foi possível pesquisar a expressão *ensina-o para mim*, porque o programa não distingue o hífen.

¹²⁵ A norma habitual para este procedimento é: “a oração começa com o verbo ser, no mesmo tempo em que está o verbo principal da oração primitiva” (PERINI, Mário A., *Gramática descritiva do português*. 3ª. edição. São Paulo: Ática, 1995, p. 215).

Excerto 8

Colasanti p.109	Nassetti p. 96	Rinaldi p.97
P: – Me diga, mãezinha, então não é verdade que a senhora morreu? F: – Parece que não. P: – Se [e] soubesse que dor, que nó na garganta [e] senti quando [e] li <i>aqui jaz...</i>	P: – Diga mãezinha, não é verdade que [e] esteja morta? F: – Parece que não. P: – Se [e] soubesse que dor, que nó na garganta [e] sofri quando [e] li as palavras <i>aqui jaz...</i>	P: – Diga- me , mãezinha, então não é verdade que você morreu? F: – Parece que não. P: – Se você soubesse o meu desgosto e que nó na garganta me deu quando eu li <i>aqui jaz...</i>

Collodi p. 138

P: – Dimmi, mamma: dunque non è vero che tu sia morta?

F: – Par di no.

P: – Se tu sapessi, che dolore e che serratura alla golla che provai, quando lessi *qui giace...*

Na 1ª. fala, Pinóquio emprega o verbo *dizer* no modo imperativo, portanto com sujeito oculto, todos os tradutores usaram a forma morfológica de 3ª pessoa do singular, conseqüentemente referem-se ao pronome de tratamento *você* ou *a senhora*. Colasanti e Rinaldi empregaram o verbo *dizer* como bitransitivo e utilizaram para objeto indireto o pronome oblíquo átono *me*, diferindo na colocação, Colasanti usou a próclise, que apresentou 257 000 ocorrências no Google¹²⁶, e Rinaldi a ênclise, que apresentou 112 000 ocorrências. Nassetti usou o verbo como transitivo direto, não foi possível confirmar a preferência ou não por esta forma devido às inúmeras possibilidades de combinações do vocábulo *diga*. Neste diálogo, Colasanti trata a Fada por *senhora* e Rinaldi por *você*. A comparação com os excertos 6 e 7 prova que não há uniformidade no modo de tratamento na tradução de Rinaldi. A preferência de Nassetti por não expressar o sujeito na frase *que esteja morta*, na qual o verbo tem desinência número-temporal de 1a. ou 3ª. pessoa, e empregada no PB para a 2ª pessoa do singular, não permite uma identificação imediata do sujeito, principalmente por causa do significado do verbo, pois é estranho perguntar a alguém se está vivo ou morto.

Na 2ª. fala de Pinóquio, Colasanti e Nassetti optaram por não expressar o sujeito de *soubesse*, e Rinaldi por expressá-lo. Porém, esta forma verbal é comum à 1a. e à 3ª. pessoas do singular, e neste caso refere-se à 2ª pessoa; isso pode gerar equívocos, tornando-se necessária a expressão do sujeito, como citam Cunha & Cintra (1985, p. 276). A pesquisa no Google¹²⁷ não confirma esse cuidado nos textos, apresentou 68 000 ocorrências para *se soubesse* e 15 700 para *se você soubesse*. Colasanti e Nassetti também não expressaram o

¹²⁶ Acesso em 29/ 11/ 2006.

¹²⁷ Acesso em 17/ 03/ 2007.

sujeito *eu* dos verbos *sentir* e *ler*, ao contrário de Rinaldi; “pode ser que exista uma correlação entre determinados tipos de verbo e a seleção do sujeito, explícito ou não, de primeira pessoa do singular”¹²⁸. No caso destes verbos, os dados do Google¹²⁹ confirmam a preferência pelo sujeito não expresso: 2 800 000 ocorrências para *li* contra 292 000 para *eu li* e 1 010 000 ocorrências para *sentir* contra 119 000 para *eu sentir*.

Afora a colocação pronominal, verifica-se o emprego de expressões que não parecem adequadas ao uso corrente da língua no Brasil, são elas: *que nó na garganta senti*, *que nó na garganta sofri*, e *que nó na garganta me deu*. Na forma como se apresentam não foi encontrada nenhuma ocorrência no Google¹³⁰. Na tentativa de encontrar qual o verbo mais usado para a expressão *nó na garganta*, busquei as expressões: *sentir nó na garganta*, que apresentou 8 ocorrências; *sofrer nó na garganta*, que não apresentou nenhuma.; e *dar nó na garganta*, que apresentou 70 ocorrências. Acredito que este tema seja merecedor de estudos futuros.

No texto de Collodi, tanto na 1^a. como na 2^a. falas de Pinóquio houve necessidade de expressar o sujeito das formas verbais *sai* e *sapessi* porque são as mesmas para a 1^a. e 2^a. pessoas do singular, cuidado que não se verificou nas traduções de Colasanti e Nasseti, e que pode interferir na compreensão.

Pinóquio e o **Camponês** são os interlocutores do próximo excerto analisado. (Indicados por P e C respectivamente)

Excerto 9

Colasanti p.94	Nasseti p. 83	Rinaldi p. 82 e 83
<p>C: – Quando as fuinhas chegaram ao terreiro, você estava acordado ou dormindo? (...)</p> <p>P: – Dormindo (...), mas as fuinhas me acordaram com a conversinha delas, e uma veio até aqui na casinha para me dizer (...), eu sou uma marionete e [e] posso ter todos os defeitos do mundo, mas nunca [e] terei o de entrar em conchavos e colaborar com gente desonesta!</p>	<p>C: – Quando as fuinhas chegaram ao terreiro, estava dormindo ou acordado? (...)</p> <p>P: – Estava dormindo (...) mas as fuinhas me acordaram com seu tagarelar, e uma delas veio até a casinha a me dizer (...) eu sou um boneco que pode ter todos os defeitos deste mundo, mas nunca [e] serei conivente com desonestos e lhes encobrirei as intrigas.</p>	<p>C: – Quando as fuinhas chegaram ao terreiro,você estava acordado ou estava dormindo? (...)</p> <p>P: – Eu estava dormindo (...), mas as fuinhas me acordaram com a sua confabulação, e uma delas veio até aqui perto da casinha para me dizer (...) eu sou um boneco, que [e] posso ter todos os defeitos deste mundo, mas nunca [e] terei o de acobertar as mentiras e de fazer o jogo das pessoas desonestas!</p>

¹²⁸ ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 103.

¹²⁹ Acesso em 22/ 11/ 2007.

¹³⁰ Acesso em 22/ 11/ 2007.

Collodi p. 117

C:—All'arrivo delle faine sull'aia, eri sveglio o dormivi?
--

P:— Dormivo (...) ma le faine mi hanno svegliato coi loro chiacchericci, e una è venuta fin qui al casotto per dirmi (...) io sono un burattino, che avrò tutti i difetti di questo mondo: ma non avrò mai quello di star di balla e di reggere il sacco alla gente disonesta!

Colasanti optou por iniciar a resposta de Pinóquio à pergunta do Camponês de uma forma sucinta, usando apenas o gerúndio. Nasseti empregou também o auxiliar *estava* e Rinaldi preferiu a frase com o sujeito *eu* expresso. Não foi possível pesquisar qual seria a de maior frequência no Google porque tanto o gerúndio como o auxiliar na 3ª. pessoa do singular abrem inúmeras possibilidades para o sujeito, porém, examinando o contexto, verifica-se que o pronome lexical não se faz indispensável nas traduções de Colasanti e Rinaldi e alonga a frase. Já na tradução de Nasseti o mesmo não ocorre, pois não há referência a esse sujeito na pergunta anterior feita pelo Camponês. Os três tradutores utilizaram a próclise para colocação do pronome *me*, tendência do PB, conforme Cunha & Cintra (1985, p. 303). Também expressaram o sujeito de 1ª. pessoa uma única vez na sequência de frases com sujeito *eu* que compõem o período, com exceção de Rinaldi que o expressou também na frase inicial. Essa prática parece estar de acordo com o uso no PB para períodos formados por orações coordenadas e subordinadas completivas, de acordo com as pesquisas de Ilari et al. (2002, p. 104). Houve diferença na escolha do pronome possessivo de 3ª. pessoa. Colasanti empregou *delas*, Nasseti *seu* e Rinaldi *sua* para referirem-se ao possuidor de *conversinhas*, *tagarelar* e *confabulação*, respectivamente. Entretanto, parece ter havido uma compensação na frase seguinte: Colasanti empregou o indefinido *uma* para indicar uma das fuinhas, já Nasseti e Rinaldi também empregaram o pronome possessivo *delas* em seguida ao pronome indefinido *uma* para fazê-lo, critério que deixou mais explícito a que todo se refere. Mesmo assim, a opção de Colasanti parece ser a mais natural, pois no PB, “os sintagmas nominais específicos são quase sempre retomados pelas formas *dele*”¹³¹. Somente Nasseti empregou o pronome *lhes* para objeto indireto nesse período, colocado em próclise; a expressão *lhes encobrirei* não apresentou nenhuma ocorrência no Google¹³².

Fora a análise da colocação pronominal, observam-se equívocos nas traduções de Nasseti e Rinaldi. Estas observações não têm intenção prescritiva, visam mostrar que certas

¹³¹ NEGRÃO, V. & MÜLLER, A.L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?. In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 12. Nº 1. Resp.: Mary Aizawa Kato. São Paulo: PUC, 1996, p. 142.

¹³² Acesso em 26/ 03/ 2007.

construções não estão adequadas ao uso do PB padrão, e dificultam a compreensão do texto. Nasseti empregou a conjunção *e* como coordenativa em duas frases negativas, quando o apropriado seria *nem* ou *não*¹³³. Rinaldi empregou o pronome relativo *que* como conjunção aditiva, o que não se aplica a este caso¹³⁴, ou a desinência de número do verbo *poder* não está conveniente, deveria ser de 3^a. pessoa. Nasseti também empregou a preposição *a* diante de um verbo no infinitivo, numa construção “típica do português europeu”¹³⁵.

O cotejamento com o texto italiano permite constatar que as formas mais sucintas, *dormivo* e *uno*, foram empregadas por Colasanti. Já o tempo futuro constante no trecho *avrò tutti i diffetti* foi adaptado pelos três tradutores para a locução verbal *poder ter* no tempo presente. Esta substituição parece apropriada, pois há uma tendência no PB de substituição do tempo futuro pelo presente do indicativo, conforme Cunha & Cintra (1985, p. 449) e Pontes (1972, p.93 e 94); além disso, a inclusão do verbo *poder* dá à locução o caráter de possibilidade, que é uma das indicações do tempo futuro na língua italiana, e que está conformada ao texto.

No excerto analisado a seguir, os interlocutores são **Pinóquio** e o **Pescador** (representados por P e Pescador, respectivamente).

Excerto 10

Colasanti p.125	Nasseti p. 111	Rinaldi p. 108
<p>Pescador: – Uma marionete?(...) Para dizer a verdade, o peixe-marionete é completamente novo para mim! Melhor assim! Vou te comer com mais prazer.</p> <p>P.: – Me comer? Mas [e] quer entender que [e] não sou um peixe? Ou será que [e] não está percebendo que eu falo e raciocino igualzinho ao senhor?</p>	<p>Pescador: – Um boneco (...). Para dizer a verdade, um peixe-boneco para mim é novidade! Tanto melhor! Comer-te-ei com mais gosto!</p> <p>P.: – Comer, a mim? Mas [e] não quer entender que eu não sou um peixe? [e] Não percebeu que eu falo e raciocino como o senhor?</p>	<p>Pescador: – Um boneco? (...) Não vou mentir não, o peixe boneco é um peixe novo para mim! Melhor ainda! Vou comê-lo com mais gosto.</p> <p>P.: – [e] Comer? Mas não dá para o senhor entender que eu não sou um peixe? Ou [e] não está vendo que eu falo e raciocino como o senhor?</p>

Collodi p. 160
<p>Pescatore: – Un burattino? (...) Dico la verità, il pesce burattino è per me un pesce nuovo! Meglio così! ti mangerò più volentieri.</p> <p>P.: – Mangiarmi? Ma la vuol capire che io non sono un pesce? O non sente che parlo, e ragiono come lei?</p>

¹³³ HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionario Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001, verbete *nem*.

¹³⁴ *Ibid.*, verbete *que*.

¹³⁵ CUNHA, C. & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2^a. edição. 41^a. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 385.

Colasanti, Nasseti e Rinaldi adotaram modos diferentes para a resposta que Pinóquio dá ao Pescador: *me comer*, *comer a mim* e *comer*, respectivamente. Entre as duas primeiras, indubitavelmente a mais usada é *me comer* com 18 300 ocorrências no Google¹³⁶ contra 13 para *comer a mim*. A opção de Rinaldi, *comer*, não apresentaria resultado fidedigno no corpus do Google em virtude da gama de possibilidades de emprego deste verbo, porém, a categoria vazia como objeto, segundo Galves (1984, p. 110), é uma das características que diferencia o PB do português europeu. A fala de Pinóquio segue-se com duas perguntas dirigidas ao Pescador. Na primeira, somente na tradução de Rinaldi o boneco dirige-se ao Pescador tratando-o por *senhor*. Nas traduções de Colasanti e Nasseti o verbo tem desinência de número de 3ª. pessoa, mas o sujeito não foi expresso, e só no fim desta fala fica claro que o interlocutor é tratado por *senhor*. Ainda nesta pergunta, Colasanti optou por não expressar o sujeito da frase *não sou*, que apresentou 1 220 000 ocorrências no Google¹³⁷, Nasseti e Rinaldi optaram por expressar o sujeito, *eu não sou*, opção que apresentou 500 000 ocorrências. Esses resultados indicam que *não sou* é a fala mais natural, confirmando a preferência de não expressar a 1ª. pessoa do singular em frases negativas, observada por Ilari et al. (2002, p. 103). Na segunda pergunta, nenhum dos tradutores optou pelo sujeito expresso de 2ª pessoa na frase negativa que a inicia e todos expressaram o sujeito *eu* na frase *que eu falo e raciocino como o senhor*, em que, pelo contexto, parece haver necessidade de enfatizar o pronome sujeito. De acordo com Ilari et al. (2002, p. 103) esta prática é usual na língua falada.

A análise das falas do Pescador não é objeto desta análise, mas acredito que as diferentes maneiras de expressar o futuro na fala deste personagem indicam que o estudo do uso dos tempos verbais é um campo interessante para pesquisa. Colasanti e Rinaldi optaram pelo presente do verbo *ir* seguido do gerúndio do verbo principal, e Nasseti usou o futuro e mesóclise para colocação pronominal, ambos em desuso na língua falada no Brasil.

Observando o trecho correspondente do texto italiano constata-se que na 1ª pergunta de Pinóquio o pronome está presente na forma enclítica, de acordo com as normas da gramática italiana; talvez essa colocação tenha influenciado Nasseti, que optou por colocar o pronome após o verbo e precedido de preposição, resultando numa forma pouco usual no PB. No texto italiano, a forma de tratamento cerimonioso de tratamento por parte de Pinóquio está clara, devido à desinência de número de 3ª. pessoa e ao uso do pronome *Lei*, sinal de tratamento respeitoso. Com relação ao emprego do pronome de 1ª. pessoa *io*, foi expresso na

¹³⁶ Acesso em 30/ 11/ 2006.

¹³⁷ Acesso em 30/ 11/ 2006.

frase negativa e não na afirmativa, ao contrário das traduções, provavelmente para dar ênfase, pois a desinência de número do verbo não o exige. Isto mostra que os três tradutores não se deixaram influenciar pela forma do texto italiano neste pormenor.

Seguindo o plano de análise delineado, o próximo diálogo tem para interlocutores **Pinóquio** e **Pavio** (representados por P e Pv, respectivamente).

Excerto 11

Colasanti p. 137, 138	Nassetti p. 120	Rinaldi p. 117
Pv: – Estou esperando a meia-noite, para viajar... P: – E eu que fui te procurar em casa três vezes!... Pv: – O que queria de mim? P: – Amanhã, então, [e] estou te esperando na minha casa para o café-da-manhã.	Pv: – Espero a meia-noite para partir P: – Eu fui à sua casa lhe procurar por três vezes!... Pv: – O que queria comigo? P: – [e] Espero- lhe então amanhã para o jantar na minha casa.	Pv: – Espero a meia-noite para partir P: – E eu que fui três vezes procurá- lo em casa!... Pv: – O que você queria de mim?..... P: – Amanhã então [e] espero que você venha para um lanche na minha casa.

Collodi p. 178
L ¹³⁸ : – Aspetto la mezzanotte, per partire... P: – E io che son venuto a cercarti a casa tre volte!... L: – Che cosa volevi da me? P: – Domani, dunque, ti aspetto a colazione a casa mia.

Na 1ª fala de Pinóquio, Colasanti e Rinaldi usaram uma construção topicalizada, comum no PB coloquial, principalmente “quando o tópico é idêntico ao sujeito da S comentário”¹³⁹. Nassetti não fez uso da topicalização, e expressou o sujeito numa situação em que a pesquisa Google¹⁴⁰ não indica esta preferência: são cerca de 418 000 ocorrências sem o sujeito contra 74 000 com o sujeito. Com relação ao pronome átono empregado para complemento do verbo *procurar*, as escolhas variaram. Colasanti optou por *te procurar*, que apresentou 33 800 ocorrências no Google¹⁴¹, Nassetti preferiu *lhe procurar*, que apresentou 19 600 ocorrências, e Rinaldi empregou *procurá-lo*, forma que apresentou 74 400 ocorrências, porém muitas se referem à 3ª. pessoa. O clítico *lo* pode referir-se tanto a *você/senhor* como a *ele* e, embora de uso marginal no PB falado, segundo Galves & Abaurre

¹³⁸ O nome do personagem Pavio no texto italiano é Lucignolo, por isso a diferença na representação.

¹³⁹ PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987, p. 26.

¹⁴⁰ Resultados somados das opções *fui à* e *fui ao*. Acesso em 18/03/07.

¹⁴¹ Acesso em 15/02/2007.

(2002, p. 293), a ênclise é obrigatória com o infinitivo. Em vista do exposto, pode-se considerar que a opção de Colasanti parece ser a mais usual e, portanto, mais familiar à criança brasileira.

Na 2ª fala nenhum dos tradutores empregou o sujeito *eu* expresso para o verbo *esperar*; a preferência por não expressar o sujeito de 1ª pessoa no caso do verbo *esperar* em relação a expressá-lo é cerca de cem vezes maior, segundo as ocorrências no Google¹⁴². Pode-se concluir que a opção dos tradutores foi a de uso habitual, que dá mais naturalidade ao diálogo. Verificam-se diferenças quanto à forma de Pinóquio fazer um convite a Pávio. A busca no Google¹⁴³ indicou os seguintes números de ocorrências para cada uma delas: *estou te esperando*, opção de Colasanti, apresentou 14 100; e *espero que você venha*, opção de Rinaldi, 93. Para analisar a opção de Nasseti, *espero-lhe*, foi necessário efetuar uma busca pelas expressões *espero-lhe então* e *espero-lhe amanhã*, em virtude do programa não reconhecer nem o hífen nem as vírgulas entre os vocábulos. Essa dificuldade incluiria resultados que não vêm ao caso. A busca no Google¹⁴⁴ não *apresentou* nenhuma ocorrência, indicando que esta opção não é usual no PB. Quanto ao possessivo *minha*, foi empregado precedido do artigo *a* e anteposto ao substantivo, que é a forma normalmente usada no PB conforme Neves (1993, p. 175) em todas as traduções.

A comparação com o texto italiano mostra que Colasanti e Rinaldi mantiveram na 1ª. fala de Pinóquio a mesma expressão inicial do texto de Collodi, *e io che*, conservando a expressividade da fala. O texto de Collodi se mostra mais sucinto na forma de Pinóquio fazer o convite ao amigo: *ti aspetto*. Esta maneira sucinta, *te espero*, não foi usada por nenhum dos tradutores, no entanto, o site de busca Google¹⁴⁵ revela que é mais empregada, apresentando 83 000 ocorrências. A brevidade da resposta do texto de Collodi dá vivacidade à leitura, e poderia ser perfeitamente usada no PB, mas foi perdida nas traduções deste trecho.

¹⁴² Acesso em 30/ 11/ 2006.

¹⁴³ Acesso em 15/ 02/ 2007.

¹⁴⁴ Acesso em 27/ 03/ 2007.

¹⁴⁵ Acesso em 30/ 11/ 2006.

Segue-se a análise de mais um diálogo entre **Pinóquio** e **Pavio**.

Excerto 12

Colasanti p. 153	Nassetti p. 132	Rinaldi p.128
<p>P: — Caro Pavio, me tira uma curiosidade: alguma vez você teve doença de orelhas?</p> <p>Pv: — Nunca!... E você?</p> <p>P: — Nunca! Porém, desde hoje de manhã [e] estou com uma dor numa orelha, que me faz sofrer.</p> <p>Pv: — Eu também estou com essa dor.</p> <p>P: — Você também?... E qual é a orelha que te dói?</p> <p>.....</p> <p>P: — Muito bem (...) [e] vamos fazer um pacto como bons amigos.</p> <p>Pavio: — Vamos ouvir o pacto.</p>	<p>P: —Tire-me uma curiosidade, caro Pavio, [e] já sofreu de algum mal das orelhas?</p> <p>Pv: —Eu não! E você?</p> <p>P: — Nunca! Porém, desde hoje de manhã [e] tenho uma orelha que me faz sofrer.</p> <p>Pv: — Eu também tenho o mesmo mal.</p> <p>P: — Você também?... E qual orelha te dói?</p> <p>.....</p> <p>P: — Então (...) façamos [e] um trato de bons amigos.</p> <p>Pavio: —Vejamos o tal trato.</p>	<p>P: —Tire-me uma curiosidade, meu querido Pavio: você nunca sofreu de doença de orelhas?</p> <p>Pv: — Nunca!... E você?</p> <p>P: — Nunca! Contudo, desde esta manhã, [e] sinto dores agudas numa orelha.</p> <p>Pv: — Eu estou com a mesma dor.</p> <p>P: — Você também?... E qual é a orelha que dói?</p> <p>.....</p> <p>P: — Pois bem (...) [e] vamos fazer um trato como bons amigos.</p> <p>Pavio: — Vamos ouvir o trato.</p>

Collodi Giunti p. 199
<p>P: — Levami una curiosità, mio caro Lucignolo: hai mai sofferto di malattia agli orecchi?</p> <p>L: — Mai!...E tu?</p> <p>P:— Mai! Per altro da questa mattina in poi ho un orecchio, che mi fa spasimare.</p> <p>L:— Ho lo stesso male anch' io.</p> <p>P:— Anche tu? E qual è l' orecchio che ti duole?</p> <p>.....</p> <p>P:— Ebbene (...) facciamo un patto da buoni amici.</p> <p>L: — Sentiamo il patto.</p>

Na 1ª. fala de Pinóquio há um pedido, geralmente veiculado por uma oração imperativa mas que, segundo Pontes (1972, p. 95), pode ser usado o presente do indicativo com essa função. Colasanti empregou este tempo verbal com desinência de 3ª. pessoa, e próclise para colocação do pronome *me*; na 2ª. frase da fala usou o pronome *você* expresso para 2ª. pessoa e verbo com desinência de 3ª. pessoa, o que evita ambigüidade.

Nassetti empregou o verbo *tirar* no modo imperativo com desinência de 3ª. pessoa, portanto relativo ao pronome *você*; o pronome *me* em ênclise, apesar de, na língua falada, a próclise também ser adotada com o imperativo, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 287) e não expressou o sujeito *você* na 2ª. fala desta fala. Segundo Negrão & Muller (1996, p. 138), a marca morfológica de 3ª.pessoa do verbo exige a recuperação do sujeito por um sintagma nominal presente anteriormente no contexto e a ausência do pronome lexical causa um estranhamento. Talvez a dificuldade se deva à pontuação que não permite identificar se trata-se de um vocativo ou de sujeito topicalizado, neste caso, “uma categoria vazia sujeito parece

não recuperar o tópico"¹⁴⁶. Rinaldi, por sua vez, também empregou o verbo *tirar* no imperativo e a ênclise para colocação pronominal, mas empregou o pronome lexical *você* ao dirigir-se ao interlocutor, o que se faz necessário devido à desinência verbal de 3ª. pessoa. Para vocativo, a tradutora preferiu a expressão *meu querido*, na qual o possessivo indica uma expressão de intimidade ou amizade, uma forma usual no PB confirmada pelo número de ocorrências no Google: 262 000 ocorrências no Google.¹⁴⁷

Na 2ª. fala de Pinóquio nenhum dos três tradutores empregou o sujeito *eu* expresso numa frase afirmativa, embora cada um tenha empregado um verbo diferente: *estar*, *ter* e *sentir*. Segundo Ilari et al. (2002, p. 103), influenciam na opção pelo sujeito lexical a frase afirmativa e a necessidade de dar ênfase ao sujeito o que não parece ser necessário nestes casos, pois a pesquisa no Google¹⁴⁸ revelou preferência pelo sujeito não expresso: 1 052 000 ocorrências de *estou com* contra 159 000 de *eu estou com*, 759 100 ocorrências de *tenho uma* contra 407 000 ocorrências de *eu tenho uma*, e 970 000 ocorrências de *sinto* contra 350 000 de *eu sinto*. Colasanti e Nasseti empregaram o pronome *me* em próclise, que é a preferência do PB, conforme Cunha & Cintra (1985, p. 303); na tradução de Rinaldi não consta esta parte da fala.

Na 3ª. fala do boneco verifica-se uma diferença quanto ao uso do pronome oblíquo: Colasanti e Nasseti optaram pelo objeto indireto na frase *que te dói*. Rinaldi eliminou o pronome oblíquo. Uma pesquisa no Google revelou uma grande diferença entre a expressão *que dói* sem o pronome oblíquo, 67 500 ocorrências e com o pronome oblíquo: *que me dói*, 668; *que te dói*, 55; *que lhe dói*, 80; *que nos dói*, 71; *que lhes dói*, 21 ocorrências¹⁴⁹. Essa diferença não pode ser aceita sem levar em consideração outras frases em que o pronome não caberia, mas é significativa, parecendo evidente que o pronome, com função de objeto indireto, não é tão empregado neste caso. Na última fala deste excerto nenhum dos tradutores usou o pronome lexical *nós*. A desinência de 1ª. pessoa do plural garante a identificação do sujeito, tanto no presente do indicativo como no do subjuntivo, que foi a escolha de Nasseti, a ausência do pronome neste caso não acarreta nenhuma dificuldade à leitura.

Verifica-se na fala de Pávio uma expressão não usual no PB nas três traduções analisadas, a saber: *ouvir o pacto*, opção de Colasanti apresentou uma única ocorrência no Google. *Ver o trato*, opção de Nasseti, apresentou 19 ocorrências, porém inclui aquelas em

¹⁴⁶ GALVES, C. *Pronomes e categorias vazias em português do Brasil*. In: Cadernos de Estudos Linguísticos 7. Campinas: UNICAMP: IEL, 1984, p. 121.

¹⁴⁷ Acesso em 11/ 02/ 2007.

¹⁴⁸ Acesso em 11/ 02/ 2007.

¹⁴⁹ Acesso em 07/ 12/ 2006.

que as palavras estão separadas por vírgulas. *Ouvir o trato*, opção de Rinaldi, não apresentou nenhuma ocorrência. Estas observações não merecerão um exame detalhado porque não fazem parte dos objetivos desta dissertação, mas podem ser alvo de novas pesquisas. Uma outra observação, que também não é o objeto desta análise, é a questão da pontuação adequada que marca as pausas, a melodia e a entonação da leitura. Na tradução de Nasseti, a 1ª fala de Pinóquio constitui-se de uma frase que representa um pedido seguido de uma pergunta, estas frases deveriam estar separadas por dois pontos, pontuação que tem a finalidade de indicar a mudança de entonação.

No texto de Collodi verifica-se que o pronome sujeito não foi empregado nenhuma vez porque a morfologia verbal da língua italiana permite a distinção do sujeito. Nasseti empregou esse critério para o português. Colasanti e Nasseti empregaram a mesma estrutura do italiano na tradução de *che ti duole*, cuja tradução literal é *que te dói*. O verbo *sentire* presente na última fala de PAVIO (Lucignolo) pode ter vários significados, como *udire* (ouvir), *assistere / essere presente* (assistir / estar presente) que parecem ter influenciado as escolhas dos tradutores. Assim sendo a expressão *sentiamo il patto* foi traduzida por expressões não usadas no PB. Nenhum optou pelo significado *venire a sapere* (vir a saber / tomar conhecimento), mais adequado ao contexto¹⁵⁰.

O próximo excerto foi extraído do diálogo entre **Pinóquio** e o **Velhinho** (representados por P e V respectivamente).

Excerto 13

Colasanti p. 130	Nasseti p. 115	Rinaldi p. 110
V: — E por que você está todo branco desse jeito? perguntou (...) P: — Vou lhe contar... Sem perceber, me esfreguei num muro recém-caiado - respondeu (...) V: — O que você fez com a jaqueta, as calças e o chapéu? P: — [e] Dei de cara com uns ladrões que me despiram.[e] Diga, meu bom velhinho, o senhor não teria por acaso alguma roupinha, só para eu poder voltar para casa?	V: — E por que você está todo branco dessa maneira? perguntou (...) P: — Vou- lhe dizer... sem perceber me esfreguei num muro caiado recentemente - respondeu (...) V: — E da jaqueta, do teu calção e do chapéu, o que foi feito? P: — [e] Encontrei ladrões que me despiram. E diga- me , bom velho, [e] não teria por acaso alguma roupinha, só para que eu possa voltar para casa?	V: — E por que você está branco desse jeito? perguntou-lhe (...) P: — Vou [e] contar... Sem perceber, [e] rocei num muro que estava recém-pintado - respondeu (...) V: — O que você fez com sua jaqueta, com o seu calção e com o seu boné? P: — [e] Encontrei uns ladrões que me tiraram a roupa. Diga- me , bom velho, o senhor não teria por acaso uma roupinha, somente para que eu possa voltar para casa?

¹⁵⁰ ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Edizione Terzo millennio. Bologna: Zanichelli, [2000], p.967.

Collodi p. 168

V: – E perché sei tutto bianco a codesto modo? – gli domandò (...)

P: – **Vi** dirò...senza avvedermene, mi sono strofinato a un muro, che era imbiancato di fresco – rispose (...)

V: – O della tua giacchetta, de' tuoi calzoncini e del tuo berretto, che cosa ne hai fatto?

P: – Ho incontrato i ladri e mi hanno spogliato. Dite, buon vecchio, non avreste per caso da darmi un po' di vestituccio, tanto perché io possa ritornare a casa?

Nas três traduções, na 1ª fala de Pinóquio, o futuro foi indicado pela locução verbal formada pelo verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, um dos substitutos do tempo futuro do indicativo na língua falada, segundo Cunha & Cintra (1985, p. 448 e 449). Nessa locução, Colasanti e Nasseti fazem uso do pronome oblíquo *lhe* para 2ª. pessoa, que não permite distinguir a forma de tratamento. Verifica-se uma diferença na colocação desse pronome por cada um dos tradutores: Colasanti usa a próclise em relação ao verbo temático, que é “a regra geral, nas locuções verbais”¹⁵¹, permitindo que se acentue o pronome *lhe* na leitura, favorecendo o ritmo binário trocaico do PB. Nasseti usa a ênclise em relação ao auxiliar *ir*, seguindo a norma da gramática tradicional¹⁵², porém, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 286 e 287), não mais usual no PB e que não favorece o ritmo binário trocaico natural da língua. Rinaldi não faz uso do objeto indireto nesta frase, adotando uma prática possível no PB onde “nas frases simples, a ocorrência desse objeto vazio é muito mais freqüente”¹⁵³. A pesquisa no Google¹⁵⁴ só permitiu verificar que há uma grande preferência pela expressão sem o pronome: 102 200 ocorrências de *vou contar* contra 716 de *vou lhe contar*; entretanto, como o hífen não é reconhecido, não foi possível diferenciar os casos em que o pronome está proclítico ao verbo no infinitivo daqueles em que está enclítico ao auxiliar. Estas opções, mas com o sujeito *eu* expresso apresentam 26 400 e 178 ocorrências respectivamente. A título de comparação, a opção *vou te contar* apresentou 31 400 ocorrências. Esses resultados indicam que as opções com o pronome *lhe* são menos usuais no PB. As escolhas dos três tradutores não permitem identificar a forma de tratamento de Pinóquio para com o Velhinho nessa fala. Nenhum dos tradutores empregou o sujeito explícito de 1ª. pessoa do singular no caso dos verbos *esfregar-se* (Colasanti e Nasseti) e *roçar* (Rinaldi). Para a colocação do pronome oblíquo *me*, Colasanti e Nasseti usaram a próclise, tendência da língua portuguesa, conforme Cunha & Cintra (1985, p. 303). As observações anteriores se confirmam com a pesquisa no

¹⁵¹ GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 286.

¹⁵² CUNHA, C. & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. edição. 41ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 305 – 307.

¹⁵³ GALVES, C. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 7*. Campinas: UNICAMP: IEL, 1984, p. 113.

¹⁵⁴ Acesso em 11/ 02/ 2007.

Google¹⁵⁵: 189 ocorrências de *me esfreguei*, 11 de *eu me esfreguei*, 31 de *esfreguei-me*, 697 de *rocei* e 16 de *eu rocei*. Todos os tradutores empregaram a expressão *sem perceber*, que tem preferência maciça, provavelmente está entre as “expressões quase fixas” usadas no PB¹⁵⁶.

Na 2ª. fala de Pinóquio todos os tradutores optaram pelo sujeito de 1ª. pessoa do singular não expresso no caso dos verbos *dar* e *encontrar*, que parece ser a preferência do PB segundo registros no Google. Foram 1 221 600 ocorrências de *dei* contra 231 000 de *eu dei*, e 753 000 de *encontrei* contra 159 000 de *eu encontrei*¹⁵⁷, indicando que, para estes verbos, a preferência é não expressar o sujeito de 1ª. pessoa do singular. Já para a última frase na qual a desinência verbal não permite identificar o sujeito, todos optaram pelo sujeito expresso. Quanto à forma imperativa do verbo *dizer*, a opção sem pronome, empregada por Colasanti, *diga*, mostrou ser a mais usual no PB, 1 590 000 ocorrências no Google¹⁵⁸; já a forma com o pronome, *diga-me*, adotada por Nasseti e Rinaldi apresentou apenas 115 000 ocorrências. Colasanti também empregou o possessivo *meu* para indicar amizade de Pinóquio em relação ao Velhinho, resultando numa forma mais expressiva que a usada pelos outros tradutores. Nesta fala de Pinóquio é possível identificar o tratamento respeitoso do boneco para com o Velhinho nas traduções de Colasanti e Rinaldi pela forma de tratamento *o senhor*. Nasseti não emprega o pronome, assim sendo, não caracteriza o modo de tratamento.

No texto de Collodi, já na 1ª. fala do boneco é possível identificar a forma de tratamento respeitosa que Pinóquio emprega ao dirigir-se ao interlocutor com o pronome *vi*, o que não foi possível nas traduções analisadas. Esse tratamento se confirma na 2ª. fala, onde a desinência número-temporal do verbo é de 2ª. pessoa do plural, *non avreste* (não teríeis), indicando um tratamento respeitoso.

¹⁵⁵ Acesso em 4/ 01/ 2007.

¹⁵⁶ ILARI et al. *Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise*. In: Gramática do Português Falado. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p.102.

¹⁵⁷ Acesso em 11/ 02/ 2007.

¹⁵⁸ Acesso em 11/ 02/ 2007.

O diálogo entre o **Comprador e Pinóquio** (representados por C e P, respectivamente) encerra o grupo de diálogos examinados em que o interlocutor de Pinóquio é humano.

Excerto 14

Colasanti p. 168	Nassetti p. 143	Rinaldi p. 138
<p>P: – Eu penso que nem o senhor (...). E eis que está contado como o senhor, puxando a corda, encontrou uma marionete viva em vez de um burrinho morto.</p> <p>C: – Eu não estou nem aí para a sua história (...). Vou levá-lo de volta para o mercado e vender a peso como lenha seca para acender a lareira.</p> <p>P: – [e] Pode me vender, tudo bem (...)</p>	<p>P: – Eu também acho assim (...) E eis que [e] acabei de contar como, ao puxar a corda, o senhor encontrou um boneco vivo no lugar de um burrinho morto.</p> <p>C: – Dane-se a sua história (...). Levá-lo de volta ao mercado para lhe revender a peso de madeira seca, para acender o fogo na lareira.</p> <p>P: – [e] Pode me revender. Eu fico satisfeito. (...)</p>	<p>P: – Eu também acho (...). E eis que já [e] contei por que razão o senhor, puxando a corda para cima, encontrou um boneco vivo em lugar de um burrinho morto.</p> <p>C: – Eu dou risada da sua história. (...). Vou levá-lo novamenete ao mercado e vou revendê-lo a peso de madeira seca para acender o fogo na lareira.</p> <p>P: –[e] Pode revender-me, eu fico contente. (...).</p>

Collodi p. 219

P: – Io la penso come voi. (...) Ed **eccovi** raccontato in che modo voi, tirando su la fune, avete trovato un burattino vivo, invece d'un ciuchinop morto.

C: – Io mi rido della tua storia. (...) Ti porterò daccapo al mercato, e ti, e ti rivenderò a peso di legno stagionato per accendere il fuoco nel caminetto.

P: – Rivendetemi **pure**: io sono contento (...).

Verifica-se na 1a. fala de Pinóquio o preenchimento do sujeito de 1ª. pessoa numa frase afirmativa com verbos de julgamento: Colasanti usou o verbo *pensar*. Nassetti e Rinaldi usaram o verbo *achar*, casos em que “parece ser bastante importante que se marque a presença do sujeito modalizador”¹⁵⁹. A presença do sujeito *eu* parece ter muita importância por causa da natureza desses verbos. Nassetti e Rinaldi optaram pela categoria vazia para sujeito de 1ª. pessoa no caso dos verbos *acabar* e *contar*. Parece haver “uma correlação entre determinados tipos de verbo e a seleção do sujeito, explícito ou não, de primeira pessoa do singular”¹⁶⁰ e as opções destes tradutores estão consoantes com a preferência revelada pelo Google¹⁶¹: a razão entre a expressão sem o sujeito expresso e com o sujeito expresso foi 6/ 1 no caso de *acabar* e 6,8/ 1 no caso de *contar*. Colasanti usou a expressão *está contado como* para relatar o fato, expressão que apresentou apenas 2 ocorrências no Google, mostrando não ser familiar à criança brasileira. Todos os tradutores empregaram o pronome de 2ª. pessoa, *senhor*, expresso, o que facilita a legibilidade, pois o verbo tem desinência de 3ª. pessoa.

¹⁵⁹ ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 103.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p 103.

¹⁶¹ Acesso em 12/ 02/ 2007.

Além da questão pronominal, verifica-se que nesta mesma fala foi empregada a expressão *eis que* cujo significado atual não parece coadunar-se com a sintaxe das frases nestas traduções. Esta expressão tem sentido causal¹⁶², não parece adequada a uma frase conclusiva, além de não ser familiar à linguagem da criança, motivo pelo qual não se mostra muito apropriada à fala de Pinóquio.

Na tradução da 2ª. fala do boneco, Colasanti e Nasseti usaram a disposição verbo+clítico+infinitivo. Esta é a regra geral aplicada ao pronome *me* segundo Galves & Abaurre (2002, p. 286). Rinaldi afastou-se dessa regra e optou pela ênclise ao verbo principal. Em nenhuma das três traduções o sujeito de 2a. pessoa da expressão verbal *pode me vender / pode revender-me* foi expresso, revelando uma expressão de pouco caso da parte de Pinóquio. As expressões adotadas por Nasseti e Rinaldi, *eu fico satisfeito* e *eu fico contente*, respectivamente, não correspondem à preferência revelada pelo Google¹⁶³: cerca de 27 000 ocorrências sem o sujeito expresso contra 176 com o sujeito expresso para o primeiro caso, e cerca de 44 000 sem o sujeito expresso contra 317 com o sujeito expresso no segundo caso. Colasanti deixou mais atual essa expressão empregando *tudo bem*, um modo de falar que parece estar em voga no PB, pois apresentou 1 350 000 ocorrências .

Collodi empregou o advérbio *ecco* unido ao pronome *vi*. Este advérbio tem a função de “indicare, annunciare, presentare qualcosa o per richiamare l’ attenzione su qualcuno”¹⁶⁴. O pronome *vi = a voi*, significa *para o senhor* ; assim sendo *eccovi* tem o significado de *aqui está para o senhor*. A expressão italiana é vivaz e dá um ritmo à leitura que não aparece nas traduções. Na última fala, o advérbio *pure*, que tem função enfática, ou seja, “valore rafforzativo in espressioni di incoraggiamento e de rimprovero”¹⁶⁵ e ressalta a ação do verbo *rivendere* (revender). Comparando as traduções com o texto italiano, constata-se que nenhum dos tradutores optou por um modificador do verbo, preferiram a locução verbal *poder vender / poder revender* que indica uma possibilidade. Desse modo também conseguiram manifestar o pouco caso de Pinóquio.

Seguem-se os diálogos em que Pinóquio é um dos falantes e o interlocutor é um animal, em número de seis. O primeiro é entre **Pinóquio** e o **Grilo Falante** (representados por P e G, respectivamente).

Excerto 15

¹⁶² PIACENTINI, M. T. Q. *Eis que. Posto que*. In:

<kplus.cosmo.com.br/materia.asp?cp=96&rv=Gramática>. Acesso em 27/ 11/ 2006.

¹⁶³ Acesso em 12/ 02/ 2007.

¹⁶⁴ SENSINI, Marcello. *La grammatica della lingua italiana*. Milano: Mondadori, 1997, p. 356.

¹⁶⁵ ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Edizione Terzo millenio. Bologna: Zanichelli, [2000], p. 841, verbete *pure*, sign. 2.

Colasanti p. 22	Nassetti p.24	Rinaldi p.23
G: — Pobre Pinóquio! Que pena você me dá!... P: — Por que [e] lhe dou pena?	G: — Pobre Pinóquio! Você me inspira compaixão! P: — Porque [e] inspiro compaixão a você ?	G: — Pobre Pinóquio! [e] Estou mesmo com pena de você!... P: — Por que você tem pena de mim ?
Collodi p. 23		
G: — Povero Pinocchio! Mi fai próprio compassione!... P: — Perché ti faccio compassione?		

Nas traduções de Nassetti e Rinaldi fica patente que Pinóquio trata o Grilo por *você*. Na fala de Pinóquio, Colasanti optou por uma expressão verbal em que o sujeito é Pinóquio, *dar pena* e pelo não preenchimento do sujeito de 1ª. pessoa. Nassetti preferiu a expressão verbal *inspirar compaixão* e também optou pela categoria vazia para sujeito de 1ª pessoa. Rinaldi preferiu uma expressão verbal em que o sujeito é o Grilo e expressou o sujeito de 2ª. pessoa *você*. Segundo Ilari et al.(2002, p. 103) há classes de verbos que podem ou não favorecer a ocorrência do pronome sujeito, e no caso dos verbos *dar* e *inspirar* os dados do Google¹⁶⁶ indicam a grande preferência por não expressá-lo, cerca de 1 800 000 para *dou* e 21 940 para *inspiro* contra 203 000 para *eu dou* e 185 para *eu inspiro*. Colasanti empregou o pronome oblíquo *lhe* em próclise para objeto indireto do verbo *dar*. Nassetti empregou o pronome reto precedido de preposição, *a você* e Rinaldi, escolheu a expressão *ter pena* e empregou o complemento nominal *de mim*. Entre essas opções, a que apresenta mais ocorrências no corpus do Google é *tem pena de mim*, 702 ocorrências. As demais, *lhe dou pena* e *inspiro compaixão* não apresentaram nenhuma ocorrência; *compaixão a você* apresentou uma única ocorrência. Estas expressões, mas com desinência verbal de 3ª. pessoa aparecem 28 e 102 vezes respectivamente. Esses dados parecem confirmar que a forma mais usada, e portanto familiar para a criança, é a opção de Rinaldi: *tem pena de mim*, além de que, as outras parecem ser usadas para referir-se a outra pessoa.

No texto de Collodi a forma de tratamento de Pinóquio para com o Grilo é *tu*, um tratamento de igualdade, que foi adotado pelos tradutores com o pronome *você*. A expressão *ti faccio compassione*, cuja tradução literal é *te faço compaixão*, empregada por Collodi tem sujeito de 1ª. pessoa. Colasanti e Nassetti aproximaram-se dessa estrutura empregando verbos em que o sujeito é Pinóquio, o que não se mostrou muito adequado ao PB.

¹⁶⁶ Acesso em 12/ 02/ 2007.

Uma dupla de personagens de destaque na história de Pinóquio é formada pela Raposa e o Gato. **Pinóquio** e a **Raposa e o Gato** (representados por P e R, respectivamente), são os interlocutores do próximo excerto.

Excerto 16

Colasanti p. 48	Nassetti p. 45, 46	Rinaldi p. 43, 44
R: — Bom dia, Pinóquio P: — Como é que [e] sabe o meu nome? R: — Conheço bem o seu pai. P: — Onde você o viu? R: — Eu o vi ontem na porta de casa. P: — E o que [e] fazia?	R: — Bom dia, Pinóquio P: — Como [e] sabe meu nome? R: — Conheço bem o seu pai. P: — Onde você o viu? R: — Vi-o ontem na porta de sua casa. P: — E o que [e] fazia?	R: — Bom dia, Pinóquio P: — Como é que você sabe o meu nome? R: — Eu conheço bem o seu pai. P: — Onde você o viu? R: — Eu o vi ontem na soleira da porta da casa dele. P: — E o que [e] estava fazendo?

Collodi Giunti p. 55

V¹⁶⁷: —Buon giorno, Pinocchio.
P: — Com' è che sai il mio nome?
V: — Conosco bene il tuo babbo.
P: — Dove l' hai veduto?
V: — L' ho veduto ieri sulla porta di casa sua.
P: — E che cosa faceva?

Na 1ª fala de Pinóquio somente Rinaldi optou por expressar o pronome *você* quando o boneco se dirige à Raposa, opção esta que favorece a leitura, pois a desinência verbal usada pode referir-se tanto à 2ª pessoa, *você* ou *senhor / senhora*, como à 3ª pessoa. Com relação ao possessivo *meu*, os Colasanti e Rinaldi o empregaram de acordo com o usual no PB, preposto ao nome e precedido do artigo, como observado por Neves (1993, p.175, 176). Nassetti não empregou o artigo neste caso.

Na 2ª fala do boneco, os três tradutores em questão usaram o pronome lexical *você* para sujeito e optaram pelo pronome *o* em próclise; este pronome é encontrado no PB falado no padrão culto, e de forma marginal, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 293) e Possenti (1996, p. 67), o que parece tirar a naturalidade da fala de Pinóquio.

Na 3ª fala, devido à desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas e ao uso de *você* para 2ª pessoa, o sujeito não lexical pode gerar dúvidas quanto ao falante. Esta mesma questão repete-se na última fala deste excerto, porém, nesse caso, o contexto reduz essa possibilidade.

A comparação com o texto de Collodi permite verificar que os tradutores mostraram-se próximos ao texto italiano, não expressando os sujeitos dos verbos, o que não gera dúvidas

¹⁶⁷ O nome deste personagem no texto italiano é Volpe, por isso é representado por V.

na língua italiana, pois a desinência de número dos verbos permite identificar a pessoa, o que não ocorreu na tradução, dificultando a leitura. Observa-se também que Colasanti e Nassetti optaram pelo mesmo tempo verbal do texto italiano para indicar uma ação que ocorreu num determinado momento, *fazia*, em italiano *faceva*. Rinaldi usou a locução *estava fazendo*, com a mesma finalidade. Mais uma vez a questão verbal chama a atenção sugerindo que deve ser uma área interessante para estudo.

No próximo excerto analisado, os interlocutores de Pinóquio são os Coelho. Embora a presença destes personagens não seja tão marcante como os anteriores, as falas de Pinóquio apresentam aspectos merecedores de análise. Os interlocutores, **Pinóquio** e **Coelhos**, estão representados por P e C, respectivamente.

Excerto 17

Colasanti p. 70	Nassetti p. 66	Rinaldi p. 62
P: — O que vocês querem de mim ? (...) C: — Viemos buscá-lo (...). P: — Me buscar?...Mas eu ainda não estou morto!...	P: — O que [e] querem comigo ? (...) C: — Viemos lhe buscar (...) P: — Buscar- me ? Mas eu ainda não morri!...	P: — O que [e] querem de mim ? (...) C: — Viemos buscá-lo (...). P: — Me buscar?...Mas eu ainda não estou morto!...

Collodi p. 85
P: — Che cosa volete da me? (...) C: — Siamo venuti a prenderti (...) P: — A prendermi?... Ma io non sono ancora morto! ...

A 1ª. fala de Pinóquio é uma pergunta em que o verbo tem desinência de número de 3ª. pessoa do plural, podendo indicar uma indeterminação ou o pronome *vocês*. Colasanti optou por expressar o sujeito, permitindo que o leitor identifique de imediato quem é o interlocutor. Nassetti e Rinaldi optaram pela categoria vazia para sujeito. Parece ter havido da parte de Colasanti maior identificação com o leitor criança, que ainda está aprendendo a decifrar textos. Na mesma fala, a expressão *querem comigo* usada por Nassetti apresentou maior número de ocorrências no Google¹⁶⁸ do que *querem de mim*: 425 contra 245 .

Na 2ª. fala, Colasanti e Rinaldi usaram a próclise para o pronome átono *me*. Nassetti usou a ênclise. Uma das características do PB é a possibilidade de se iniciarem frases com pronomes átonos, “especialmente com a forma *me*”¹⁶⁹ o que ratifica a colocação de Colasanti e Rinaldi como mais familiar para a criança brasileira. O pronome *eu* foi expresso por todos

¹⁶⁸ Acesso em 30/ 11/ 2006.

¹⁶⁹ CUNHA, C. & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. edição. 41ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 307.

os tradutores na frase *eu ainda não estou morto / eu ainda não morri*, o que parece ser necessário devido ao contexto.

No texto italiano, o verbo *volete* tem morfologia de 2ª. pessoa do plural, que tanto pode ser empregado para o plural de *tu / vocês* como para representar um tratamento respeitoso, mas sempre se refere ao interlocutor. Assim sendo, não há necessidade do sujeito estar expresso, o próprio contexto esclarece a questão. Isso não ocorreu com a frase no caso do PB, pois a desinência de 3ª. pessoa do plural pode levar a uma indeterminação: *eles*, quem? A tradução literal de *io non sono ancora morto* é *eu não estou ainda morto*; e a forma mais sucinta e que dá leveza ao texto, é : *eu ainda não morri*, escolha de Nasseti. O sujeito *io* foi expresso, embora a desinência verbal não o exija; este procedimento foi mantido nas traduções.

O próximo excerto analisa uma das falas de **Pinóquio** com **Alidoro** (representados por P e A, respectivamente). Alidoro é um cão, um dos personagens não humanos que dialoga com o boneco.

Excerto 18

Colasanti p.123	Nasseti p. 109	Rinaldi p.105
A: — Me ajude, Pinóquio!... Me salve da morte!	A: — Ajude-me, Pinóquio meu, salve-me da morte!	A: — Socorro, Pinóquio!...Salve-me da morte!...
P: — Mas se eu ajudar você a se salvar, [e] promete que [e] não vai mais me atormentar nem me perseguir?	P: — Se eu te ajudar a sair dessa, [e] promete- me não mais me aborrecer e não mais me correr atrás?	P: — Mas, se eu ajudar [e] , você promete não me incomodar mais e não correr atrás de mim ?

Collodi p. 157
A: — Aiutami, Pinocchio mio !...Salvami dalla morte!...
P: — Ma se io ti aiuto a salvarti , mi prometti di non darmi più noia e di non corrermi dietro?

Nesta fala de Pinóquio os três tradutores optaram pelo sujeito *eu* expresso para o verbo *ajudar*, neste caso necessário, pois a desinência é a mesma da 3ª. pessoa, conforme Cunha & Cintra (1985, p. 276). Para objeto direto como complemento deste verbo, Colasanti empregou *você*. Nasseti o pronome átono *te* em próclise e Rinaldi optou pela categoria vazia. Todas estas variedades são usadas no PB, conforme estudos da língua falada: “o pronome tônico

você concorre com o uso clítico na segunda pessoa”¹⁷⁰; apesar do pronome de 2ª. pessoa mais usado no país ser *você*, “a forma ‘te’ é corrente para expressar a segunda pessoa em posição de objeto direto ou indireto”¹⁷¹; além disso o PB apresenta a “possibilidade de aparecer, nas frases simples, um objeto direto vazio (não lexical)”¹⁷². Galves & Abaurre (2002, p. 280) constataram, no *corpus* do português falado examinado em sua pesquisa, baixíssima frequência do oblíquo *te*. No entanto, a opção *se eu te ajudar* apresentou mais ocorrências no Google¹⁷³: 181 ocorrências contra 12 de *se eu ajudar você*. A pesquisa da opção de Rinaldi, *se eu ajudar*, não seria confiável devido ao grande número de possibilidades de complementação para esta frase. Estas considerações me permitiram concluir que a opção de Nasseti parece a mais familiar à criança brasileira.

Somente Rinaldi optou pelo sujeito expresso *você* para o verbo *prometer*, o que se fez necessário porque o pronome não foi expresso na frase anterior. Colasanti e Nasseti empregaram a categoria vazia, o que não gera dúvidas porque o pronome está expresso na frase anterior em ambas as traduções. Nasseti preencheu a categoria de objeto indireto para este verbo, e usou o pronome átono *me* em ênclise, que não é o habitual, segundo Cunha & Cintra (1985, p. 303) e Galves & Abaurre (2002, p. 284). Os demais tradutores usaram o verbo como transitivo direto¹⁷⁴. Com relação à colocação do pronome *me* para os demais verbos, cada tradutor adotou um critério: Colasanti usou a próclise e empregou os verbos *atormentar* e *perseguir*, resultando numa opção que favorece a leitura devido não só à preferência pela próclise no PB, como também pela expressão *me perseguir*, que apresentou 655 ocorrências no *corpus* do Google¹⁷⁵. Nasseti empregou a próclise e o verbo *aborrecer* e a expressão *me correr atrás*, a pesquisa no Google não indica nenhuma ocorrência para a essa expressão. Rinaldi usou a próclise em relação ao verbo *incomodar*, empregou também a expressão *correr atrás de mim* que apresentou 183 ocorrências no Google nessa data.

A comparação com o texto de Collodi revela que Rinaldi suprimiu o trecho assinalado em negrito *a salvarti*, cuja tradução é *a te salvar* e que complementa o sentido de *ajudar*, e foi

¹⁷⁰ GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 281.

¹⁷¹ POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 5ª reimpressão. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 / 2000, p. 66, 67.

¹⁷² GALVES, C. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 7. Campinas: UNICAMP: IEL, 1984, p. 107.

¹⁷³ Acesso em 12/ 01/ 2007.

¹⁷⁴ O verbo *prometer* com o sentido de *afirmar*, *declarar de antemão* pode ser transitivo direto ou bitransitivo. (HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001, verbete *prometer* sign. 3).

¹⁷⁵ Acesso em 10/ 01/ 2007.

mantido por Colasanti e Nasseti. O resultado foi uma frase curta, que dá leveza ao diálogo, sem perdas para o significado. Verifica-se também que a tradução de Nasseti está muito próxima ao texto de Collodi refletindo a sintaxe da língua italiana que, neste caso, não está de acordo com a sintaxe do PB. Entre as opções dos tradutores para tradução da última expressão, *non corrermi dietro*, cuja tradução filológica é *não correr - me atrás*, a que parece estar mais adequada ao sentido e de acordo com o uso do PB é a de Rinaldi: *não correr atrás de mim*.

A seguir está analisado um excerto do diálogo entre **Pinóquio** e as **Fuinhas** (representados por P e F, respectivamente). As Fuinhas comparecem num único capítulo, como acontece com outros personagens. Neste excerto os três tradutores optaram pela mesma opção para colocação dos pronomes, de modo que a análise limita-se a verificar se esta é mais no PB falado, porém, apresentam também uma expressão que se assemelha a um modo de dizer típico da língua italiana. Como a influência da língua italiana nas traduções foi uma das suposições aventadas inicialmente, este excerto foi selecionado para análise.

Excerto 19

Colasanti p. 91	Nasseti p. 81	Rinaldi p. 80
P: — Eu não me chamo Melampo. F: — Então, quem é você? P: — Eu sou Pinóquio. F: — E que está fazendo aí? P: — [e] Faço o cão de guarda	P: — Eu não me chamo Melampo. F: — E quem é, então? P: — Eu sou Pinóquio. F: — E que fazes aí? P: — [e] Sirvo de cão de guarda.	P: — Eu não me chamo Melampo. F: — E então, quem é você? P: — Eu sou Pinóquio. F: — E que está fazendo aí? P: — [e] Faço o cachorro de guarda.

Collodi p. 113
P: — Io non mi chiamo Melampo. F: — O dunque chi sei? P: — Io sono Pinocchio. F: — E che cosa fai costì? P: — Faccio il cane di guardia.

As duas primeiras falas de Pinóquio foram traduzidas exatamente da mesma maneira pelos três tradutores. A opção dos mesmos foi pela próclise para o pronome *me* em conformidade com a preferência do PB, segundo Cunha & Cintra (1985, 303) e Galves & Abaurre (2002, p. 284) e pelo pronome lexical *eu*. A opção pelo pronome lexical deu-se tanto na frase negativa, quando a preferência seria pelo não preenchimento do sujeito, como na

frase afirmativa *eu sou*, na qual “haveria acento no pronome sujeito”¹⁷⁶. A pesquisa no *corpus* do Google¹⁷⁷ apresentou 182 ocorrências para a expressão *eu não me chamo*, 280 para *não me chamo*, e 1 470 000 para *eu sou* contra 60 000 para *sou*, resultados que corroboram as observações expostas anteriormente.

Conclui-se que para a frase afirmativa a opção dos tradutores está de acordo com o que se observa no PB falado, já no caso da frase negativa parece haver uma certa preferência por não expressar o sujeito. A diferença nas traduções está na 3ª. fala: Colasanti e Rinaldi empregaram o verbo *fazer* com o significado de *representar (papel)*¹⁷⁸, porém, este significado não poderia vir em resposta à pergunta anterior do contexto. Esta escolha das duas tradutoras mostra-se inadequada ao emprego do verbo *fazer* no PB. Registrou-se apenas uma ocorrência no Google¹⁷⁹ para *faço o cão*, e nenhuma para *faço o cachorro*. Nasseti optou pelo verbo *servir*¹⁸⁰ que parece mais adequado ao contexto e não expressou o sujeito *eu*. Os dados do Google, na mesma data, corroboram essa preferência: 51 174 ocorrências para *sirvo* contra 826 para *eu sirvo*, porém a expressão *sirvo de cão* não apresentou nenhuma ocorrência. A análise de expressões não é o foco deste trabalho, mas esta observação pode servir de motivação para outros estudos, pois é um fator que interfere na legibilidade.

A comparação com o texto de Collodi mostra que a tradução apresenta-se extremamente similar ao texto italiano, pois foi mantido o pronome *eu, io* em italiano, mesmo quando a preferência no PB falado não é pelo pronome lexical. Além disso, a expressão empregada por Colasanti e Rinaldi, *faço o cão (cachorro) de guarda*, está calcada na expressão italiana *faccio il cane di guardia*, cuja tradução literal é *faço o cão de guarda*. Na língua italiana esta expressão é usada para indicar uma função ou profissão exercida¹⁸¹.

¹⁷⁶ ILARI et alr. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002, p. 103.

¹⁷⁷ Acesso em 12/01/07.

¹⁷⁸ HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001, verbete *fazer*, sig. 1.5.

¹⁷⁹ Acesso em 12/ 01/ 2007.

¹⁸⁰ HOUAISS, VILLAR & FRANCO, op. cit., verbete *servir*, sig. 8 : *fazer as vezes de*

¹⁸¹ ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Edizione Terzo millenio. Bologna: Zanichelli, [2000], p.396, verbete *fare* sig. 13.

O próximo excerto, extraído do diálogo entre **Pinóquio** e o **Caracol** (representados por P e C, respectivamente), encerra as análises.

Excerto 20

Colasanti p. 188	Nassetti p. 157	Rinaldi p.151,152
<p>P: — É mesmo?...(...). Se eu tivesse um milhão [e] ia correndo levar [e] para ela. Mas eu só tenho estes quarenta tostões que aqui estão, eu estava justamente indo comprar uma roupa nova para mim. Tome, Caracol, e vá logo levá-los para a minha boa Fada.</p> <p>C: — E a sua roupa nova?</p> <p>P: — Que me importa a roupa nova? (...) Adeus, Caracol, e espero você daqui a dois dias.</p>	<p>P: — Verdade? (...). Se [e] tivesse um milhão, eu lho levaria correndo...Mas eu não tenho mais que quarenta vinténs.... Aqui estão eles, eu ia justamente comprar uma roupinha nova. Tome, Lesminha, vá logo levá-los para a minha boa Fada.</p> <p>C: — E a roupa nova?</p> <p>P: — Que importa agora a roupa nova! (...). Adeus Lesma, espero-lhe daqui a dois dias.</p>	<p>P: — Verdade?... Se eu tivesse um milhão, ia levá-lo correndo para ela...(...) Mas eu tenho apenas quarenta tostões... Aqui estão; eu ia justamente comprar uma roupa nova. Pegue-os, Lesma, e leve-os imediatamente para a minha bondosa Fada..</p> <p>C: — E a sua roupa nova?...</p> <p>P: — Que importância tem a roupa nova?(...) Adeus, Lesma, espero-a daqui a dois dias.</p>

Collodi Giunti p. 247 e 248

<p>P: — Davvero ?... (...) Se avessi un milione, correrei a portarglielo...Ma io non ho che quaranta soldi... eccoli qui: andavo giusto a comprarmi un vestito nuovo . Prendili, Lumaca, e va' a portarli subito alla mia buona Fata.</p> <p>L¹⁸²: — E il tuo vestito nuovo?...</p> <p>P: — Che m'importa del vestito nuovo! (...) Addio, Lumaca, e fra due giorni ti aspetto.</p>
--

O segundo período da 1ª. fala de Pinóquio é formado por duas orações afirmativas com sujeito na 1ª. pessoa do singular; Colasanti e Rinaldi usaram o sujeito lexical na principal e a categoria vazia na completiva. Essa determinação sintática favorece a expressão do sujeito só na principal, segundo Ilari et altr. (2002, p. 104). Nassetti também usou o sujeito expreso numa das frases, mas o fez na completiva, que não parece ser o habitual e dificulta a compreensão. Além disso, a forma morfológica do verbo *ter* na oração principal não permite a distinção entre a primeira e a terceira pessoas, o que torna a expressão do sujeito necessária, conforme Cunha & Cintra (1985, p. 276). Esse mesmo trecho apresenta diferenças quanto à expressão do objeto direto e indireto: Colasanti não expressou o objeto direto, empregou o pronome reto de terceira pessoa preposicionado para objeto indireto, práticas usuais do PB falado, segundo Possenti (1996, p. 67). Nassetti usou o pronome combinado *lho*, em desuso, como indicam Galves & Abaurre, (2002, p. 289) e Cunha & Cintra (1985, p. 300). Rinaldi

¹⁸² O nome deste personagem no texto italiano é Lumaca, por isso é representado por L.

usou o clítico *lo* para objeto direto, forma pouco uso na língua falada, segundo Galves & Abaurre (2002, p. 293) e Possenti (1996, 67) e o pronome reto preposicionado para objeto indireto, uma preferência do PB, que cada vez mais emprega esta forma, segundo Possenti (1996, 67).

O terceiro período da fala de Pinóquio também é constituído por duas frases em que o sujeito é a 1ª. pessoa do singular. Todos os tradutores optaram pelo sujeito *eu* expresso, necessário devido à desinência verbal ser comum à 1ª. e à 3ª. pessoas do singular. Verificam-se entretanto algumas diferenças com relação ao emprego de outros pronomes: Colasanti, diferentemente dos demais, usou o verbo *comprar* como bitransitivo e empregou *para mim* como objeto indireto, escolha que deixa mais clara a informação. Nasseti empregou o pronome *eles* para reforçar o sujeito de *Aqui estão* e Rinaldi não empregou nenhum pronome neste excerto. Os três tradutores optaram pelo pronome *os / los* para objeto direto da frase final desta fala, colocado encliticamente. Colasanti e Nasseti empregaram-no numa frase infinitiva, caso em que a ênclise é a regra da língua falada culta, embora usada marginalmente, segundo Galves e Abaurre (2002, p. 293, 294). Já Rinaldi empregou este pronome na posição de ênclise em dois casos em que o tempo verbal é o imperativo, situação em que a próclise é preferida, como indicam Galves e Abaurre (2002, p. 287). O pronome possessivo *minha* foi colocado preposto ao nome e precedido do artigo *a*, de acordo com o uso comum no PB falado nas três traduções analisadas, como observado por Neves (1993, p. 175, 176).

A primeira frase da 2ª. fala de Pinóquio foi traduzida por Colasanti de um modo mais expressivo, pois a tradutora usou a forma pronominal do verbo *importar*, o pronome *me* em próclise, o que vivifica a ação do verbo e está de acordo com a tendência do PB (Cunha & Cintra, 1985 p. 303); Nasseti e Rinaldi não utilizaram este recurso resultando uma frase que retrata a situação com menos intensidade. Na última frase, o sujeito de 1ª. pessoa do verbo *esperar* não está expresso em nenhuma das traduções. Essa preferência se confirma no *corpus* do Google¹⁸³ que indica cerca 1 350 000 ocorrências de *espero* contra 253 000 ocorrências de *eu espero*. Provavelmente este verbo seja um dos que são mais usados sem o sujeito *eu* expresso, como citam Ilari et alr.(2002, p. 103). Para objeto de *espero*, que pelo contexto seria o interlocutor, ou seja, a segunda pessoa, as escolhas foram diferentes: Colasanti usou *você*, Nasseti usou *lhe* e Rinaldi preferiu o oblíquo *a* em ênclise. Para averiguar qual é a preferência no PB, recorri ao Google¹⁸⁴: o número de registros de *espero você* foi 954 e de

¹⁸³ Acesso em 10/ 01/ 2007.

¹⁸⁴ Acesso em 10/ 01/ 2007.

espero-a daqui um único registro. A opção de Nasseti já foi analisada no excerto 11 e não é usual no PB. A opção de Rinaldi apresenta outro inconveniente, o pronome *a* pode se referir tanto à segunda como à terceira pessoa do discurso, o que pode gerar confusão, além do fato de ser considerado de uso marginal no PB falado, conforme Galves & Abaurre (2002, p. 293).

A comparação com o texto de Collodi permite verificar que a escolha de Nasseti pelo pronome combinado *lho* deve-se à junção de pronomes, prática usual na língua italiana, no caso *gli +lo* na palavra *portarglielo*, cuja tradução é *levá-lo para ela*. O pronome de 1ª. pessoa do singular foi expresso na terceira frase, apesar da desinência verbal em italiano dispensar o sujeito: *Ma io non ho che quaranta soldi*, cuja tradução literal é *Mas eu não tenho que quarenta moedas*. Nas três traduções analisadas este pronome também foi expresso embora a desinência de número do verbo *ter* também dispense o sujeito neste caso. Rinaldi esteve muito próxima do texto italiano na tradução de *prendili e va'a portarli*, cuja tradução literal é *pegue-os e vá levá-los*. Não procurou substituir ou minimizar o uso dos pronomes oblíquos. Somente Colasanti indicou que a roupa que Pinóquio ia comprar era para ele mesmo, porém isto está claro no texto italiano: *comprarmi*, cuja tradução filológica é *comprar-me*. O texto de Collodi também deixa claro na última fala de Pinóquio que a roupa nova não importa para ele: *Che m'importa del vestito nuovo!*, cuja tradução filológica é *Que me importa da roupa nova!* Somente Colasanti retratou a expressividade desta frase, entretanto a pontuação não está de acordo com o texto italiano, que apresenta uma frase exclamativa e não interrogativa como na tradução de Colasanti e de Rinaldi. Apenas a tradução de Nasseti apresenta essa frase como exclamativa, entretanto a pontuação é também um aspecto ao qual o tradutor deve estar atento para garantir o ritmo da leitura, segundo Oittinen (2000, p. 35).

Verifica-se nas traduções o emprego de algumas formas verbais de uso marginal, como é o caso de *levaria*, tempo verbal empregado por Nasseti. Uma das formas substitutas deste tempo verbal é a locução formada pelo “pretérito imperfeito do verbo *ir*, mais o Infinito do verbo principal”¹⁸⁵, que foi a opção de Colasanti e Rinaldi. O gerúndio *correndo* na locução verbal, em posições diferentes, altera de certa forma a semântica da frase. Estas observações indicam que o emprego das formas verbais é um campo de interesse para futuras pesquisas.

¹⁸⁵ PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 94.

CONCLUSÃO

Esta dissertação apresentou uma análise pragmática e fundamentada de 20 excertos de diálogos extraídos de cada uma das traduções brasileiras de *Le avventure di Pinocchio* publicadas em 2002.

O objetivo foi avaliar a legibilidade dos diálogos em função da colocação pronominal e procurar identificar a existência de uma norma, nos termos de Toury¹⁸⁶, que tenha nortado o trabalho dos tradutores. O que despertou a minha curiosidade para esse tema foi a estranheza que me causava a leitura dos diálogos que, muitas vezes, se apresentavam como uma seqüência de frases gramaticalmente corretas. Optei pela análise das falas do personagem Pinóquio porque é o personagem principal, está presente em quase todos os capítulos, e dialoga com todos os outros personagens da história. Entre esses personagens há os que são humanos e os animais, por isso, admiti a possibilidade de sua fala revelar diferença no modo de tratamento.

Para garantir que essas diferenças, se existissem, fossem consideradas na análise, procurei manter na amostra examinada aproximadamente a mesma proporção de diálogos em que o interlocutor de Pinóquio é humano, ou animal, que se verifica no texto integral.

No primeiro capítulo apresentei a obra *Le avventure di Pinocchio*, em que constam informações sobre o autor, o contexto histórico-social de quando foi escrita a obra, a importância da mesma para a literatura infantil e sua valorização na Itália e no Brasil.

O capítulo 2 foi dedicado à fundamentação teórica em que baseei este estudo, o método de Lambert & Van Gorp¹⁸⁷. Incluí a contextualização histórica dos Estudos Descritivos da Tradução, corrente à qual pertence este método e os passos do método. Ainda neste capítulo, apresentei o papel da literatura infantil na formação do indivíduo, as necessidades do público infantil e, conseqüentemente, as peculiaridades da tradução desse gênero.

¹⁸⁶ TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 54 - 64.

¹⁸⁷ LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The manipulation of literature: studies in literary translation*. Hermans, T.(edit). New York: St. Martin Press, 1985: 42-53.

No capítulo 3 analisei a colocação dos pronomes nos diálogos. Para avaliar a legibilidade me baseei na definição de Puurtinen¹⁸⁸, que considera a fluência da leitura em voz alta um parâmetro para este fim.

A tradução de literatura infantil exige sensibilidade do tradutor em relação ao nível de compreensão da criança. Segundo Shavit¹⁸⁹ e Oittinen¹⁹⁰, a tradução de livros infantis tem de ser considerada uma comunicação intercultural, por isso não precisa se ater às estruturas sintáticas do texto fonte. A criança precisa compreender, interpretar e deduzir. Outro fator importante destacado por Oittinen¹⁹¹ com relação ao livro infantil é a motivação da leitura. Para tanto, a leitura deve fluir, o que implica na adaptação às normas lingüísticas da cultura alvo. Essa adequação é um dos requisitos que favorece a legibilidade. Em se tratando de diálogos, é preciso levar em conta os fatores que tiram a naturalidade dos mesmos¹⁹².

No caso do português brasileiro são notáveis as diferenças entre o padrão culto e o modo coloquial empregado nos diálogos, principalmente com relação ao emprego dos pronomes. Essas divergências não se limitam ao uso da língua, estão presentes na opinião dos críticos e pesquisadores como também na ação dos escritores.

A maioria das obras publicadas para crianças está escrita no padrão culto da língua, embora algumas empreguem a forma coloquial nos diálogos reservando a norma culta para a voz do narrador. O grande inovador da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato (1882 – 1948), em sua vasta obra destinada à infância introduziu uma linguagem fluente e objetiva onde se observa o modo de falar coloquial brasileiro na fala de muitos personagens. Lygia Bojunga Nunes, escritora da atualidade, segue a linha lobatiana, pois prefere adequar a linguagem de seus livros infantis ao mundo da criança. Usa uma linguagem que foge às regras do português padrão e opta por substituições de tempos verbais como do futuro simples pelo presente do indicativo ou pelo verbo “ir” seguido do infinitivo, do futuro do pretérito pelo verbo auxiliar no imperfeito; do pretérito mais que perfeito do indicativo pelo imperfeito do indicativo do verbo “ter” seguido do particípio passado, além de também empregar o futuro simples para expressar dúvida e de substituir o verbo “haver” pelo verbo “ter”. Quanto ao emprego dos pronomes, observa-se em sua obra: a substituição de “nós” por “a gente”; a mistura de formas de tratamento, usada na linguagem coloquial; emprego do pronome pessoal com função de objeto; eliminação dos pronomes reflexivos dos verbos pronominais;

¹⁸⁸ PUURTINEN, T. Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature. In: *Meta* XLIII, 4, 1998, p. 3.

¹⁸⁹ SHAVIT, Z.. *Poetics of Children's Literature*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1986, p. 111. In: <www.tau.ac.il/~zshavit/>. Acesso em 21/06/05.

¹⁹⁰ OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000, p. 44.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 6 e 111.

¹⁹² GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984, p. 26, 27.

utilização da norma culta para destacar a antipatia de alguns personagens; escrita de certos verbos empregando aférese; estilo da língua falada no emprego de preposições e conjunções e para traduzir gestos usados na comunicação oral além de neologismos e “palavras compostas de inspiração lobatiana” e da gíria carioca¹⁹³.

Aceitar formas lingüísticas mais informais nos textos escritos significa aceitar as regras do português “vivo”, da língua falada atualmente. Essas variantes da língua são apresentadas pelas gramáticas descritivas que têm por objetivo apresentar regras para “descrever e/ou explicar as línguas tais como são faladas”¹⁹⁴.

Para avaliar a legibilidade me baseei na fluência da leitura que, segundo Puurtinen¹⁹⁵ é um parâmetro para esse fim. No caso dos diálogos considerei que a proximidade do uso coloquial da língua deve facilitar a leitura. Para atender a estas premissas, me vali de estudos lingüísticos do português brasileiro, do *corpus* Google e da gramática tradicional, além da opinião de estudiosos de literatura infantil no Brasil. Estas fontes me permitiram verificar se a colocação pronominal nas falas de Pinóquio esteve mais próxima do modo de falar coloquial no PB ou da norma culta ou mesmo se favoreceu a compreensão.

De um modo geral as três traduções apresentaram algum inconveniente relativo ao emprego dos pronomes em quase todos os excertos analisados. Isso só não ocorreu nos excertos 6, 9, 11, 14 da tradução de Colasanti; no excerto 4 da tradução de Nasseti; e nos excertos 15 e 18 da tradução de Rinaldi. Porém todas as traduções também apresentaram escolhas usuais no PB falado, isto só não ocorreu no excerto 4 das traduções de Colasanti e de Rinaldi e no excerto 6 da tradução de Nasseti (Vide Anexos E, F, G).

Foi possível identificar duas situações distintas decorrentes do uso dos pronomes de modo não favorável à legibilidade: as que não permitem uma leitura fluente porque o emprego dos pronomes não está de acordo com a língua falada, e as que prejudicam a compreensão impedindo a leitura fluente.

As práticas empregadas pelos tradutores que estão na primeira categoria foram: ausência ou presença do sujeito em desacordo com o PB falado e o emprego do objeto direto/indireto pronominal, principalmente as formas *o/a*, *lhe* e variantes, ou *me*, *te* de modo não usual no PB. Apesar de estarem de acordo com as regras da gramática tradicional, estas práticas podem prejudicar a fluência da leitura, pois interferem no ritmo natural da língua falada. Em maior ou menor escala aparecem nas três traduções.

¹⁹³ SANDRONI, L. *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987, p. 89 - 98.

¹⁹⁴ POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 5ª reimpressão. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 / 2000, p. 40, 41 e 65.

¹⁹⁵ PUURTINEN, T. Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature. In: *Meta* XLIII, 4, 1998, p. 3.

A questão do sujeito expesso, ou não, em desacordo com o PB falado ocorre 5 vezes na tradução de Colasanti, 5 na de Nasseti e 9 na de Rinaldi. Já com relação ao objeto pronominal são 3 casos de próclise e 3 de ênclise na tradução de Colasanti, 7 de próclise e 8 de ênclise na de Nasseti e 3 de próclise e 11 de ênclise na de Rinaldi.

Entre os modos de emprego dos pronomes que não favorecem a compreensão identifiquei: sujeito não expesso podendo gerar ambigüidade, uso do pronome *seu/sua* quando o mais determinante seria *dele/dela* e o uso de objeto direto pronominal em situação que pode gerar dúvidas. Esta última só ocorre na tradução de Rinaldi em dois excertos. Já as duas primeiras ocorrem nas três traduções. A mais freqüente é a ausência do sujeito: na tradução de Colasanti ocorre 6 vezes; na de Nasseti, 11 vezes e na de Rinaldi, 2 vezes. Em menor escala, o uso do pronome possessivo *seu /sua* de forma não ideal, que ocorre 5 vezes na tradução de Colasanti; 3 vezes na de Nasseti e 2 vezes na de Rinaldi (Vide Anexo H).

Além dos fatores apresentados, identifiquei outros que se relacionam com o uso dos pronomes, e que também podem se somar aos demais e tirar a naturalidade dos diálogos como o emprego inadequado dos pronomes de tratamento, principalmente no modo de chamar o pai, e o emprego de expressões pouco usuais no PB (Vide Anexos E, F, G).

Quanto aos pronomes de tratamento, somente Rinaldi optou por *papai* para Pinóquio chamar seu pai, sendo esta uma forma de uso comum no Brasil.

Com relação à possibilidade de haver diferença no modo de tratamento quando o interlocutor é humano ou animal, nada foi confirmado, os interlocutores animais receberam tratamento informal, mas entre os humanos, alguns receberam tratamento formal e outros informal. Além disso, em alguns excertos os tradutores deixaram de registrar o tipo de tratamento pois, ao contrário da língua italiana, o PB não permite essa identificação pelo pronome oblíquo ou pela desinência verbal. Isso ocorreu em 3 excertos nas traduções de Colasanti e Rinaldi, e em 8 na de Nasseti (Vide Anexo H).

Quanto às expressões pouco usuais no PB, devo reconhecer que a maior dificuldade não advém do uso do pronome, mas da estranheza que causam. Na tradução de Colasanti verificam-se 8 casos, na de Nasseti, 6 e na de Rinaldi 3 casos .

A interferência da língua italiana se faz notar, principalmente, nas traduções de Colasanti e de Nasseti, 5 e 10 ocorrências respectivamente. Já a tradução de Rinaldi apresenta uma ocorrência nos excertos examinados. (Vide Anexos E, F, G, H).

Também ocorreram deslizes: no excerto 2 da tradução de Nasseti, Pinóquio trata Gepeto por *você*, quando no texto italiano o tratamento é respeitoso e Rinaldi muda o tratamento de Pinóquio para a Fada, que foi *senhora* nos excertos 6 e 7 e *você* no excerto 8,

mostrando inconsistência (Vide Anexos F, G). Com relação à hipótese de haver diferença na forma do tratamento de Pinóquio quando o interlocutor é humano ou animal, não foi confirmada.

Este exame permitiu concluir que praticamente todos os excertos analisados apresentam escolhas que estão mais próximas da língua falada no Brasil e escolhas que se afastam do PB falado. Essa mescla produz diálogos que deixam transparecer uma falta de naturalidade que intriga, pois muitas vezes as frases estão gramaticalmente corretas, mas não permitem a leitura fluente, principalmente porque estão colocadas junto a outras escritas no modo de falar popular.

Parece que não foi adotado um critério pelos tradutores para nortear seu trabalho. Preferiram adotar, na maioria das vezes, os pronomes oblíquos para objeto direto ou indireto, uma prática pouco usual na língua falada no Brasil e não consideraram importante a questão da diferença entre a colocação pronominal na linguagem coloquial e na escrita, nem se preocuparam com a naturalidade dos diálogos. Isso me levou a acreditar que, com relação ao emprego dos pronomes nos diálogos, a norma que prevalece é “procurar respeitar as regras da gramática tradicional”, mas não foi seguida à risca. Os tradutores também empregaram outras variantes da língua que não a padrão, mas sem um critério, o que parece indicar um “non-normative behavior”¹⁹⁶.

Com relação às hipóteses formuladas previamente sobre cada tradução, algumas se confirmaram e outras não. Sobre a tradução de Colasanti, verificou-se alguma influência da língua italiana, mas sem critério, e não para caracterizar um personagem como pressupus. Com relação à tradução de Nasseti, entre as duas suposições contrastantes, a da influência da língua italiana e a do texto bem elaborado, só se confirmou a primeira. Já a hipótese de diálogos que refletissem um modo de falar claro e próximo do coloquial na tradução de Rinaldi não se confirmou devido ao excessivo emprego da ênclise na colocação pronominal.

Paralelamente à análise da questão pronominal foi possível observar o emprego de tempos verbais em desuso no PB, como o futuro do indicativo, algumas frases com estrutura muito similar ao italiano e que não são familiares à criança brasileira.

Entre as limitações que dificultaram uma análise mais elaborada estão: a escolha das falas de um único personagem, o que impediu o exame da fala do interlocutor; os excertos selecionados que nem sempre permitiram identificar a forma de tratamento entre os personagens; a dificuldade de busca no Google devida a inúmeras opções que não eram de

¹⁹⁶ TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 64.

interesse; à presença de advérbios que mudam a expressividade e não foram foco desta análise, e o fato de não se tratar de um estudo baseado em *corpus*, o que ampliaria sobremaneira a abrangência da pesquisa.

Espero que este trabalho tenha contribuído para os estudos da tradução de literatura infantil e abra perspectivas para novas pesquisas. Reconheço que esta análise explorou de forma superficial a questão do ritmo do PB falado que, provavelmente, tem uma grande influência na estruturação das frases do modo de falar coloquial; acredito que este campo seja merecedor de um estudo mais aprofundado. As análises dos diálogos também mostraram que a questão dos tempos verbais é um campo de interesse, pois interfere na legibilidade e na lógica do texto. Menos patente foi a questão de vocábulos que não são usuais no PB e a influência de alguns modos de dizer da língua italiana, mas que também podem ser alvo de pesquisas. Assim sendo, sugiro como temas para novas pesquisas: a importância do ritmo do PB falado nas frases de um diálogo traduzido para crianças brasileiras, a importância dos tempos verbais adequados para garantir a lógica do texto, e a validade do emprego de vocábulos e estruturas de frases não usuais no PB em traduções brasileiras.

Para que a literatura infantil cumpra a sua função de *nutrição*, nas palavras de Cecília Meireles, epígrafe deste trabalho, é preciso que, como qualquer alimento, seja assimilada. Para tanto a compreensão se faz indispensável, e a legibilidade está intimamente ligada a ela. Esta análise crítica pretende trazer à baila o tema da colocação pronominal nos diálogos para uma reflexão, dada a parcela de responsabilidade que tem no âmbito da compreensão e legibilidade de um texto.

BIBLIOGRAFIA

- AI- INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. In: < www.universohq.com/cinema/rc18092001_01.cfm >. Acesso em 01/ 08/ 2006.
- ARAGÃO, Gustavo. *Mundo das Artes. Literatura infantil*. In: <<http://www.infonet.com.br/gustavoaragao/literaturainfantil.htm>>. Acesso em 01/08/ 2004.
- ARRROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução*. São Paulo: Série Princípios, Ática. 1986.
- BASSNET, S., LEFEVERE, A. (eds). *Constructing Cultures: essays on Literary Translation*. Clevedon et al.: Multilingual Matters, 1998.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança o brinquedo a educação*. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo; Summus Editorial : 1984.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions*. John Donne, Gallimard, " Bibl. des Idées ", 1995.
- CAPPELLETTI, Luciano. *Collection Bescherelle : Les verbes italiens*. Paris : Hatier, 1997.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança o brinquedo a educação*. São Paulo; Summus Editorial: 1984.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo : Paz e Terra, 1990.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CADEMARTORI, Lígia. *O livro e o lazer*. In: Livro, criança, lazer. Org. Locks, Maria de Lourdes Ramos Krieger, APUFSC, 1989.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª. edição. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CAMARGO, Diva de Cardoso. *A noção de equivalência aplicada à situação tradutória*, in Anais do Encontro Nacional de Tradutores.
- CAMBI, Franco. *Collodi, De amicis, Rodari: Tre immagini d'infanzia*. Bari: Dedalo, 1985.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. *Ensinar o prazer de ler*. São Paulo: Olho d'água, 2001.

- CAPPELLETTI, Luciano. *les verbes italiens*. Collection Bescherelle. Paris: Haitier, 1997.
- CARLO LORENZINI. In: <www.pinocchio.it>. Acesso em 08/ 04/ 2006.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 4ª edição. São Paulo: Global, 1985.
- CESERANI, R. e DE FEDERICIS, L. *Il materiale e l'immaginario V*. 4. Torino: Loescher, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 6ª. edição. São Paulo: Ática, 1993.
- COLASANTI, Marina. *Questionário dirigido ao tradutor*. Entrevista via internet concedida em 22 /08/ 2004.
- COLLODI, Carlo. *Le avventure di Pinocchio*. Milano: Del Drago, 1992.
- COLLODI, Carlo. *Le avventure di Pinocchio: storia di un burattino*. Firenze: Giunti, 2000.
- COLLODI, Carlo. *As aventuras de Pinóquio*. Tradução de Gabriella Rinaldi. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- COLLODI, Carlo. *As aventuras de Pinóquio*. Tradução de Marina Colasanti. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- COLLODI, Carlo. *Pinóquio*. Tradução de Monteiro Lobato. 15ª edição. São Paulo: Nacional, 2004.
- COLLODI, Carlo. *As aventuras de Pinóquio*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 4ª. Edição. São Paulo: Ática, 1985.
- DEBUS, Eliane S. D. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de mestrado.
- DESENHOS 008 - Heidi / Marco / Pinóquio**. In: <www.memorychips.com.br/desenhoshei.htm>. Acesso em 31/ 07/ 2006.
- ECO, Umberto. *Riflessioni teorico-pratiche sulla traduzione in NEERGARD, S. (a cura di). Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: R.C.S., 2002.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. "La formazione del repertorio culturale e il ruolo del trasferimento". In: *La Traduzione*, a cura di Susan Petrilli. In Athanor. Anno X, nuova serie, n. 2. Roma: Melmeti Editore, 1999/2000.
- FABRIS, Giuseppe. *La guida al Parco di Pinocchio*. Firenze: Giunti, 2000.

- FERNANDES, Lincoln. *Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: a corpus based study*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- FERRONI, Giulio. *Storia della Letteratura Italiana: dall'Ottocento al Novecento*. Milano: Einaudi, 1995.
- FESTIVAL DO RIO 2005. In: < 2005.festivaldoriorio.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=367&sid=35>. Acesso em 31/07/2006.
- FILMES - Pinóquio . In: < adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/pinoquio-2002/pinoquio-2002.asp>. Acesso em 31/07/2006.
- FLORA, Francesco. *Storia della Letteratura Italiana*. Vol. IV. L'Ottocento. Milano: Mondadori, 1947. FONDAZIONE NAZIONALE CARLO COLLODI. In: <www.pinocchio.it/fondazione.htm> Acesso em 08 / 04/ 2006.
- FONDAZIONE NAZIONALE CARLO COLLODI. In: <www.pinocchio.it/fondazione.htm>. Acesso em 08 / 04/ 2006.
- FONSECA, J. S. & MARTINS, G. A. *Curso de Estatística*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1993.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23ª edição São Paulo: Cortez, 1989.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. In: <www.bn.br>. Acesso em 02/09/2006.
- FURLAN, M. A missão do tradutor. Aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e de tradução. In: *Cadernos de Tradução*. No. 1, UFSC, 1996.
- GALVES, C. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17. Org.: Charlotte C. Galves. Campinas: Unicamp; IEL, 1989.
- GALVES, C. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 7. Campinas: UNICAMP:IEL, 1984.
- GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M. Campinas: Unicamp, 2002.
- GENTZLER, e. *Teorie della traduzione: Tendenze contemporanee*. Org.: Margherita Ulrych. Tradução de Maria Teresa Musacchio. Torino: UTET, 1998.
- GIDEON TOURY'S SITE. In: < www.tau.ac.il/~tourney/works/dts.html >. Acesso em 13/09/06.
- GIORNALE PER I BAMBINI. *Pinocchio*. Firenze: Pagliai Polistampa, 2002.
- GIUNTI. In: < www.giunti.it >. Acesso em 22/06/06.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

- HADDAD, Rosa Riche Luciane. *Oficina da Palavra*. São Paulo: FTD, 1988.
- HERMANS, T. *Translation Studies and a New Paradigm*. HERMANS, T. In: *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Edit.: Hermans, T. New York: St. Martin's Press, 1985.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica, dezembro 2001.
- IERMANO, T. *da Parravicini a De Amicis: considerazioni sulla letteratura per l'infanzia tra risorgimento e Italia umbertina*. In: <http://linux.cassino.edu/universita/lettere/ricerca/iermano3.htm>. Acesso em 15 / 04/ 2004.
- ILARI et alr. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Orgs: Castilho, A. & Basílio M.Campinas: Unicamp, 2002.
- JACOBBI, R. *A expressão dramática*. MEC / INL, 1956.
- JAKOBSON, Roman. *Aspetti linguistici della traduzione*. In: *Teorie contemporanee della traduzione*. NEERGARD, S. (a cura di). Milano: R.C.S.,2002.
- KREYDER, Laura. *Italy*. In: *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. Ed.: HUNT, Peter & Ray, Sheyla. London/ New York: Routledge, 2002.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1985.
- LAMBERT, J. *La traduction*. In: *Théorie Littéraire: Problèmes et perspectives*. Direction: Angenot, M., Bessière, J., Fokkema, D., Kushner, E. Paris: PUF, 1989.
- LAMBERT, J. & VAN GORP, H. On describing translations. In : *The Manipulation of Literature: studies in literary translation*. Edit.: Hermans, T. New York: St. Martin's Press, 1985.
- LANUZZA, S., *Storia della lingua italiana*, Roma: Newton Compton, 1994.
- LE AVVENTURE DI PINOCCHIO. In: www.pinocchio.it >. Acesso em 05/ 05/ 2004.
- LEPSCHY, L. & LEPSCHY, G.. *La lingua italiana: Storia, varietà dell'uso, grammatica*. Milano: Bompiani, 1994.
- MACCHIAIOLI. In: kidslink.scuole.bo.it/irrsaeer/arte/annuario/macchi.html>. Acesso em 5/3/2007
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARINA COLASANTI. In:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/poesia/index.cfm?fuseaction=DetaIhe&CD_Verbete=587>. Acesso em 02 /04/ 2004.

MARCHESCHI, Daniela. *Collodi ritrovato*. Pisa: ETS, 1990.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Summus; [Brasília]: INL: 1979.

MONTEIRO LOBATO. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MONTEIRO LOBATO – VIDA E OBRA. In: <lobato.globo.com/>. Acesso em 25/ 09/ 2004.

MOUNIN, George. *Teoria e storia della traduzione*. Traduzione di Stefania Morganti. Torino: Giulio Eniaudi, 1965.

MUSÉE JEAN DE LA FONTAINE. In: < www.la-fontaine-ch-thierry.net/fables.htm>. Acesso em 23/6/06.

NEGRÃO, V. & MÜLLER, A.L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?. In: *D.E.L.T.A*, Vol. 12. N° 1. Resp.: Mary Aizawa Kato. São Paulo: PUC, 1996.

NEVES, Maria Helena de M. Possessivos. In: *Gramática do Português Falado*. Volume 3: As abordagens. Orgs: Castilho, A. & Basílio M..Campinas: Unicamp, 1993.

O'CONNEL, E. *What Dubbers of Children's Television Programmes Can Learn from Translators of Children's Books?*. In: <www.erudit.org/revue/meta/2003/V48/n1>. Acesso em 30/05/2003.

OITTINEN, Riitta. *Translating for children*. New York/London: Garland, 2000.

OITTINEN, Riitta. Translating for children: a journey into otherness. In: *Companion of Children's Literature*. Ed: HUNT. P. London/New York: Routledge, 2005. Cópia eletrônica enviada por Oittinen.

OITTINEN, Riitta. *Where the wild things are: translating picture books*. In: <erudit.org/revue/meta/2003/V48/n1/index>. Acesso em 01/04/2006.

PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ática, 1992.

PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura Infantil: voz da criança*. São Paulo: Ática, 1986.

PARAVIA BRUNO MONDADORI EDITORI. *Un esempio: la scuola italiana dall'unità al fascismo*. In: <www.pbmstoria.it/unita/scuola/unesempio.php>. Acesso em 21/06/2006.

PARCO DI PINOCHIO. In: < www.pinocchio.it>. Acesso em 27/09/2006.

PERINI, Mário A. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na Literatura Infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PIACENTINI, M. T. Q. *Eis que. Posto que*. In:
<kplus.cosmo.com.br/materia.asp?cp=96&rv=Gramática>. Acesso em 27 / 11/2006.
- PINOCCHIO. In: <www.bol.it>. Acesso em 22 / 06/ 2006.
- PINÓQUIO 3000. In: <cinecartaz.publico.clix.pt/filme.asp?id=123276> . Acesso em 31/ 7/ 2006.
- PONDÉ, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática; [Brasília]: INL, 1986.
- POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 5ª reimpressão. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996/2000.
- PUURTINEN, T. Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature. In: *Meta* XLIII, 4, 1998.
- RAMOS, Graciliano. O Barão de Macaúbas. In: *Infância*. 11a. edição. Rio / São Paulo: Record, Martins, 1976.
- RINALDI, Gabriella. *Questionário dirigido ao tradutor*. Entrevista via internet concedida em 04 /08/ 2005.
- RODARI, Gianni. *La imaginación en la literatura infantil*. Revista Quincenal de Literatura Infantil y Juvenil N.125 – Buenos Aires, 31 de marzo de 2004. In:
<<http://www.imaginaria.com.ar/12/5/rodari2.htm>>. Acesso em 01 /08 / 2004.
- ROSEMBERG, Fulvia. O livro como mercadoria. In: *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985, Coleção Teses – 11.
- SALEM, Nazira. *História da Literatura Infantil*. 2ª edição. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- SANDRONI, L. *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- SCHLEIRMACHER, F. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução Margarete von Mühlen Poll. In: *Clássicos da Teoria da Tradução*. Org. Werner Heidermann. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001.
- SENSINI, Marcello. *La grammatica della lingua italiana*. Milano: Mondadori, 1997.
- SERRA, Elisabeth D' Angelo. *Leitura e literatura infantil*. In:
<<http://www.minc.gov.br/textos/olhar/literaturainfantil.htm>> Acesso em 01 / 08/ 2004.

- SHAVIT, Z.. *Poetics of Childrens´s Literature*. Athens and London: The University of Georgia Press,1986. In: <www.tau.ac.il/~zshavit/>. Acesso em 21/06/ 2005.
- SHAVIT, Z. Cheshire Puss,...Would you tell me, please, which way I ought to go from here? Research of Children Literature – The State of Art. How Did We Get There - How should we proceed. In: *Realismo Social y Mundos Imaginarios: una convivencia para el siglo XXI*. Eds.: Vásquez, Cenitagoya, León. Madrid: Universidad Alcala, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da, *O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 1996.
- STEINER, George. *Dopo Babele*. Traduzione Ruggero Bianchi, Claude Béguin. Milano: Garzanti, 2004.
- STENTERELLO. In: <www.edarc.it/OltreFi/OltreFi_file/OltreFi_Stenterello.htm > Acesso em 08 / 08/ 2006.
- STORIE DI PAROLE ITALIANE. In: <www.homolaicus.com/linguaggi/linguaitaliana/discussioni/storieparole.html>. Acesso em 19 / 08/ 2006.
- TAGNIN, Stella. CAMARGO, Sidney. Tradução: uma transparência do tradutor. In: *Tradterm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – FFCL-USP.N 1 – São Paulo, 1994.*
- TRAVERSETTI, Bruno, *Introduzioni a COLLODI*. Bari: Laterza, 1993.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- UGULINI, Albertina. *I Macchiaioli*. In: <kidslink.scuole.bo.it/irrsaeer/arte/annuario/macchi.html>. Acesso em 05 / 03/ 2007.
- VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Vilel, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Ver. Tec. Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002.
- VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*. Tradução de Carolina Alfaro. In: *Palavra 3*. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.
- WILLIAMS, J. & CHESTERMAN, A. *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.
- WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Edizione Terzo millenio. Bologna: Zanichelli, [2000].

ANEXOS

Anexo A – Publicações de *Le avventure di Pinocchio* na Itália

Edições de <i>Le avventure di Pinocchio</i> publicadas na Itália no período de 1981 a 2006 *					
Ano	1ª edição	2ª edição	5ª edição	148ª edição	Observações
1981	1				
1983	1				
1985			1		
1993	1				
1994	1				
1995	1				
1996	1	1			
1998	2				
1999	1				
2000	2				
2001	13				Uma para deficientes visuais, e uma em alemão
2002	18 1 (Giornale per i bambini)	3		1	Uma delas com comentários de R. Benigni
2003	1				Em alemão
2004	1				Com DVD
2005	2				Uma com DVD
2006	3				Uma com CD de áudio
* Obtidas no site < www.bol.it >. Acesso em 22/6/06.					

Anexo B – As traduções brasileiras de *Pinocchio*

Traduções brasileiras de <i>Le aventure di Pinocchio</i> *				
Ano	Título	Tradutor	Editora	Fonte
1933	<i>Pinóquio</i>	Monteiro Lobato 201 p	Nacional	Fundação Biblioteca Nacional (FBN) Arroyo (1990) Salem (1979)
1945	<i>Pinóquio</i>	Mário da Silva 108 p	Vecchi	FBN
1946	<i>As avent. de Pinocchio</i>	Guimarães de Almeida	São Paulo	Salem (1979)
1947 e 1951	<i>As avent. de Pinóquio</i> 1ª 2ª edição	Raul Polillo 197 p / 156 p	Companhia Melhoramentos	Salem (1979) FBN
1952	<i>Pinóquio</i>	Não informado 102 p	Vecchi	FBN
1953 1954	<i>As avent. de Pinóquio</i>	Não informado 265 p	Paulinas	FBN
Não Infor.	<i>Zé Pinho</i>	L. Bretano	Porto Alegre	Salem (1979)
1962 1967 1968	<i>As avent. de Pinóquio</i>	Não informado 156 p / 156 p / 177 p	Melhoramentos	FBN
1969 197?	<i>Pinóquio</i>	Não informado 127 p / 156 p	Tecnoprint	FBN
1974	<i>As avent. de Pinóquio</i>	Não informado 187 p.	Melhoramentos	FBN
1979	<i>Pinóquio</i> 11ª edição	Monteiro Lobato	Nacional	FBN
1985	<i>Pinóquio</i>	Esdras do Nascimento 158 p Edith Negraes 225 p	Tecnoprint Hemus	FBN
1991	<i>Pinóquio</i> 2ª edição	Edith Negraes	Hemus	FBN
1992	<i>As avent. de Pinóquio</i>	L. Iacocca e M. Iacocca 168 p	Paulinas	FBN
2002	<i>As avent. de Pinóquio</i> <i>As avent. de Pinóquio</i> <i>As avent. de Pinóquio</i>	Marina Colasanti 191 p Pietro Nasseti 167 p Gabriella Rinaldi 156 p	Companhia das Letrinhas Martin Claret Iluminuras	FBN
2004	<i>Pinóquio</i> 15ª. Edição **	Monteiro Lobato	Nacional 135	FBN
2005	<i>Pinóquio</i> <i>As avent. de Pinóquio</i>	Carolina Cimenti Áurea Marin Burocchi 201p	L&PM 189p Paulinas	Pesquisa / livrarias FBN

* Não estão incluídas aquelas cujo reduzido número de páginas (menos de 50% do original) sugere tratar-se de adaptações da obra. ** Apresenta redução de aventuras e reunião de capítulos.

Anexo C – Diálogos presentes nas traduções brasileiras de *Le Avventure di Pinocchio* publicadas em 2002

Personagens envolvidos nos diálogos			
Capítulo	Personagens	Capítulo	Personagens
1		19	Pinóquio x Papagaio Pinóquio x Carcereiro
2	Mestre Cereja x Gepeto	20	
3		21	Pinóquio x Vaga-lume Pinóquio x Camponês
4	Pinóquio x Grilo-Falante	22	Pinóquio x Fuinhas Pinóquio x Camponês
5		23	Pinóquio x Pombo Pinóquio x Velhinha
6	Pinóquio x um velho Pinóquio e Gepeto	24	Pinóquio x Golfinho Pinóquio x Carvoeiro Pinóquio x Pedreiro Pinóquio x Mulher (Fada)
7	Pinóquio x Gepeto	25	Pinóquio x Fada (Mulher)
8	Pinóquio x Gepeto	26	Pinóquio x Colegas da escola Pinóquio x Fada
9	Pinóquio x Rapaz	27	Pinóquio x Colegas da escola Pinóquio x Caranguejo Pinóquio x Carabineiros
10	Pinóquio x Tragafogo*	28	Pinóquio x Alidoro Pinóquio x Pescador
11	Pinóquio x Tragafogo	29	Pescador x Alidoro Pinóquio x Alidoro Pinóquio x Velhinho Pinóquio x Caracol Pinóquio x Fada
12	Pinóquio x Tragafogo Pinóquio x Raposa e o Gato	30	Pinóquio x Fada Pinóquio x Pávio
13	Raposa x Taverneiro Pinóquio x Taverneiro Pinóquio x GriloFalante	31	Cocheiro x Pávio Pinóquio x Cocheiro Pinóquio x Pávio Pinóquio x Meninos
14	Pinóquio x Assassinos (Raposa e Gato)	32	Pinóquio x Marmota Pinóquio x Pávio
15	Pinóquio x Menina (Fada)	33	Pinóquio x Diretor Cavalariço x Comprador do burro
16	Fada x Falcão Fada x Médicos	34	Pinóquio x Comprador do burro Pinóquio x Atum
17	Pinóquio x Fada (menina) Pinóquio x Coelho	35	Pinóquio x Gepeto
18	Pinóquio x Fada (menina) Pinóquio x Raposa e o Gato	36	Pinóquio x Atum Pinóquio x Raposa e o Gato Pinóquio x Grilo-Falante Pinóquio x Janjão Pinóquio x Caracol Pinóquio x Fada Pinóquio x Gepeto

* Há variações dos nomes deste e de alguns outros personagens, para referência nesta tabela escolhi os adotados por Colasanti.

Anexo D – Estratos e diálogos selecionados para análise

Estratos para extração dos diálogos*			
Estrato	Interlocutores	Número de capítulos em que ocorre	Número de excertos selecionados
Pinóquio é um dos falantes Interlocutor humano	Pinóquio x Gepeto	5	2
	Pinóquio x Tragafogo	3	1
	Pinóquio x Fada menina	3	3
	Pinóquio x Fada mulher	6	2
	Pinóquio x Camponês	2	1
	Pinóquio x Colegas da escola	2	
	Pinóquio x Pávio	3	2
	Pinóquio x Velho	1	
	Pinóquio x Rapaz	1	
	Pinóquio x Taverneiro	1	
	Pinóquio x Carcereiro	1	
	Pinóquio x Velhinha	1	
	Pinóquio x Carvoeiro	1	
	Pinóquio x Pedreiro	1	1
	Pinóquio x Carabineiros	1	
	Pinóquio x Pescador	1	
	Pinóquio x Velhinho	1	1
	Pinóquio x Cocheiro	1	
	Pinóquio x Meninos	1	
	Pinóquio x Diretor	1	
Pinóquio x Comprador do burro	1	1	
Pinóquio x Janjão	1		
Subtotal dos diálogos com interlocutor humano		39 (65%)	14 (70%)
Pinóquio é um dos falantes Interlocutor animal	Pinóquio x Grilo Falante	3	1
	Pinóquio x Raposa e Gato	4	1
	Pinóquio x Alidoro	2	1
	Pinóquio x Atum	2	
	Pinóquio x Caracol	2	1
	Pinóquio x Coelho	1	1
	Pinóquio x Papagaio	1	
	Pinóquio x Vaga-lume	1	
	Pinóquio x Fuinhas	1	1
	Pinóquio x Pombo	1	
	Pinóquio x Golfinho	1	
	Pinóquio x Caranguejo	1	
	Pinóquio x Marmota	1	
Subtotal de diálogos com interlocutor animal		21 (35%)	6 (30%)
Total geral		60	20
* Os personagens em negrito correspondem àqueles cujos diálogos foram selecionados para análise			

Anexo E – Quadro sinóptico da colocação pronominal na tradução de Colasanti

Tradução de Marina Colasanti: colocação pronominal e legibilidade		
Excerto	Opção usual no PB falado	Opção não usual no PB falado
1	Forma de dirigir-se ao pai sem pronome possessivo Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Uso da categoria vazia para 3ª. pessoa do plural para indicar indeterminação	Ausência do artigo antes do Grupo Nominal (GN) possessivizado
2	Tratamento respeitoso de Pinóquio para Gepeto: <i>senhor</i> Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Sujeito <i>eu</i> expresso quando o acento cai sobre o sujeito Uso da próclise para o pronome <i>me</i>	Forma de dirigir-se ao pai com pronome possessivo – proximidade ao texto italiano Objeto direto pronominal <i>o/ lo</i> em 2 vezes seguidas: uma em próclise outra em ênclise
3	Sujeito <i>eu</i> não expresso de acordo com a preferência no PB (verbos pedir e saber) <i>Morrer por mim</i> : expressão usual	Uso da ênclise para o pronome <i>me</i> : provável influência do italiano <i>Peço o perdão</i> : o artigo dificulta o ritmo natural do PB Possessivo anteposto ao nome, mas não precedido do artigo: diminui a força da expressão
4		Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa
5	Sujeito <i>eu</i> não expresso, de acordo com a preferência do PB Categoria vazia para objeto direto	Período de 5 oraçõs: sujeito <i>eu</i> expresso na frase negativa, sendo 4 afirmativas Emprego ambíguo do pronome <i>seu</i> Não foi transcrita a forma respeitosa de tratamento de Pinóquio para com a Fada
6	Tratamento respeitoso de Pinóquio para a Fada, <i>senhora</i> , como no texto italiano Uso do possessivo <i>dele</i> que não gera ambigüidade	
7	Uso da próclise para o pronome <i>me</i> (2 vezes) Categoria vazia para objeto direto	<i>que eu lhe quero</i> : poucas ocorrências no Google, <i>sujeito eu</i> expresso quando a preferência do PB é pela categoria vazia, uso do pronome <i>lhe</i> que não permite identificar um tratamento respeitoso como no texto italiano Sujeito de 2ª. pessoa não expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa gerando ambigüidade
8	Uso da próclise para o pronome <i>me</i> Sujeito de 2ª pessoa expresso e verbo com desinência de 3ª pessoa Sujeito <i>eu</i> não expresso de acordo com a preferência do PB (verbos <i>sentir</i> e <i>ler</i>)	Sujeito de 2ª. pessoa não expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas gerando ambigüidade
9	Uso de forma sucinta de expressão, como no texto italiano Uso do possessivo <i>delas</i> que não gera ambigüidade Uso da próclise para o pronome <i>me</i> (em 2 situações) Período com 3 frases em que o sujeito de 1ª. pessoa: expressão do sujeito uma vez	

10	Uso da próclise para o pronome <i>me</i> Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa	Sujeito de 2ª. pessoa não expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa (2 vezes) Tratamento respeitoso: só identificável no fim da fala
11	<i>E eu que fui te procurar</i> : muito usual no PB, topicalização do sujeito, uso de próclise para o pronome <i>te</i> <i>estou te esperando</i> : muito usual no PB; sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo esperar), uso da próclise para o pronome <i>te</i> Manutenção da expressividade da expressão <i>e io che</i>	
12	Uso da próclise para colocação do pronome <i>me</i> (2 vezes) Sujeito de 2ª.pessoa expresso com desinência verbal de 3ª. pessoa Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo estar) Tratamento de Pinóquio para Pavio: <i>você</i> Sujeito <i>nós</i> não expresso	<i>que te dói</i> : poucas ocorrências no Google, objeto indireto pronominal em próclise, influência do italiano.
13	<i>Vou lhe dizer</i> : sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB Tratamento de Pinóquio para o Velhinho: <i>senhor</i> Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbos esfregar e dar) Uso da próclise para o pronome <i>me</i> (2 vezes) Uso da expressão quase fixa <i>sem perceber</i> Categoria vazia para objeto indireto Sujeito <i>eu</i> expresso com verbo no infinitivo	<i>Vou lhe contar</i> : poucas ocorrências no Google, apesar do objeto indireto pronominal estar na forma mais usual no PB
14	Sujeito <i>eu</i> expresso com verbo de julgamento (pensar) Sujeito de 2ª. pessoa expresso, <i>senhor</i> , com desinência verbal de 3ª. pessoa. Uso da próclise ao verbo principal numa locução verbal para o pronome <i>me</i> . Sujeito de 2ª. pessoa não expresso, preferência do PB (verbo poder)	.
15	Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo dar)	<i>lhe dou pena</i> : não apresentou nenhuma ocorrência no Google, proximidade ao texto italiano.
16	Sujeito de 2ª. pessoa, <i>você</i> , expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa. Possessivo anteposto o nome e precedido de artigo	Sujeito de 2ª. pessoa não expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa Objeto direto pronominal <i>o</i> , em próclise: uso marginal no PB. Sujeito de 3ª. pessoa não expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas gerando ambigüidade

17	<p>Sujeito de 2ª. pessoa do plural, <i>vocês</i>, expresso, verbo com desinência de 3ª. pessoa do plural Uso da próclise para o pronome <i>me</i> <i>eu ainda não estou morto</i>: sujeito <i>eu</i> expresso como no texto italiano, parece necessário devido ao significado do verbo</p>	<p><i>querem de mim</i>: poucas ocorrências no Google <i>eu ainda não estou morto</i>: proximidade da estrutura do pretérito perfeito em italiano</p>
18	<p><i>se eu ajudar você</i>: sujeito <i>eu</i> expresso com verbo no infinitivo Uso da próclise para colocação do pronome <i>me</i></p>	<p><i>se eu ajudar você</i>: objeto direto <i>você</i>, poucas ocorrências no Google</p>
19	<p>Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa (verbo ser) Uso da próclise para o pronome <i>me</i></p>	<p>Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa (verbo chamar): menos ocorrências no Google <i>faço o cão de guarda</i> : nenhuma ocorrência no Google, proximidade da expressão italiana</p>
20	<p>Período de 2 orações afirmativas de mesmo sujeito: sujeito <i>eu</i> expresso na principal e verbo com desinência comum à 1ª. e 3ª. pessoas (verbo ter) Possessivo anteposto ao nome e precedido de artigo Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência no PB (verbo esperar) Objeto direto <i>você</i>, usual no PB falado</p>	<p>Objeto direto pronominal <i>lo</i>, em ênclise, uso marginal no PB falado <i>Mas eu só tenho</i>: sujeito <i>eu</i> expresso, menos ocorrências no Google do que sem o sujeito</p>

Anexo F – Quadro sinóptico da colocação pronominal na tradução de Nasseti

Tradução de Pietro Nasseti: colocação pronominal e legibilidade		
Excerto	Opção usual no PB falado	Opção não usual no PB falado
1	Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Uso da categoria vazia para 3ª. pessoa do plural para indicar indeterminação	Forma de dirigir-se ao pai com o pronome possessivo: proximidade ao texto italiano Ausência do artigo antes do GN possessivizado
2	Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Sujeito <i>eu</i> expresso quando o acento cai sobre o sujeito Uso da próclise para o pronome <i>me</i>	Forma de se dirigir ao pai com pronome possessivo: mesma estrutura da frase em italiano Tratamento não respeitoso de Pinóquio para Gepeto: <i>você</i> Objeto direto pronominal em 2 vezes seguidas, em próclise
3	Sujeito <i>eu</i> não expresso de acordo com a preferência no PB (verbos pedir e saber)	Uso da ênclise para o pronome <i>me</i> : provável influência do italiano (2 vezes) <i>Morrer em meu lugar</i> expressão com poucas ocorrências no Google Possessivo anteposto ao nome, mas não precedido do artigo: diminui a força da expressão
4	Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa	
5	Sujeito <i>eu</i> não expresso, de acordo com a preferência do PB Categoria vazia para objeto direto	Período de 5 orações: sujeito <i>eu</i> expresso na frase negativa, sendo 4 afirmativas, proximidade do texto italiano Objeto direto pronominal <i>as</i> em próclise Emprego ambíguo do pronome <i>seu</i> Não foi transcrita a forma respeitosa de tratamento de Pinóquio para com a Fada
6		Possessivo posposto ao nome numa forma vocativa: proximidade do italiano Sujeito <i>eu</i> não expresso e desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas gerando ambigüidade Emprego do pronome <i>seu</i> gerando ambigüidade Não foi transcrita a forma respeitosa de tratamento de Pinóquio para com a Fada
7	Uso da forma tônica preposicionada para objeto indireto <i>que te quero</i> : muitas ocorrências no Google, categoria vazia para sujeito Uso da próclise para o pronome <i>me</i>	<i>que te quero</i> : o pronome <i>te</i> que não permite identificar um tratamento respeitoso como no texto italiano Sujeito de 2ª. pessoa não expresso com desinência verbal de 3ª. pessoa gerando ambigüidade Objeto direto pronominal <i>o</i> em próclise: proximidade do italiano
8	Sujeito <i>eu</i> não expresso de acordo com a preferência do PB (verbos <i>sentir</i> e <i>ler</i>)	Sujeito de 2ª. pessoa não expresso com desinência verbal de 3ª. pessoa gerando ambigüidade (2 vezes)

9	Uso da próclise para o pronome <i>me</i> (2 vezes)	Omissão do pronome de 1ª. pessoa – ambigüidade <i>lhes encobrirei</i> : nenhuma ocorrência no Google; objeto indireto pronominal (<i>lhes</i>) em próclise Uso do possessivo <i>seu</i> gerando ambigüidade
10	Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa	<i>Comer a mim</i> : não usual no PB Sujeito de 2ª. pessoa não expresso com desinência comum de 1ª. e 3ª. pessoas gerando ambigüidade Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa Tratamento respeitoso: só identificável no fim da fala
11	<i>eu fui (...)</i> <i>lhe procurar</i> : muitas ocorrências no Google, sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa, objeto indireto pronominal em próclise	<i>Espero-lhe</i> : poucas ocorrências no Google, objeto indireto pronominal em ênclise Perda da vivacidade da expressão <i>e io che</i>
12	Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo <i>ter</i>) Uso da próclise para colocação do pronome <i>me</i> Tratamento de Pinóquio para Pávio: <i>você</i> Sujeito <i>nós</i> não expresso	Uso da ênclise para colocação do pronome <i>me</i> Sujeito de 2ª. pessoa não expresso com desinência de 3ª. pessoa gerando ambigüidade <i>que te dói</i> : poucas ocorrências no Google, influência do italiano.
13	<i>Vou-lhe dizer</i> : sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB <i>Sujeito eu</i> não expresso., preferência do PB (verbos <i>esfregar</i> e <i>encontrar</i>). Uso de expressão quase fixa <i>sem perceber</i> Uso de próclise para o pronome <i>me</i> Sujeito <i>eu</i> expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas	<i>Vou-lhe dizer</i> : poucas ocorrências no Google, objeto indireto pronominal em ênclise ao verbo auxiliar Tratamento de Pinóquio para o Velhinho: não identificável, contrário ao texto italiano Uso de ênclise para o pronome <i>me</i>
14	Sujeito <i>eu</i> expresso com verbo de julgamento (<i>achar</i>) Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo <i>acabar</i>) Sujeito de 2ª. pessoa expresso, <i>senhor</i> , com desinência verbal de 3ª. pessoa. Uso do pronome <i>me</i> em próclise ao verbo principal numa locução verbal. Sujeito de 2ª. pessoa não expresso, preferência do PB (verbo <i>poder</i>)	Sujeito <i>eu</i> expresso na locução <i>eu fico satisfeito</i>
15	Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo <i>inspirar</i>)	<i>inspiro compaixão</i> : não apresentou nenhuma ocorrência, proximidade ao texto italiano <i>compaixão a você</i> : apresentou uma única ocorrência

16	Sujeito de 2ª. pessoa, <i>você</i> , expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa.	Sujeito de 2ª. pessoa não expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa Objeto direto pronominal <i>o</i> , em próclise: uso marginal no PB. Sujeito de 3ª. pessoa não expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas gerando ambigüidade Possessivo anteposto o nome mas não precedido de artigo
17	.Sujeito <i>eu</i> expresso – essencial no caso devido ao significado do verbo. <i>querem comigo</i> : maior número de ocorrências no Google <i>eu ainda não morri</i> : sujeito <i>eu</i> expresso como no texto italiano, parece necessário devido ao significado do verbo; uso do tempo verbal correspondente ao usado no texto italiano	Sujeito de 2ª. pessoa do plural não expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa do plural gerando ambigüidade Uso da ênclise para o pronome <i>me</i> .
18	<i>Se eu te ajudar</i> : grande número de ocorrências no Google; sujeito <i>eu</i> expresso com verbo no infinitivo, objeto direto pronominal, <i>te</i> , em próclise Uso da próclise para o pronome <i>me</i>	Uso da ênclise para o pronome <i>me</i> <i>me correr atrás</i> : nenhuma ocorrência no Google, proximidade do italiano.
19	Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa (verbo ser) Uso da próclise para o pronome <i>me</i> Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo servir)	Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa (verbo chamar): menos ocorrências no Google <i>Sirvo de cão</i> : nenhuma ocorrência no Google
20	Possessivo anteposto ao nome e precedido de artigo Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência no PB (verbo esperar)	Período de 2 orações afirmativas de mesmo sujeito: sujeito <i>eu</i> expresso na completiva e verbo com desinência comum à 1ª. e 3ª. pessoas (verbo levar) <i>Mas eu não tenho</i> : sujeito <i>eu</i> expresso, menos ocorrências no Google do que sem o sujeito Uso do pronome combinado <i>lho</i> , em desuso no PB: influência do italiano. <i>Aqui estão eles</i> : sujeito expresso, desnecessário Objeto direto pronominal <i>los</i> , em ênclise após infinitivo: uso marginal Objeto direto pronominal, <i>lhe</i> , em ênclise

Anexo G – Quadro sinóptico da colocação pronominal na tradução de Rinaldi

Tradução de Gabriella Rinaldi: colocação pronominal e legibilidade		
Excerto	Opção usual no PB falado	Opção não usual no PB falado
1	Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Uso da categoria vazia para 3ª. pessoa do plural para indicar indeterminação Uso do artigo antes do GN possessivizado	Forma de dirigir-se ao pai com pronome possessivo: proximidade ao texto italiano
2	Forma coloquial de Pinóquio chamar o pai: <i>papai</i> Tratamento respeitoso de Pinóquio para Gepeto: <i>senhor</i> Objeto direto: <i>senhor</i> Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa Sujeito <i>eu</i> expresso quando o acento cai sobre o sujeito Uso da próclise para o pronome <i>me</i>	Objeto direto pronominal <i>lo</i> em ênclise
3	Sujeito <i>eu</i> não expresso de acordo com a preferência do PB (verbo pedir)	Pronome <i>eu</i> expresso, não preferencial no PB (verbo saber) Uso da ênclise para o pronome <i>me</i> (2 vezes) <i>Morrer no meu lugar</i> expressão com poucas ocorrências no <i>corpus</i> do Google Possessivo anteposto ao nome, mas não precedido do artigo: diminui a força da expressão
4		Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa
5	Período de 5 orações: sujeito <i>eu</i> expresso numa das 4 frases afirmativas	Objeto direto pronominal <i>as</i> , em próclise: uso marginal (2 vezes) Emprego ambíguo do pronome <i>seu</i> Não foi transcrita a forma respeitosa de tratamento de Pinóquio para com a Fada
6	Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa Tratamento respeitoso de Pinóquio para a Fada, <i>senhora</i> , <i>como</i> no texto italiano Possessivo anteposto ao nome numa forma vocativa	Emprego ambíguo do pronome <i>seu</i>
7	Uso da próclise para o pronome <i>me</i> Tratamento respeitoso de Pinóquio para a Fada, <i>senhora</i> , <i>como</i> no texto italiano Categoria vazia para objeto direto	Sujeito <i>eu</i> não expresso para o verbo <i>ter</i> , contrário à preferência no PB Uso da ênclise para o pronome <i>me</i>
8	Sujeito de 2ª. pessoa expresso quando a desinência é de 3ª. pessoa (2 vezes) Possessivo anteposto ao nome e precedido de artigo Uso da próclise para o pronome <i>me</i>	Uso da ênclise para o pronome <i>me</i> Tratamento de Pinóquio para a Fada: <i>você</i> (inconsistência) Pronome <i>eu</i> expresso quando não usual no PB (verbo ler)
9	Uso da próclise para o pronome <i>me</i> Sujeito <i>eu</i> expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas	Pronome lexical <i>eu</i> desnecessário: alonga a frase. Emprego ambíguo do pronome <i>sua</i>
10	Categoria vazia para objeto indireto Sujeito expresso de 2ª. pessoa expresso com verbo no infinitivo Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa Sujeito <i>eu</i> não expresso em frase negativa	Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa

11	<p><i>E eu que fui</i>: topicalização do sujeito Possessivo anteposto ao nome e precedido de artigo Manutenção da expressividade da expressão <i>e io che</i></p>	<p><i>procurá-lo</i> : objeto direto pronominal <i>lo</i> em ênclise, usual em locução verbal infinitiva, porém o clítico pode referir-se à 2ª. ou à 3ª pessoa gerando ambigüidade <i>espero que você venha</i>: poucas ocorrências no Google</p>
12	<p>Sujeito de 2ª. pessoa expresso com desinência verbal de 3ª. pessoa Possessivo anteposto ao nome numa forma vocativa Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo sentir) Tratamento de Pinóquio para Pávio: <i>você</i> Sujeito <i>nós</i> não expresso</p>	<p>Uso da ênclise para colocação do pronome <i>me</i></p>
13	<p><i>Vou contar</i>: muitas ocorrências no Google, sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB; categoria vazia para objeto indireto Tratamento de Pinóquio para o Velhinho: <i>senhor</i> Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbos roçar e encontrar) Uso de próclise para o pronome <i>me</i> Uso de expressão quase fixa <i>sem perceber</i> Sujeito <i>eu</i> expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas</p>	<p>Uso de ênclise para o pronome <i>me</i></p>
14	<p>Sujeito <i>eu</i> expresso com verbo de julgamento (achar) Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência do PB (verbo contar) Sujeito de 2ª. pessoa expresso, <i>senhor</i>, com desinência verbal de 3ª. pessoa. Sujeito de 2ª. pessoa não expresso, preferência do PB (verbo poder)</p>	<p>Uso do pronome <i>me</i> em ênclise ao verbo principal numa locução verbal. Sujeito <i>eu</i> expresso na locução <i>eu fico contente</i></p>
15	<p>Sujeito de 2ª. pessoa expresso, verbo com desinência de 3ª. pessoa. <i>tem pena de mim</i> : maior número de ocorrências no Google</p>	
16	<p>Sujeito de 2ª. pessoa, <i>você</i>, expresso e verbo com desinência de 3ª. pessoa. (2 vezes) Possessivo anteposto ao nome e precedido de artigo</p>	<p>Objeto direto pronominal <i>o</i> em próclise: uso marginal no PB. Sujeito de 3ª. pessoa não expresso com desinência verbal comum à 1ª. e 3ª. pessoas gerando ambigüidade</p>
17	<p>Próclise para colocação do pronome <i>me</i>. Sujeito <i>eu</i> expresso –necessário devido ao significado do verbo..</p>	<p>Sujeito de 3ª. pessoa do plural não expresso – indeterminação quando não é o caso. Frase não sucinta, contrário ao que ocorre no texto italiano.</p>

18	<p><i>se eu ajudar</i>: ujeito <i>eu</i> expresso e verbo no infinitivo, categoria vazia para objeto</p> <p>Sujeito de 2^a. pessoa expresso e verbo com desinência de 3^a. pessoa</p> <p>Uso da próclise para o pronome <i>me</i></p> <p><i>correr atrás de mim</i> : diversas ocorrências no Google</p>	
19	<p>Sujeito <i>eu</i> expresso em frase afirmativa (verbo ser)</p> <p>Uso da próclise para o pronome <i>me</i></p>	<p>Sujeito <i>eu</i> expresso em frase negativa (verbo chamar): menos ocorrências no Google</p> <p><i>faço o cão de guarda</i> : nenhuma ocorrência no Google, proximidade da expressão italiana</p>
20	<p>Período de 2 orações afirmativas de mesmo sujeito: sujeito <i>eu</i> expresso na principal e verbo com desinência comum à 1^a. e 3^a. pessoas (verbo ter)</p> <p><i>Aqui estão</i>: sujeito não expresso</p> <p>Possessivo anteposto ao nome e precedido de artigo</p> <p>Sujeito <i>eu</i> não expresso, preferência no PB (verbo esperar)</p>	<p>Objeto direto pronominal <i>o/lo</i>, em ênclise uso marginal no PB falado (3 vezes)</p> <p><i>Mas eu tenho</i>: sujeito <i>eu</i> expresso, menos ocorrências no Google do que sem o sujeito</p> <p>Objeto direto pronominal, <i>a</i>, uso marginal no PB falado e gera ambigüidade</p>

Anexo H – Quadro comparativo das opções de uso dos pronomes não favoráveis à legibilidade nas traduções analisadas

Opção		Excertos em que ocorre*		
		Tradução de Colasanti	Tradução de Nasseti	Tradução de Rinaldi
Forma de tratamento não coloquial do filho para o pai		2	1 - 2	1
Sujeito não expresso Possível ambigüidade		7 - 8 - 10 - 10 - 16 - 16	6 - 7 - 8 - 8 - 9 - 10 - 12 - 14 - 16 - 16 - 17	16 - 17
Ausência / Presença do sujeito em desacordo com o PB falado		4 - 5 - 7 - 19 - 20	5 - 10 - 19 - 20 - 20	3 - 4 - 7 - 8 - 9 - 10 - 14 - 19 - 20
Seu / Sua gerando ambigüidade		5	5 - 6 - 9	5 - 6 - 9
Objeto pronominal uso marginal no PB falado	Próclise	2 - 16 - 20	2 - 2 - 5 - 7 - 9 - 16 - 20	5 - 5 - 16
	Ênclise	2 - 3 - 20	3 - 3 - 12 - 13 - 17 - 18 - 20 - 20	2 - 3 - 3 - 7 - 8 - 12 - 13 - 14 - 20 - 20 - 20
Objeto pronominal Possível ambigüidade				11 - 20
Possessivo no grupo nominal: posposto ao nome ou não precedido de artigo		1 - 3	1 - 2 - 3 - 6 - 16	3
Forma de tratamento	Respeitoso	2 - 6 - 8 - 13 - 14	14	2 - 6 - 7 - 13 - 14
	Informal	11 - 12 - 16 - 17 - 18 - 20	2 - 12 - 15 - 16 - 18	8 - 11 - 12 - 15 - 16 - 18
	Não identificável na tradução	5 - 7 - 15	5 - 6 - 7 - 8 - 11 - 13 - 17 - 20	5 - 17 - 20
	Não identificável no excerto do texto italiano	1 - 3 - 4 - 9 - 10 - 19	1 - 3 - 4 - 9 - 10 - 19 -	1 - 3 - 4 - 9 - 10 - 19
Expressões com poucas ocorrências no Google		3 - 7 - 12 - 13 - 15 - 17 - 18 - 19	3 - 10 - 13 - 15 - 18 - 19	3 - 11 - 19
Provável influência do italiano		2 - 3 - 12 - 15 - 17	1 - 2 - 3 - 5 - 6 - 7 - 12 - 15 - 18 - 20	1
*A repetição do número na mesma célula indica repetição da ocorrência.				

Anexo I – Biografia de Marina Colasanti

Marina Colasanti, filha do ator Manfredo Colasanti, nasceu em Asmara, na Etiópia em 1937, tem nacionalidade italiana. Viveu na Etiópia e na Líbia até 1938, nesse ano a família se transferiu para a Itália onde viveu até 1948 quando a família se radicou no Rio de Janeiro. Entre 1952 e 1956 estudou pintura com Catarina Baratelle; em 1958 já participava de vários salões de artes plásticas, como o III Salão de Arte Moderna; estudou Belas artes na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1960. Em 1970 casa-se com o escritor Affonso Romano de Sant'Anna. Quanto à atividade profissional, atuou como colaboradora de periódicos, entre eles o *Jornal do Brasil*, as revistas *Claudia* e *Fatos & Fotos*; foi apresentadora dos programas de televisão *Olho por Olho* (TV Tupi), *Primeira Mão* (TV Rio), *Os Mágicos*, *Sábado Forte* e *Imagens da Itália* (TVE) e roteirista da TV Globo. Em 1968, foi lançado seu primeiro livro, *Eu Sozinha*; de lá para cá, publicaria mais de 30 obras, entre literatura infantil e adulta. Suas crônicas estão reunidas em vários livros onde a autora reflete, a partir de fatos cotidianos, sobre a situação feminina, o amor, a arte, os problemas sociais brasileiros. Participou em 1994 da Fest Fur die Augen: das Kinderbuch in Brasilien, na Feira do Livro de Frankfurt; ainda em 1994, participou CD-ROM do Projeto IBM/Biblioteca Nacional. Em 1998 foi Escritora Residente na Universidade do Texas e conferencista nas Universidades UCLA, Berkeley e Chapel Hill. Em 2001 teve participação no Internationales Literaturfestival. Entre suas obras podemos citar: 1) livros: *A Nova Mulher*; *Eu Sozinha*; *Intimidade Pública*; *Mulher Daqui para Frente*; *Nada na Manga*; 2) contos e crônicas: *Contos de Amor Rasgados*; *Eu Sei, mas Não Devia*; *Longe como o Meu Querer*; *Um Espinho de Marfim e Outras Histórias*; 3) livros infanto-juvenis: *A Mão na Massa*; *A Menina do Arco-Íris*; *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento*; *Entre a Espada e a Rosa*; *O Lobo e o Carneiro no Sonho da Menina*; *O Homem que Não Parava de Crescer*; *O Menino que Achou uma Estrela*; *O Verde Brilha no Poço*; *Ofélia, a Ovelha*; *Será que Tem Asas?*; *Um Amigo para Sempre*; *Um Amor sem Palavras*; *Uma Idéia Toda Azul*; *Zoológico*. No campo da tradução podemos citar as traduções de *Gog* de Giovanni Papini, *La Noia* e *La Romana* de Alberto Moravia, *Franziska* de Fulvio Tomizza, *Il Gattopardo* de Tomaso di Lampedusa, *Pinocchio* de Collodi feitas do italiano; entretanto também traduz do inglês e do francês. Recebeu vários prêmios: em 1979 o Grande Prêmio de Crítica para Literatura Infantil e Prêmio Melhor Livro para Jovens pelo livro *Uma Idéia Toda Azul*, concedidos,

respectivamente, pela Associação Paulista de Críticos de Arte e pela Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil; em 1994 o Prêmio Jabuti de Poesia pelo livro *Rota de Colisão*; o Prêmio Jabuti Infantil ou Juvenil pelo livro *Ana Z Aonde Vai Você?*, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro; em 1998 o livro *Longe Como o Meu Querer* é classificado como Altamente Recomendável para jovens pela Fundação Nacional de Literatura Infante-Juvenil; também em 1998 a tradução *Lejos Como Mi Querer* ganha o prêmio Mejor del Año do Banco del Libro na Venezuela¹⁹⁷.

A respeito das principais dificuldades que encontrou ao fazer a tradução de *Le Avventure di Pinocchio* disse: “o português tem um fator complicante, que mais se complica no coloquial: o tratamento. Usamos o *você* misturado com *seu* e com *teu* numa grande confusão. Usar nos diálogos a forma gramaticalmente correta ‘esfria’, endurece, o diálogo. Em livros para adultos é absolutamente normal usar a forma errada (digamos assim) que utilizamos ao falar. Mas quando se trata de livros para crianças há sempre a questão da adoção nas escolas, e da exigência gramatical”

Afirmou também que a editora não fez nenhuma imposição para a realização dessa tradução, nas palavras de Colasanti: “Chegamos a um acordo pelo qual os adultos falariam da forma correta, e as crianças falariam da forma usual, cotidiana”¹⁹⁸.

¹⁹⁷ MARINA COLASANTI. In: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/poesia/index.cfm?fuseaction=Detalhe&CD_Verbete=587>. Acesso em 02 /04/ 2004.

¹⁹⁸ COLASANTI, Marina. Entrevista concedida via internet em 27/ 08/ 2004.

Anexo J – Biografia de Pietro Nasseti

Pietro Nasseti nasceu em Parma, Itália, no final da 2ª. Guerra Mundial. Aos 23 anos emigrou para o Brasil, morou em São Paulo, onde se formou em odontologia pela Universidade de São Paulo. Abriu um consultório na região do ABC paulista. Foi um pesquisador de terapias holísticas. Na década de 80 entrou em contato com a filosofia univérsica, uma visão de mundo holística criada pelo brasileiro Huberto Rohden. A partir de 1996 começou a realizar trabalhos de tradução para a Editora Martin Claret, principalmente do italiano, inglês e francês. Faleceu após longa enfermidade em janeiro de 2005¹⁹⁹.

Entre os livros que traduziu para a editora estão: *A República* de Platão, *Ética a Nicômano* de Aristóteles, *Hamlet* de Shakespeare, *O Príncipe* de Maquiavel, *As flores do Mal* de Baudelaire, *Discurso do Método*, de Descartes, *Do Contrato Social* de Rousseau, *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche, *O médico eo Monstro* de Stevenson, *Cadeia dos Acontecimentos* de Voltaire, *As aventuras de Pinóquio* de Collodi.²⁰⁰

¹⁹⁹ EDITORA MARTIN CLARET. Informações fornecidas por Rosana Citino, Assistente Editorial, via internet, em 26/ 08/ 2005.

²⁰⁰ Dados obtidos no Google. Acesso em 27/ 04/ 2007.

Anexo K – Biografia de Gabriella Rinaldi

Gabriella Rinaldi é brasileira, filha de italianos originários de uma região da Itália próxima à de “Pinóquio”. Viveu na Argentina até os 10 anos, quando a família se mudou para o Brasil. É arquiteta formada no Brasil. Fala inglês, espanhol e italiano além do português. Em sua casa só se fala italiano. A tradução não é a sua principal atividade, foi praticamente por acaso que surgiu a oportunidade de traduzir livros infantis. Na ocasião em que se dirigiu à Editora Iluminuras com alguns livros infantis para saber se havia interesse em publicá-los em português, a editora estava justamente com esse propósito. A primeira experiência foi a tradução de *Histórias Alegres* de Collodi e depois *Le Avventure di Pinocchio*. Rinaldi não é autora nem tem outros livros traduzidos.

Rinaldi procura traduzir do modo mais fiel possível ao autor, fazendo alterações somente quando a passagem para a outra língua acarreta mudança de significado. Acredita que *Pinóquio* não seja um livro de leitura fácil, mas o tema interessa a crianças pequenas, por isso o considera um livro que deve ser lido para crianças.

Quanto à tradução de *Le Avventure di Pinocchio* afirmou que não houve nenhuma imposição por parte da editora. Sobre as maiores dificuldades que encontrou ao realizar essa tradução disse: “a parte mais trabalhosa foi, sem dúvida, verificar se o português que eu usava estava correto do ponto de vista gramatical. Mudar algumas frases que traduzidas literalmente não ficavam claras às vezes também foi difícil, principalmente porque eu tendo a ‘italianizar’ a maneira de escrever, enquanto era necessário ‘abrasileirar’ o texto”²⁰¹.

²⁰¹ RINALDI, Gabriella. Entrevista concedida via internet em 04/ 08/ 2005.